This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

DP
585
.L85
1897
V.4

BUHR A

[redacted]

a39015 01815395 0b

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817
LIBRARIES

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. IV

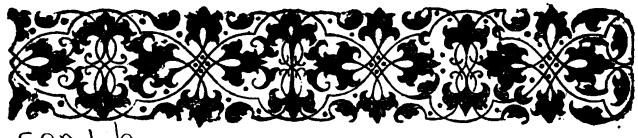
ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

DP
585
.L95
1897
v.4



Gen Lib
Gen Lib
v Beahoven
11-5-70
853684-190
add 10

CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I DE BOA MEMORIA E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO SEGUNDA PARTE

Em que se continuam as guerras com Castella, desde o principio de seu reinado até as pazes. Offerecida á magestade d'el-rei D. João o IV, nosso senhor, de miraculosa memoria. Composta por Fernão Lopes. Anno de 1644. Em Lisboa, com todas as licenças necessarias. Á custa de Antonio Alvarez, impressor d'el-rei nosso senhor.

PROLOGO

Depois do que aconteceu ao Mestre na morte do conde João Fernandes Andeiro, e do al todo que se depois seguiu, mostrando cada uma cousa por onde hu houve seu principio e começo, como tendes ouvido, vos serviu nosso razoado.

Ora ajudando-nos Deus entendemos mostrar, tornando a nosso estylo, todos seus bons feitos, des que começou de reinar até o cabamento de seus bemaventurados dias: e porque em começo de cada um reinado costumâmos poer parte das bondades

de cada um rei, não desviando da ordem primeira, tal ordem queriamos ter com este, mas veiu-nos á memoria o dito de Favorino Philosopho, que nos poz a grande medo, que não ouzâmos de o fazer; o qual diz que mais torpe cousa é pouco e levemente louvar alguma pessoa, que largamente d'ella mal dizer, porque o que pouco louvor diz d'algum, bem mostra que ha vontade de o louvar, mas não acha em elle taes merecimentos porque o grandemente possa fazer, e o que se largamente estende a muito mal razoar d'outrem, bem dá a entender a todos que o odio e malquerença o faz demover a esto.

E porque nós não somos abastante pera compridamente louvar e dizer as bondades d'este poderoso rei, por a dignidade de seus grandes feitos, quizeramos cessar de fallar d'elles, vendo cumpria serem escriptos por um grande e eloquente lettrado que bem ordenara o curso dos merecidos louvores. Mas porque britavamos nossa ordenança de todo, que era cousa de reprender, com grão receio, trigosamente, não embargando a razão allegada, alguns poucos, como costumamos fazer poer dos outros reis, tocaremos em breve d'este.

Ora leixando nós a abastança dos muitos louvores, por causa da brevidade que alguns que ante nós quizeram historiar largo, compridamente se trabalharam de escrever, sómente estes poucos que lhe affirmam como se todos por uma bocca fallassem, poemos assim como elles disseram, razoando d'esta guiza:

Este grande e mui honrado senhor, mais excellente dos reis que em Portugal reinaram, foi sempre bem fiel catholico, em guisa que aquello que no principe mais resplandece, a direita fé, era em elle

comprida, sendo mui devoto da preciosa Virgem, em quem havia singular e estremada devoção. Elle tornou em seu louvor as suas devotas horas em linguagem, apropriando as palavras d'ellas á Virgem Maria e a seu bento Filho, de guiza que muitos tomaram devoção de as rezar, que ante d'ellas não havia relembrança. Elle fez a grandes lettrados tirar em linguagem os Evangelhos e Actos dos Apostolos e Epistolas de S. Paulo, e outros espirituaes livros dos santos, por tal que aquelles que os houvessem, fossem mais devotos ácerca da lei de Deus.

Os actos da sua vida trouve sempre sojugada christã fé, sendo mui obediente ao mui alto Pastor da Egreja, tendo honrada e honesta reverencia aos prelados e ministros d'ella.

Este foi o rei que ennadeu a cruz nas armas de Portugal, por a Ordem de que elle era Mestre; traz uma cruz verde em campo branco por armas, conhecendo que o Senhor Deus o pozera em alto estado de rei, que não era esquecido de amar seus mandamentos, apartando certas horas do dia e da noite pera lhe dar graças e louvores em todas suas bemaventuranças; não se alevantou em soberba, mas sempre em todas louvou a seu Deus, dando-lhe muitas graças, guardando pura fé inteiramente a todos seus vizinhos e contrarios, andando sempre por real estrada, nunca desviou a outra nenhuma parte, como quer que não minguou quem mordesse sua grande fama com dentes de raivosa inveja.

Sua conversação era de grandes e honrosos costumes, e apraziveis mandados de cumprir, uzando sempre de mezuradas palavras e cortezes, e nenhuma torpeza nem villão fallar nunca foi ouvido de sua bocca, nem era sanhudo nem cruel, mas mansa

e benignamente castigava, assim que ambas as virtudes que no rei deve haver: a justiça e piedade, eram em elle compridamente.

Nunca por ligeira cousa moveu guerra contra seus inimigos, mas vendo como a paz é uma assegurada liberdade, muito trabalhava sempre por ser d'accordo com elles, castigando os seus com tal discrissão, que lhes não fizesse nenhum nojo porque se levantasse entre elles desvairo.

Foi de grande entendimento e mui nobre por costumes, digno de grande honra e muito de amar, sendo gracioso companheiro acerca dos senhores fidalgos, e benigno tratador do commum povo.

Não se póde dizer d'este o que feamente se reprende em alguns reis, que como assim seja que um homem adur é abastante pera uma mulher, pero elles leixando as suas, e não sendo de nenhuma, pois lhe uma não avonda, emburilham-se com outras em grande perigo de suas almas e escandálo do povo, mas o louvor d'este em similhante feito é muito de notar, porque tanto que se absteve e castigou de tal vicio, depois que tomou por parceira a mui esplandecente por linhagem e costumes, a rainha D. Filippa, posto que gran casa de mulheres formosas trouvesse, quando livremente em similhante feito podera cumprir seu desejo. E honrou muito e amou sua mulher de honesto e são amor, mas nunca porém sua aprazivel bemquerença recebeu rogos nem preces d'ella ácerca do feito da justiça, porque a não fizesse compridamente.

Entre todas as virtudes que em este rei havia, esplandeceu em elle a virtude da grandeza, da qual em todos seus trabalhos nunca se esqueceu de usar, e portanto eram todos mui teudos de o amar e ser-

vir, porque todos receberam d'elle grandes e assignadas mercês, cada um em seu estado.

Não injustamente foi este rei contado entre os bemaventurados principes, mas ainda os reis que depoz elle vieram, assim como de mestre, por exemplo, aprendam a ordenança do real regimento, de guisa que se mór cousa é reger um reino justa e temperadamente que o haver de ganhar, assaz tem elle de gran parte d'aqueste louvor e gloria, ca posto que se claramente veja que as honras mudam os costumes, faltando em elle esta geral regra, mais parecia digno de reinar por virtudes e boas condições, que por real geração de que descendesse.

Oh! muito nobre principe, fiel e excellencia dos reis que em Portugal reinaram, bem escreveram os que disseram que todas as humanas virtudes floresceram em ti por especial graça, de guisa que por a pouquidade de nosso engenho não somos ouzados de fallar em ellas, e estas poucas que das obras alheias apanhámos, apartamos assim em somma, por não dizerem que britámos a primeira ordenança, des-ahi por tornarmos a seguir nosso simples razoamento.

SEGUNDA PARTE DA CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO O I E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO COMPOSTA POR FERNÃO LOPES

CAPITULO I

Dos officios que el-rei deu a certas pessoas, e d'algumas cousas que então foram determinadas em côrtes.

Posto o Mestre n'aquella real alteza vestida de grande encarrego, e recebido de todos por senhor, ordenou logo officiaes em sua casa, e pera outras cousas necessarias do reino, e leixando Nuno Alvares Pereira que foi feito Condestabre e seu mordomo-mór, fizeram Alvaro Pereira marechal da hoste, e Gil Vasques da Cunha alferes-mór, e João Fernandes Pacheco guarda-mór, Ruy Mendes de Vasconcellos meirinho mór da comarca d'en-

tre Douro e Minho, e Nuno Viegas, o moço, meirinho mór na comarca de Traz os Montes, capitão do mar Affonso Furtado, anadel mór Estevão Vasques Filippe, camareiro mór João Rodrigues de Sá, copeiro mór João Gomes da Silva, reposteiro mór Pero Lourenço da Fonseca, chancerel mór Lourenço Annes Fogaça, e por ser em Inglaterra, em seu logar o doutor João das Regras, escrivão da chancellaria Gonçalo Pires, escrivão da puridade Affonso Martins, abbade que foi de Pombeiro, João Gil e a Martim da Maia vedores da fazenda, thesoureiro mór Lourenço Martins, alcaide que foi de Leiria, Fernão d'Alvares d'Almeida vedor da casa, e deu-lhe el-rei a commenda de Jurumenha, que tinha Fernão Rodrigues de Siqueira, e fel-o Craveiro da ordem d'Aviz, e Fernão Rodrigues fel-o commendador mór, e assim outros officiaes pelo reino segundo viu que cumpria, e o mestrado reteve-o em si.

Das côrtes que então fizera n'aquella cidade, que foram as primeiras que el-rei fez, des-ahi porque alguns queriam saber que cousas pediriam os povos n'ellas a um senhor que novamente elegiam por rei, e que tal desejo mostrava de lhe galardoar seu bom serviço, diremos alguma cousa, e por verdes o modo que se n'ellas teve, posto que todas não sejam nem vão pela ordenança como foram feitas, salvo tocando alguns capitulos em breve de que faremos aqui menção, dos quaes foi um em que propozeram:

«Que bem sabia sua mercê como a melhor e principal cousa que mister era a qualquer senhor ou principe, e isso mesmo a elle, assim era haver bons conselheiros, os quaes andassem sempre com elle pera seu regimento ser mais perfeito e o reino manteudo em direito e justiça. E pois dos conselheiros

procedia muito mal e damno, ou bem e proveito, segundo os conselhos que aos reis davam, que fosse sua mercê de não filhar nem haver pera seu serviço pessoas a elle suspeitosas e duvidosas, pois era cousa de receiar e de grão perigo; e por quanto a elles era dito que elle queria tomar para andarem com elle e serem de seu conselho alguns que eram feitura da rainha e de sua criação, os quaes eram a elle mais suspeitosos e a serviço e honra do reino, e a elles muito damnosos, porque sempre lhe procurariam damno e morte e deshonra, que lhe pediam por mercê que posto que a taes pessoas prouguesse perdoar e trazer comsigo, que lhe não quizesse dar officios nenhuns em sua casa nem na dita cidade. Mas que dos quatro estados do reino, que eram prelados, fidalgos, lettrados e cidadãos, fosse sua mercê de escolher d'estes que lhe nomearam, s. D. João, bispo d'Evora e Ruy Lourenço, deão de Coimbra, e dos fidalgos Diogo Lopes Pacheco, e Vasco Martins da Cunha, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Vasco Martins de Mello; e dos lettrados o doutor Gil Docem e o doutor João das Regras, e o doutor Martim Affonso, e João Affonso d'Azambuja, bachareis em leis.

E disseram entonce os de Lisboa, que por quanto os moradores da dita cidade o amavam mais que outros nenhuns de seus senhorios, e por seu conselho e azo o puzera Deus em aquelle estado em que era, e que sendo aconselhado dos moradores d'ella que sempre Deus encaminharia seu feitos de bem em melhor, como até alli foram, que fosse sua mercê que por honra da dita cidade tivesse sempre em seu conselho um dos naturaes d'ella, qual a cidade escolhesse, e do Porto de tres um, s. Vasco Fer-

nandes Ferraz, ou Martim Abbade, ou Domingos Pires Egyras; e da cidade de Coimbra Gonçalo Estevens ou Alvaro Fernandes, ou Affonso Domingues de Vieira; e de Evora fosse Fernão Gonçalves Darca ou Luiz Gonçalves, ou Pero Sanches.

A estas cousas respondeu el-rei, dizendo que elle com conselho d'aquelles prelados e fidalgos por elles nomeados, e por um cidadão das cidades que disseram, e de Lisboa um, qual ella quizesse e escolhesse, lhe prazia de reger e governar o reino em direito e em justiça, tão bem como aquelles que o melhor regeram, e melhor se melhor podesse ser, como a Deus prazendo os povos bem podiam vêr, e que com os criados da rainha teria aquella maneira que lhe por elles era pedido, e assim o promettia de guardar.

E disseram mais os de Lisboa que bem sabia sua mercê como das cidades que em Portugal havia ella era a melhor e a mais nobre do reino, e pois que as côrtes dos reis e senhores nos melhores logares haviam de estar, que fosse sua mercê que a côrte dos seus desembargos estivesse sempre em Lisboa; e além d'esto, pois que a mór verdade e lealdade do reino havia de ser n'aquelles que trouvessem os sêllos, assim publicos como da puridade, e Lisboa era a principal que sempre mantivera a verdade e lealdade entre todos os outros logares do reino, que por honra da dita cidade lhe pediam por mercê que os sellos encommendasse a quem sua mercê fosse, com tanto que fosse natural da dita cidade, e a outra pessoa os não desse; e disse el-rei que lhe prazia que a côrte estivesse em Lisboa, e que os publicos sêllos não daria a outrem, salvo á pessoa que fosse natural d'ella, e os da puridade a qua ꝫ quer outras que guardassem seu serviço.

E outrosim disseram, que por quanto as cousas que a todos os povos pertencem, e de que todos sentem carrego e cuidado, devem ser chamados a ello pera com seu accordo e conselho se fazerem, e elles d'esto foram privados por el-rei D. Fernando, seu irmão, fazendo as cousas que pertenciam ao estado do reino como lhe aprazia, de que se seguiram muitos males, como era notorio a todos, que lhe pediam por mercê que não fizesse paz nem guerra sem seu accordo, nem tomasse casamento.

«A guerra e paz, disse el-rei, que a faria aquella que começada tinha por honra e defensão do reino, que não entendia de começar outra sem accordo e conselho d'elles, e quanto era em effeito de seu casamento, que pois que os casamentos haviam de ser livres, e os reis que ante elle foram em casar eram izentos, que elle não se obrigava a prometer tal cousa, pero seu talante era de o fazer, quando a Deus prouvesse de o prover d'ello isso mesmo».

Dos geraes casamentos se aggravaram muito os povos, dizendo que el-rei D. Fernando e a rainha sua mulher, por cartas de rogo faziam casar contra suas vontades assim mulheres viuvas, como outras que estavam em poder de seus padres e parentes, não sendo esses com quem casavam pertencentes pera ellas, e se casar não queriam, mandavam-n'as chamar e traziam-n'as a por si quatro ou cinco mezes, despendendo o que haviam, e o peor d'esto que alguns em breve tempo gastavam o que ellas tinham em maus uzos e costumes, deitando-as em grandes minguas e proveza, a qual cousa era contra consciencia e serviço de Deus, e contra a lei porque os casamentos hão-de ser feitos, e que pediam por mercê que taes cartas e casamentos não quizesse fazer.

A esto respondeu el-rei que não entendia fazer casar ninguem contra sua vontade, e posto que cartas de rogo passasse sobre taes cousas, que cada um fizesse o que entendesse por seu proveito, ca elle não entendia de lhe fazer força nem desaguisado por ello, e que cada um respondesse ousadamente, e não curasse de taes cartas.

A defeza de não matarem cervos nem perdizes em termo da dita cidade, sob certa pena de dinheiro, lhe pediam por mercê que tirasse de todo, ca aos reis se seguia d'ello mui pouco proveito, e o povo padecia muitas sobrancerias e affrontas dos couteiros, prendendo-os e levando d'elles grandes peitas assim de dinheiros como d'outras cousas porque eram damnificados. Disse el-rei que lhe prazia, e alevantou-lhe tal defeza, promettendo de nunca lhe ir contra ello.

Estas e outras muitas cousas que não fazem mingua de se aqui escreverem, outhorgou el-rei com bom desejo e vontade á cidade de Lisboa, promettendo e jurando de os manter em direito e justiça e lhe guardar todas as graças e privilegios que lhes dados havia, e seus bons fóros e costumes que houveram em tempo d'outros reis, e por segurança e confirmação d'esto lhe mandou dar esta seguinte carta, a qual nos parece que é bem que vós vejaes, por serdes em conhecimento de seu bom desejo e vontade ácerca dos povos.

CAPITULO II

Da carta que el-rei deu á cidade de Lisboa por confirmação de seus privilegios.

Dom João por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, a quantos esta carta virem, fazemos saber que nós consirando os grandes e estremados serviços que a mui nobre e leal cidade de Lisboa ha feitos a estes reinos, dos quaes nos Deus deu encarrego de regimento, e a nós outrosim em nos ajudar a defender os ditos reinos de nossos inimigos, duros e de gran poder, assim como el-rei de Castella que contra razão e direito nos queria subjugar e os ditos reinos que havemos de defender, ajudando-o a ello muitos maus portuguezes que segundo traziam natureza e fé que promettido tinham, devérão de ajudar a defender os ditos reinos contra o dito rei de Castella e contra outros quaesquer que lhe empecer quizessem, e elles fazendo o que não deviam se oppunham e se oppozeram quanto em elles foi a servirem el-rei de Castella com os corpos, villas e logares e castellos d'estes reinos, por os quaes haviam feito menagem de os defender a el-rei Castella, e o dito reino, e lhe fizeram menagem dos ditos castellos em mal e destruição nossa e dos ditos reinos. E a dita cidade como aquella que sempre foi e é a leal e verdadeira a estes reinos, sempre trabalhou e trabalha por honra d'elles, de não cahirem na dita sujeição, e não temendo prema do dito rei, nem seu poderio, nem as

ameaças que a ella e ao dito reino fazia, porque a dita demanda era justa e direita por direito divinal, natural e civil, segundo conselho de muitos cavalleiros antigos, doutores e outros fidalgos e escudeiros assaz discretos e outros cidadãos naturaes da dita cidade, que por razão e direito eram prestes de defender estes reinos se lhe a ello fôra dado logar, que per elles ao dito rei foi requerido, o qual lh'o denegou como aquelle que contra razão e direito queria subjugar estes reinos e a dita cidade.

Outrosim ella com seus moradores e naturaes vendo como todos os que haviam encarrego de os deffender se desamparavam d'ello e eram em ajuda de nossos inimigos, como aquella que é leal e verdadeira se trabalhou sempre de ajudar estes reinos e se oppoz em os defender com seus moradores e naturaes, poendo seus corpos em aventura, espargindo muito do seu sangue e despendendo muitos dos seus bens e haveres, leixando damnar muitos dos seus bens por honra e defensão d'estes reinos, e nos tomaram por seu rei e senhor. A qual defensão se se a dita cidade não oppozera todo o reino se perdera por o poderio do dito rei e ajuda dos maus portuguezes.

Porém nós esguardando todas estas cousas e cada uma d'ellas, e por tão leal obra não ficar sem galardão, assim que aquelles que bem fizeram hajam bom galardão, por ser exemplo a outros que depois de nós vierem, de bem fazer, havido primeiramente conselho solemne, qual se a tal auto requer, com grandes e sezudos e ricos homens, cavalleiros e dignidades, bispos e outros prelados e lettrados do nosso conselho, e outros muitos cidadãos chamados em côrtes especialmente pera esto,

s. Vasco Martins de Sousa, e Nuuo Alvares Pereira, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Gonçalo Gomes da Silva, e Vasco Martins da Cunha, e João Rodrigues Pereira, e Vasco Martins de Mello, e João Fernandes Pacheco, e Mem Rodrigues, e Ruy Mendes de Vasconcellos, e Martim Vasques, e Vasco Martins, e Gil Vasques, e Lopo Vasques da Cunha, e outros muitos cavalleiros e escudeiros, com o arcebispo de Braga, e com o bispo de Lisboa, e de Evora, e do Porto, e de Lamego, e o da cidade da Guarda, e com o abbade d'Alcobaça, e o prior de Santa Cruz, e com outros muitos prelados, e com o doutor Gil Docem, e o doutor João das Regras, e com o doutor Martim Affonso, do nosso conselho, e com o conselho d'Evora, e de Coimbra, e do Porto, e de Lamego, e de Estremoz, e de Thomar, e da Guarda, e Silves, e Beja, e com outros muitos conselhos e cidadãos, querendo-lhe galardoar os serviços que a nós e aos ditos nossos reinos ha feitos, por as razões susoditas, porque o havemos por prol dos ditos reinos, de cujo regimento havemos encarrego por a dignidade que nos Deus deu, de que foi ajudador a dita cidade; e de nosso poder absoluto lhe damos e outhorgamos, e approvamos, e confirmamos todos os privilegios e liberdades dos uzos, fóros e costumes que até aqui houveram por os reis que ante nós foram, e de que uzarão sempre sem outro dizimento.

Outrosim lhe outhorgamos e damos as graças, mercês, e doações, e liberdades, e privilegios nos capitulos conteudos por elles pedidos, os quaes todos a cada um d'elles queremos e mandamos de nossa certa sciencia e poder absoluto e proprio movimento, ou por outra qualquer maneira, e guisa,

e fórma que melhor podem valer e ser firmes e valiosos, não embargando leis nem decretaes, nem outro qualquer direito que contra esto seja, ou porque possam menos valer, os quaes aqui havemos por expressos e especificados, se mister é especificação ou expressão, e promettemos e juramos de os guardar e manter e de nunca irmos contra ellas em parte nem em todo; e rogamos a todos os nossos successores, de qualquer condição que sejam, que as guardem e mantenham, e façam cumprir e guardar aos seus subjeitos, aos quaes, quanto em nós é e o podemos fazer lançamos a maldição, se o contrario d'esto fizerem, e em testemunho d'esto lhe mandamos dar esta nossa carta.

Dada na nossa cidade de Coimbra, dez dias d'Abril da era susodita de de 1423.

CAPITULO III

Dos logares que el-rei deu a Lisboa por termo.

Se dizem que aquelle é proprio beneficio, o qual se outhorga sem pedir, e tem sua original nascença na bondade do outhorgador, bem se póde dizer esto do nobre rei D. João, porque vendo elle como a cidade de Lisboa fôra a verdadeira madre e criadora d'estes feitos, não satisfazia a seus desejos os privilegios e liberdades que lhe dado tinha, parecendo-lhe mui singello galardão, em respeito do que era merecedor. E por a fazer mais nobre e mais honrada, e seu grande e natural ser-

viço ficar em memoria por sempre, ordenou de lhe dar muito maior termo do que tinha, outhorgando-lhe por sua carta, cujo começo é este:

«Dom João, pela graça de Deus de rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós vendo e consirando os muitos e grandes serviços que a nós e a estes reinos e moradores fez a mui nobre cidade de Lisboa, poendo-se a todo perigo por nós todos sahirmos fóra do mal e sugeição a que nos queria trazer el-rei de Castella, contra razão e direito como é claro e notorio em toda a Hespanha, e que portanto em galardão de seu serviço de nós deve haver alguma cousa porque ella seja a mais nobre e mais honrada que nos ditos reinos ha. Por onde nós vendo e consirando seus grandes e bons serviços, e querendo fazer graça e mercê á dita cidade, honramol-a e privilegiamol-a e damos-lhe e doamos e outhorgamos por seu termo e aldeia, a nossa villa de Cintra com seus termos e aldeias, e mandamos e queremos que a dita cidade de Lisboa na dita villa de Cintra e seus termos possa fazer e ordenar todo aquello que fazer póde em si e nos termos que ora tem», com outras clausulas e condições na dita carta conteudas; e mais lhe doou por termo Torres Vedras e Alemquer, com todas as suas aldeias, isso mesmo Mafra, Collares, e a Ericeira e Villa Verde, e todas as outras villas e logares que são des o termo d'Alemquer até a dita cidade, assim como vae a ribeira do mar, salvo Arruda e Villa Franca, que eram de mestrados. Assim que o termo da cidade chegasse até oito leguas, e os moradores das ditas tres villas que lhe assim damos por termo, assim homens d'armas e de cavallo como peões e besteiros haviam de sahir

com seu pendão cada uma, quando requeridos fossem pera acompanhar a bandeira de Lisboa quando fora sahir por sua defensão e guarda da Ribeira, ou a outro logar por serviço d'el-rei, e esto á custa e despeza d'estes concelhos, acompanhando sempre as gentes da cidade e pouzando em seu arraial.

Similhavelmente vendo el-rei como a cidade do Porto havia feitos ao reino grandes e estremados serviços, deu-lhe por termo todo o julgado de Bouças e da Maia e da Gaya, que conjunta com ella, e Penafiel de Sousa, e Villa Nova da par de Baião, e d'esto mandou fazer cartas ás ditas cidades, segundo a cada uma cumpria.

CAPITULO IV

D'algumas cousas que n'esta sazão aconteceram.

PORQUANTO um dos capitulos que el-rei n'estas côrtes outhorgara, assim foi que alçasse as cizas e não lançasse peitas, pois lhe os povos prometiam dar todo o que lhe cumprisse pera sua guerra, ordenaram os conselhos entre si que se tirasse logo um pedido pera a paga do soldo e fazer moeda, em que montasse quatrocentas mil livras, que eram umas cem mil dobras; e estes dinheiros se haviam de pagar em graves e barbudas, e dinheiros meudos, ou em prata, se algum dar quizesse, e d'estas moedas haviam de fazer outra não tão boa, de guisa que sua multiplicação houvessem hi avondo pera soldo das gentes e das ne-

cessarias despezas, e assim foi que por accordo de todos mandou el-rei lavrar moeda de reaes de lei de um dinheiro, que valia cada um dez soldos, e eram seus thesoureiros, Persival, da que se fazia em Lisboa, e Martim Lourenço, pae dos doutores, da moeda que lavravam em Evora.

E sendo el-rei conhecedor de todo o bom serviço e não lhe esquecendo as pressas e tribulações que os d'Almada padeciam, sendo cercados d'el-rei de Castella, mandou que os moradores d'ella não pagassem entonce nenhuma cousa de que montasse á sua parte d'aquelle pedido.

Outrosim n'esta sazão chegou a Lisboa uma galé de Genova, em que vinha um doutor e um cavalleiro, por embaixadores da parte do commum de Genova, por fallar ao Mestre, que já era rei, sobre as mercadorias que lhe foram tomadas acerca do porto da dita cidade, nas duas naves, como o tendes ouvido. E vindo a Coimbra, e posta sua embaixada, houveram d'ello tão doce resposta, que a poucos dias com boa esperança se tornaram ledos pera sua terra.

Ora sabei que el-rei de Castella estando em Sevilha, e depois que veiu a Cordova, todo seu trigoso cuidado era juntar gentes e armas, frota assim de naus como de galés, pera enviar sobre Lisboa por lhe fazer todo o nojo que podesse, e tolher os mantimentos que lhe por mar vir podiam, e jazendo a este tempo dez galés das suas ante o porto da cidade, um domingo dois dias d'Abril, a hora de vespera, sendo aquelle dia festa da Paschoa da Resurreição, appareceram dois navios da ponta de S. Gião pera dentro, que são tres leguas da cidade, que era uma nau e uma barca de Inglaterra

que traziam trigo e gentes de armas pera o reino, e vinham alongadas uma d'outra quanto podia ser uma legua.

As galés como viram a barca que vinha diante, foram-n'a todas receber e combateram-n'a de toda parte, crendo, o que era razão de cuidar, que já aquella era sua; os inglezes defendendo-se fortemente maguavam mui mal ás frechas os das galés, e em pelejando prouve ao Senhor Deus que contra vontade dos castellãos, havendo a barca bom tempo, sahiu-se d'entre elles e veiu poer a ancora ante a cidade, á porta do mar, e em se tornando as galés e leixando a barca, viram vir a nau com pouco vento, e foram-se todas a ella, e se ante bem combateram a barca, muito melhor e mais de vontade combatiam a nau, a qual se defendia tão bem que lhes dava que fazer. Em esto a gente da cidade era muito fóra por terra ao longo da ribeira, assim de pé como de cavallo, se aqueceria cousa alguma que os ajudar podesse, isso mesmo quantos olhavam esta peleja, assim homens como mulheres, que era muita gente a vêr, não faziam senão bradar a Deus e a Sua preciosa Madre, chamando S. Jorge e S. Vicente, que fossem em sua ajuda e accorro.

Muitos choravam, fazendo estas orações, e o vento afracando cada vez mais, a todos parecia que n'ella não havia conselho senão ser tomada, e sendo em gran pressa, inclinado o mui alto Deus ás preces de tanto povo, supitamente, como se criado fosse de novo, nasceu um vento em boa avondança, o qual tirou a nau d'entre seus inimigos e a trouve ante a cidade em salvo, e contando esto assim como milagre, davam todos muitas graças a Deus que os quizera livrar de tão grão perigo; e foram

n'esta peleja segundo fama, mortos das galés bem dozentos e cincoenta, afóra muitos feridos, dos navios ambos morreram quatro, e alguns outros houveram feridas, e estes inglezes que n'elles vinham receberam logo por mandado d'el-rei soldo, e foram-se pera Evora, onde haviam de haver bestas pera serem encavalgados e irem servir onde os mandassem.

A'cerca da vinda d'estas naves e da batalha que houveram com as galés de Castella, é de muita consideração uma carta que escreveu Gonçalo Domingues, conego de Lisboa, a D. Frei João d'Ornellas, abbade de Alcobaça, contando-lhe o successo d'ella, que se guarda no cartorio d'aquelle mosteiro, e é a seguinte:

A D. abbade de Alcobaça

Gonçalo Domingues, conego de Lisboa

Senhor:

Vosso servidor Gonçalo Domingues, me envio encommendar em vossa graça.

Faço saber que dia de Paschoa chegaram a esta cidade duas naves de Inglaterra, convém a saber, uma nau e uma barca, nas quaes vem dozentas lanças e dozentos flecheiros, pagados o primeiro quarteiro, que se começou sexta feira ante Ramos. E vem em ellas quatrocentos moios de trigo e muita farinha e toucinhos; ellas trouve Deus em salvo apezar de dez galés de Castella, e muito á custa das gentes d'ellas *miraculose* obrando, e por esta guisa:

Depois meio dia appareceram no mar juntamente as galés armadas e pavezadas, as gentes d'ellas

foram contra as naves. A hora depois de vespera enviou Deus vento de sua graça á barca, por a qual razão as galés lhe deram logar, seguindo pero a longe *ut Petrus Christum*, e como amainou junto ao Hospital d'El-Rei, chegaram as galés e combatendo com as setas, pero uma que mais se chegou, houve por seu barato de não estar muito acerca d'ella, e partiu-se com salsa pimentada, que queima bem, ca segundo dizem o patrão foi morto e outros muitos. Das outras, que arredadas estavam, muitos foram mortos e os demais feridos com flechas que eram lançadas por a galé a longo. Assim que as demais das flechas ficavam na galé e poucas se perderam no mar. Este combate deram por espaço de uma hora, convem a saber, vindo umas galés a ella, e estas salmoiradas, vinham as outras, até que viram que não lhe era proveitoso de seguirem aquelle caminho. E partidos, a nau ficou em S. Gião. E pera Deus mostrar suas maravilhas e seu poder leixasse acalmar o vento, de guisa que a nau não podia bem vir, á qual chegou uma das galés, fingindo-se de Portugal e mostrando as Quinas que trazem no cabo das bandeiras, e tendo as armas de Castella envoltas. Pela qual razão tomaram os da nau uma corda da galé. Portugal e S. Jorge.

Todavia como Deus deu a entender aos da nau que em engano fallavam com elles, ca de todo os induzia que amainassem, talharam o cabo da corda e começaram a tirar ás flechas, e vindo-se a nau pera a villa mui passo, ca o vento era mui pequeno, chegaram a ella quatro galés combatendo-a mui fortemente, e des-ahi as outras quatro galés por tal guisa que todos os da cidade desperavam d'ella, e não ficava egreja que não fosse cheia de companha

onde se faziam muitas inclinações, promettendo muitos votos de missas, jejuns, romarias, ferindo-se muitos peitos, cantando-se muitas litanias, tratando com gran efficacia grandes e pequenos, moços e velhos, homens e mulheres, todos a Deus que com a sua misericordia accorresse, cada um chamando o Santo em que maior devoção havia, e especialmente S. Lourenço, senhor dos ventos, e S. Vicente, patrão e defendedor da cidade, dizendo-lhe que ante a sua casa não deixassem forçar, nem fazer vilta nem deshonra, e mórmente por aquelles que eram scismaticos e herejes. Dos quaes aos piedosos corações Deus do muito alto olhando, e por exalçar a sua Santa Egreja e fé catholica, tomou em sua guarda e defendimento a dita nau e gentes d'ella, ca como quer que vento não houvesse, e fortemente e por muito e grande espaço que combatida fosse, pero tragia-a pera a cidade. E a uma galé que se antepoz por a empachar, porque não havia vento, quebrantou bem cincoenta remos, e das outras fez embrulhar e empachar em um.

Os das galés se tornaram com deshonra a sua grande perda, a muitos folares, mas não de ovos, mas muitas flechas, e com a ira de Deus que veiu sobre elles, ca muitos foram mortos e mui muitos feridos. Pera Restello se foram, onde estiveram até depois meia noite, que se foram a Santa Catharina a enterrar os mortos, onde estiveram e estão ainda fazendo seu dó, e chorando sua má ventura que lhes Deus deu, e dará mais adeante. *Quod ipsis concedere dignitur: contra.*

Dos inglezes morreram... e foram feridos dezeseis. As novas, senhor, são:—um bom navio pequeno em que vinham quarenta e cinco lanças, e

outros tantos flecheiros aportou a Setubal em salvo, segundo ouvi dizer: *ab incerto authore;* uma nau outra vinha em companha d'estas, em que vinham cento e cincoenta lanças com seus flecheiros, e por fortuna copartiu-se d'estas, e segundo crêem estes será já no Porto, onde estes quizeram aportar, e Deus não quiz por mandar má Paschoa aos das galés.

O mestre de Santiago e Lourenço Fogaça fizeram por Portugal e os reis d'elle liga e confederação com a casa e reis de Inglaterra, e d'aqui hão a ir dez galés pagadas á custa de Portugal, e da la hão a vir setecentas lanças pagadas á sua custa.

Estas novas me disse Silvestre Estevens, e estas mandou a el-rei. *Alia non sunt digna relatu. Dominus vos conservet feliciciter, e longave.*

Peço-vos por mercê que me hajades por vosso.

Escripta tres dias d'Abril.

CAPITULO V

Como o Condestabre partiu pera o Porto, e das razões que disse aos seus.

ORDENOU el-rei de se ir ao Porto por conselho do condestabre, com intenção de cobrar alguns logares, dos que n'aquella comarca d'entre Douro e Minho tinham voz por el-rei de Castella, e antes que partisse de Coimbra, porque não tinha boa suspeita de Gonçalvo Mendes de Vasconcellos, especialmente por ser devido da rainha

D. Leonor, teve que era bem de lhe tomar d'aquella cidade o castello, e dal-o a outrem de que fosse seguro, e fallou com Vasco Martins de Mello, que como o visse fóra do castello, que entrasse dentro e o tomasse, e Vasco Martins fel-o assim, da qual cousa, posto que muito desprouguesse a Gonçalo Mendes, pero el-rei o contentou de tal guisa, com outras mercês que lhe fez, que foi todo pacificado, nem Mem Rodrigues, nem Ruy Mendes seus filhos, que tempo haviam que andavam com el-rei, não fizeram d'esto grande conta, porque se arreceavam de poder seu padre fazer alguma cousa com aquelle castellò, de que a elles podesse vir prasmo e pouca honra. Entonce o deu el rei a Lopo Vasques de Sequeira, commendador mór que depois foi d'Aviz, que sempre o teve até sua morte.

Estando el-rei n'este proposito, chegou-lhe recado de Lisboa como da frota d'el-rei de Castella era já gran parte ante a cidade, e que mui cedo seria hi toda; e el-rei contou este recado ao condestabre que lhe viera, e fallando com elle que maneira lhe parecia que se devia em ello ter, com bom desejo que havia de o servir, respondeu entonce, e disse que sua mercê fosse de lhe dar licença, e gentes algumas, que razoadas fossem, que com as que elle tinha, e com ellas por lhe fazer serviço, que elle iria pelejar com a frota, e el-rei respondeu que lhe agradecia muito, dizendo que aquella era a sua vontade, ainda que lh'o até entonce não tivesse dito.

Deu-lhe entonce recado pera a cidade do Porto, e elle partiu logo de caminho pera ir a concertar sua ida, e quando chegou lá, achou sua mulher e sua filha D. Beatriz, que depois foi condessa, que pouco havia que viera de Guimarães, onde por tem-

po foram reteudas, porque o logar estava por Castella, e um fidalgo parente d'ella, que chamavam Gonçalo Pires Coelho, que estava no castello do dito logar as trouve ao Porto furtivelmente, e se tornou a Guimarães.

O conde foi mui ledo de vêr sua mulher e filha, e com toda sua ledice não lhe esqueceu o que el-rei mandava fazer, e fez chamar todos os melhores da cidade, e os mareantes a que esto pertencia, e fallou com elles o porque el-rei o havia mandado, e havido seu conselho, e dada depois a resposta ao conde, acharam que não se podia fazer, que fosse com honra do reino e serviço d'el-rei.

Entonce cuidou o conde em sua vontade de ir em romaria a Santiago de Galliza, e esto por tres razões, a primeira por fazer serviço a Deus, a segunda porque todos os logares d'aquella comarca estavam por Castella, e trabalhar de tomar alguns, a terceira porque a mór parte dos seus iam desencavalgados e vêr se os poderia encavalgar por a terra que é de muitas bestas. Esto determinado em seu entendimento, fez juntar os mais dos homens d'armas que comsigo levava, dentro no mosteiro de S. Domingos, e fallando a todos propoz d'esta guisa:

— «Amigos meus, eu entendo, com ajuda de Deus, de vos levar a tal terra, onde todos sejaes abondados e acheis as cousas que vos mister fizerem, e pera forragem em começo de vossa partida, vos pagaram logo soldo d'um mez, ca por ora não ha hi mais dinheiro, de que se pagar possa, e com esto vos rogo que vos façaes prestes sem poer em ello alguma detença, e não vos annojeis por ser pouco, que prazendo a Deus vos ireis a terra aonde acheis o que vos cumprir, e rogo-vos muito e encommen-

do-vos que emquanto andardes pelo reino, não que a el-rei meu senhor façam guerra, antes lhes despraz muito d'ella, mas não podem mais fazer quanto é dos mantimentos, tomae aquelles que se escuzar não poderem, e das bestas por onde as achardes, tantas de que vos encavalgueis, e rogo-vos amigos, quanto posso que todos vades bem enfestados e amigos, e sem malquerença uns dos outros, e por esto vos ajudará Deus muito mais e vos fará vencedores de vossos inimigos, que sede bem certos que se d'esta guisa fordes, que posto que venham a vós mil lanças nem duas mil, nem ainda todo o poder de Castella, que sem receio havendo fiuza em Deus, vós podereis pelejar com elles; e pois não tendes villas nem castellos a que vos acolhaes, senão todavia aguardal-os no campo. Esto que vos encommendo deveis ter muito em vossas vontades.

A esto responderam todos os escudeiros e homens d'armas que presentes eram, dizendo que de todo o que dissera lhes prazia muito, e que assim o entendiam de fazer, sem lhe declarando porém o conde que terra haviam de levar.

CAPITULO VI

Como o condestabre tomou o castello de Neiva.

Depois que o conde por estas breves palavras notificou aos seus toda sua intenção, partiu um dia depois do comer, por ir dormir a um logar que chamavam Leça, que é uma grande legua do Porto, levando comsigo cento e cincoenta escudeiros encavalgados e mais não, e d'alli se juntaram todos os seus a elle, que iam de pé armados; e indo já fóra da cidade seu caminho, a sua azemula da cama sahiu detraz de toda a gente e sahindo por uma porta da cidade, que chamam do Olival, por onde o condestabre sahira, a azemula com a cama caiu morta em terra; o que todos os que o viram e houveram por maravilha e signal d'alguma cousa; e alguns levaram estas novas ao condestabre ao caminho onde ia, dizendo lhe, que por aquello não era bem ir mais adeante, e que se tornasse em toda guisa.

E elle desprezando todo o agouro e pensamento vão, que algum sobre esto podia cuidar, disse que não curava d'aquello, e mandou que pozessem a cama em outra besta e que se fosse em poz elle, e dizem que logo aquelle dia haveiu assim que acerca d'aquella porta, onde a azemula morreu, o espirito maligno tomou um homem e fallou d'elle muitas cousas entre as quaes disse, que elle matára aquella azemula cuidando que por amor d'ella o condestabre não fosse mais adeante, onde havia de

fazer muito boas cousas, e que elle tão grande fé levava comsigo que se lhe não torvou nenhuma cousa, nem leixou de continuar seu caminho, e que se rependia do que tinha feito, pois que mais não aproveitara.

O conde chegou a Leça e dormiu hi essa noite, e em outro dia partiu do logar. E indo pela comarca, se vieram pera elle quarenta homens d'armas de bons escudeiros, assim gallegos como portuguezes, dos que estavam pelos logares que por Castella tinham voz, e muitos homens de pé.

E ao conde prougue muito com elles, e lhe deu de si grande gazalhado e bom acolhimento, e isso mesmo lhe vinham muitas bestas porque sabiam que levava suas gentes desencavalgadas, as quaes elle logo repartia segundo a cada um fazia mister, de guisa que quando chegou áquem Darque, que são d'alli oito leguas, já com elle iam bem quatrocentas lanças encavalgadas com bacinetes levantados.

E indo assim seu caminho chegaram um dia a horas de vespora, a par de um logar que chamam Neiva, que são sete leguas do Porto, castello muito forte e bem defendente, que tinha voz por Castella; no qual estava por alcaide um genro de Lopo Gomes de Lyra, e como foram alojadas as gentes do condestabre, se foram acerca do castello por escaramuçar com os do logar, não sabendo o conde d'esto parte; e em se envolvendo uns com os outros, vieram-n'o dizer ao conde, e elle foi logo lá pera o tomar se podesse, e combatendo-o mui rijamente de toda a parte, deu um virotão ao alcaide pela visagem do bacinete, que logo foi morto, e o castello entrado por preitezia, e a mulher do al-

caide, filha de Lopo Gomez, se veiu ao condestabre, pedindo-lhe por mercê que lhe não fosse feito nenhum desaguisado, e que sua honra fosse guardada, e elle respondeu que lhe prazia muito, e que não houvesse nenhum receio.

E outro dia pela manhã a mandou honradamente com certos homens de pé e de cavallo a Ponte de Lima, que eram d'alli quatro leguas, onde seu padre estava por fronteiro, da parte d'el-rei de Castella, e foi o castello de Neiva roubado de bestas e dinheiros, e roupas e alfaias, e outras muitas cousas que em elle estavam, e leixou o conde por guarda d'elle Pedro Affonso do Casal com certos homens d'armas e de pé.

CAPITULO VII

Como o Conde tomou Vianna

TOMADO assim o castello de Neiva, sem mais tardança, no seguinte dia, partiu o conde pela manhã com a sua gente e chegou bem cedo a Vianna, que era uma legua de Neiva, a qual tinha voz por Castella, e estava em ella por alcaide um irmão de Lopo Gomes, que se chamava Vasco Lourenço de Lyra, e começou de a combater afincadamente por todas as partes, vindo muitos homens da terra ajudal-o a este combate; e pozeram fogo ás portas da villa, de guisa que arderam todas, e por o combate ser afincado, e mui porfioso, foi derribado Diogo Gil, alferes do condestabre, e

morto de um canto que deitaram de cima, um bom escudeiro, que chamavam Fisos, que era o mór homem e mais valente que havia, não sómente no reino, mas em toda Hespanha, criado d'el-rei D. Fernando, de que ao conde pezou muito.

O alcaide em se defendendo deram-lhe com um virotão pelo rosto, e sentindo-se ferido, e as portas da villa que ardiam já, entendeu que não havia em ello conselho, senão ser entrado por força, e não o podendo mais soffrer, preitejou que cessassem do combate e que sahissem, elle e os outros, em salvo com todo o seu, e que lhe daria o logar, e ao conde aprougue d'ello, e houve logo a posse d'elle, e foi a esse dia pouzar dentro e algumas de suas gentes.

Vasco Lourenço, o alcaide, se foi com os seus a Ponte de Lima, onde seu irmão Lopo Gomez estava, e quando o viu ir assim desbaratado mandou-o logo a Braga, e levou recado que lhe entregassem o castello que Lopo Gomez tambem tinha por el-rei de Castella.

CAPITULO VIII

Dos logares que se deram ao condestabre sem peleja e de seu grado.

HAVENDO tres dias que o condestabre tomara Vianna, rogando aos moradores do logar que fossem bem firmes e assocegados em serviço d'el-rei seu senhor, e que fizessem juizes e officiaes em seu nome d'elle; propoz todavia de ir a

Galliza, terra de Castella, e des-ahi a Santiago, como tinha ordenado, e movendo seu caminho pera lá, os homens bons de Villa Nova da Cerveira, que eram d'ahi quatro leguas, e isso mesmo os de Caminha, sabendo como elle tomára por força Vianna e o castello de Neiva, que eram tão fortes, temendo-se de irem sobre elles, mandaram-lhe pedir por mercê que o não fizesse, mas que mandasse quem recebesse os logares, e logo lh'os entregariam, ca elles portuguezes eram, e queriam ser servidores d'el-rei e do reino; e d'esto foi o conde mui ledo, e deu muitas graças a Deus por tão bem encaminhar seus feitos, e mandou lá certas gentes receber os logares e poer n'elles guarda, qual cumpria a serviço d'el-rei, e indo mais adeante chegou ao rio de Minho, e por não se poder passar se apozentou em uma boa aldeia acerca d'elle. E ahi lhe chegou recado de Monção, que outrosim estava por Castella, porque lhe enviaram dizer os do logar que lhes era dito que queriam ir sobre elles, e que lhe pediam por mercê que não fosse a ello, ca elles verdadeiros portuguezes eram e queriam ser, e que elle mandasse receber a villa pera el-rei, e logo lh'a entregariam com boas vontades, pela qual razão elle mandou logo receber o logar, e foi-lhe entregue e posto em elle recado, qual cumpria a sua segurança.

Ora fique o conde em esta aldeia cuidoso assaz pera buscar vau, e nós vamos pera el-rei a Coimbra, e tragamol-o ao Porto.

CAPITULO IX

Como el-rei chegou á cidade do Porto, e foi recebido dos do logar.

PARTIU el-rei de Coimbra pera o Porto, como tinha ordenado, que eram d'alli dezoito leguas da cidade, onde nunca fôra, nem a logar aonde a devisar podesse.

Esta cidade é situada junto com o rio, a que chamam Douro, na qual se fazem muitas e boas naus e outros navios, mais que em outro logar que no reino haja.

E' mui profundo este rio, e vae acerca d'ella, de guisa que do sisbordo da nau põem prancha em terra quando querem ir pera dentro aquelles a que aprouguer de o fazer. Os d'esta cidade sabendo que el-rei havia de vir a ella, fizeram-se prestes de o receber, estabelecendo por mandamento que nenhum uzasse de seu officio, e que todos aquelle dia cessassem dos acostumados trabalhos, o qual recebimento ordenaram d'esta guisa:

Todas as naus que eram no rio, muito cedo pela manhã, foram apendoadas de bandeiras e estandartes, e postos muitos verdes ramos em certos logares, onde cada um entendia que podia melhor parecer. Os bateis d'ellas andavam todos enramados, com trombetas e pendões d'avante e de ré, fornidos d'homens que os bem remavam, d'elles em camisas com sombreiros de rosas e outros de libré de ra-

mos e flôres, segundo se cada uns melhor correger podiam.

As gentes da cidade, carecentes de todo nojo, e com as melhores vestiduras que cada um tinha, se viam andando por toda a parte, trigando-se correger tão bem, que não podessem ser prasmados.

As ruas por onde elle havia de ir até os paços onde havia de pouzar, eram estrados de ramos e flôres e hervas de bons cheiros, de guisa que do chão não parecia cousa nenhuma. As portas das casas d'estas ruas eram todas abertas e enramadas de louros e d'outros frescos ramos d'elles que pendiam onde cumpria, outros tecidos tão espessamente que não leixavam logar que todo não fosse coberto, e esto podiam bem fazer n'aquelle tempo, que era no mez de maio, e forçava-se cada um de vencer seu visinho por corregimento de portal e sobrado, poendo ás portas defumuras de tantos e nobres cheiros, que bem podiam afugentar qualquer mau ar que fosse corrupto.

A's janellas lançavam pannos e mantas e outras roupas, que aformosentavam muito as ruas, pelas quaes andavam certos homens, que d'esso tinham especial carrego, fazendo afastar e correger toda a cousa sobeja ou minguada que torvar podesse sua boa ordenança. As janellas das casas todas eram occupadas com formosas donas e mulheres d'outra condição, com grão desejo e amor de o vêr, assim guarnidas de taes corregimentos, que fealdade e mau parecer não ouzou aquelle dia entrar na cidade. Em certos logares havia bandos de mulheres que cantavam cantigas, e cordas armadas pera treparem homens que o bem sabiam fazer, quando el-rei alli chegasse.

Aos misteres e outra muita gente eram encommendadas danças e jogos d'outras maneiras, em que andavam velhos e mancebos, todos em leda vontade.

As mulheres isso mesmo em seu bando, fizeram pellas muito bem corregidas, as quaes acompanhavam com muitas cantigas d'ellas feitas, em louvor d'el-rei, e outras acostumadas, não sómente as de meão estado e condição, mas muitas das boas da cidade andavam com ellas por honra da festa.

A' porta por onde el-rei havia de vir, estavam muitos cidadãos honradamente vestidos com guarnimentos d'ouro e prata, e muito outro povo, foram com a insignia da cidade, uns com varas nas mãos pera reger os jogos como el-rei chegasse, outros pera ir em sua companhia até os paços onde havia de pousar.

Não com menos sentido de o receber honradamente se fez prestes com sua cleresia o honrado D. João, Bispo d'essa cidade, honesta e ricamente em pontifical vestido, isso mesmo todos os outros festivalmente com os melhores corregimentos que tinham, e sendo todos assim aguardando cada um em seu logar, pareceu a gente d'el-rei da parte d'além da Gaya, por onde el-rei havia de vir, e os bateis que andavam caleando pelo rio, foram logo alli mui prestes com grandes apupos e grande tanger de trombetas, mostrando grande ledice, entre os quaes era um grande e formoso batel ricamente corregido e toldado, em que el-rei havia de passar, e como el-rei entrou com esses fidalgos e das outras gentes quantas poderam caber n'aquelle e nos outros bateis, começaram todos a vogar ao longo do rio. O d'el-rei deante muito apendoado, e os ou-

tros todos de traz, que era grande prazer de vêr. E á porta de Miragaya onde o estavam attendendo, como diziamos, sahiu el-rei em terra por uma larga e espaçosa prancha, onde o beijar da mão e mantenha-vos Deus Senhor, era tanto, que não podiam haver vez de cumprir suas vontades, e depois de um bom espaço que se n'isto detiveram, fallou um cidadão a que d'esto era dado carrego, e disse:

—«Senhor, tomae esta insignia em vossas mãos, e por ella nos poemos em vosso poder, e vos fazemos preito e menagem de vos servir com os corpos e haveres até despender as vidas por honra do reino e vosso serviço.»

El-rei emquanto elle esto disse teve as mãos na haste d'ella, dizendo que assim era elle prestes pera despender a vida e corpo por honra do reino e defensão d'elles, e que os havia por bons e leaes, e lhe faria muitas mercês quando lhe por elles requeridas fossem.

Entonce começaram a reger suas danças e jogos, nos quaes mui a meude em mui alta e clara voz bradavam, dizendo:

«Viva el-rei D. João, viva.»

El-rei ia muito passo pela cidade, que não podia d'outra guisa, porque a gente era tanta pelas ruas pelo vêr, que parecia que se queriam afogar, e as donas que estavam ás janellas fallavam altamente que o mantivesse Deus muitos annos e bons, e que muita fosse sua vida e boa, e outras taes razões, e em dizendo esto lançavam de cima muitas rosas e flôres, milho e trigo e outras cousas. A qual festa e recebimento d'esta guisa feito, demovia muitas d'ellas a regar suas formosas faces com doces e apraziveis lagrimas, e assim foi el-rei levado com

este prazer e ledice aos paços onde havia de pouzar, e as gentes se tornaram festejando cada uns pera suas casas, e em esse dia depois de comer lhe foi fallar a mulher do condestabre, a qual elle nunca vira nem ella a elle.

El-rei a recebeu mui bem, e lhe fez grande agasalhado e honra; e são alguns que dizem que ante que se d'elle partisse lhe fez el-rei mercê pera ella e pera seu marido, de Bouças e terra de Basto e de terra de Pena e de Barroso e mais de Barcellos e de Penafiel de Bastos; e que de todo lhe mandou logo fazer cartas e privilegios, quaes pera esto cumpriam. Mas nós engeitamos tal opinião, e aprovamos aquella que diz que estas terras e outras que foram dadas ao condestabre quando el-rei depois da batalha lhe deu o condado d'Ourem e Barcellos, como depois ouvireis.

CAPITULO X

Como el-rei ordenou de tomar Guimarães.

ESTANDO el-rei assim no Porto, e Guimarães por Castella, como já ouvistes, estava por alcaide e fronteiro do logar, Ayres Gomes da Silva, com oitenta escudeiros, bons e bem fidalgos, assim como Gonçalo Pires Coelho, e Gonçalo Marinho, genro d'Ayres Gomes, que estava esposado com sua filha; e Ayres Gomes o moço, e Alvaro de Tor de Fumos, bem afamado homem d'armas, e

outros escudeiros da comarca, gallegos e castellãos assaz d'elles por sua defenssão.

Este logar de Guimarães é forte e bem defensavel, assim a villa que tem duas cercas, como o castello sobre si.

Ayres Gomes era já deoso e adorado, posto nos annos da madura velhice, e era o mais honrado de sua linhagem, e fôra aio d'el-rei D. Fernando; havia formoso e bem parecente corpo, e trazia gran casa de fidalgo, e sua mulher era castellã, chamada D. Urraca Tenorio, irmã de D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo.

Ora assim é que na villa havia um bom escudeiro que chamavam Affonso Lourenço Carvalho, que era o melhor e mais honrado do logar, e tinha um seu tio que andava com el-rei, que havia nome João Rodrigues Carvalho, e outros seus dividos que andavam com o arcebispo de Braga D. Lourenço, e porque elle era o maior dos moradores da villa, e trazia estes dividos com el-rei receava-se d'elle muito Ayres Gomes, e punha em elle gran suspeita, em tanto que lhe mandou dizer um dia que se com elle não queria guerrear, nem outro arruido, que lançasse de si todos os seus e os mandasse pera onde quizesse ou para as quintas, e não trouvesse nenhum comsigo, ou jouvesse encarcerado em casa, e não sahisse fóra com elles, senão que lhe faria toda a má obra que podesse.

Affonso Lourenço era homem de escudeiros e homens de pé, e gran liança com os da villa por amizade e bemfeitoria, e era-lhe grave partir de si os seus e leixar a conversação dos amigos, pero vendo a necessidade do tempo, houve assim de o fazer.

Havia outro escudeiro que chamavam Payo Rodrigues, seu cunhado d'este Affonso Lourenço, e muito seu amigo, e pero fosse homem de escudeiros e de boa fazenda, não se arreceava d'elle tanto Ayres Gomes.

Em esto fallando el-rei um dia com o arcebispo D. Lourenço como se poderia haver Guimarães de salto e não por trabalho de cerco, respondeu o arcebispo e disse:

— « Isso, senhor, tendes vós mais prestes e melhor azado do que vós podereis cuidar. »

Entonce lhe contou o desvairo que entre Affonso Lourenço e Ayres Gomes havia, dizendo que escrevesse a Affonso Lourenço e a seu cunhado suas cartas quaes cumpria, e que lh'as encaminharia como houvesse o logar á mão.

El-rei mandou fazer as cartas quaes convinha a tal negocio, prometendo-lhe muitas mercês se esto pozesse em obra, as quaes lhe foram enviadas e dadas mui escuzamente, e na de Affonso Lourenço era conteudo que lhe viesse sobre esto fallar ao Porto, que são d'alli oito leguas, a uma horta que ia nomeada, acerca da cidade.

As cartas recebidas e visto seu recado, mandou-lhe dizer Affonso Loureço que lhe viria falllar a um dia çerto, no qual el-rei fez que ia á caça, e apartou-se dos outros com Fernão Alvares, seu veador, e veiu-se áquella horta que devisado tinham, e achou Affonso Lourenço, com o qual folgou muito, e apartaram-se a fallar acerca da maneira como se bem podia fazer, por se dar melhor azo a sua obra, accordaram que segurassem quaesquer moradores de Guimarães, que viessem por mantimentos ao Porto.

Tornou-se Affonso Lourenço e fallou com Payo Rodrigues, e accordaram ambos porque guisa se podia dar a villa, e a entrada como havia de ser, veiu outra vez Affonso Lourenço fallar a el-rei áquella horta a um assignado dia mui escuzamente, o qual não achavam menos no logar, porquanto se faziam quatro e cinco dias que Affonso Lourenço não sahia de casa, e quando sahia andava só com cajado na mão, e este geito fez muito desfigurar a Ayres Gomes, e não ter d'elle nenhuma suspeita.

CAPITULO XI

Como el-rei tomou a villa de Guimarães.

Devisado o dia a que o logar fosse tomado, fallou el-rei isto com alguns fidalgos, dizendo que levassem os cavallos mais pouco rinchadores que tivessem, e levou comsigo até trezentos de cavallo, e mui poucos homens de pé, e ouviu missa e jantou cedo, e partiram aforrados sem outras azemulas nem corregimentos que levassem, e chegaram já muito noite á Veiga de São Redanhes, uma meia legua do logar, pequena, onde já Affonso Lourenço estava aguardando, e d'ahi os levou derredor, até o valle da deveza, que chamam Santa Maria, que é muito espessa d'arvores, que seria da villa, uns tres tiros de bésta, e alli fazia cada um quanto podia que sua besta não rinchasse, e porque um cavallo rinchou, mandou el-rei logo que o matassem.

Em esse dia que el-rei partiu, foi ordenado que tomassem todos os que iam pelos caminhos pera o Porto e vinham, que nenhum podesse dar novas, e quando Affonso Lourenço ia fóra do logar, Payo Rodrigues adereçava de dentro o que cumpria. Ora assim foi que este dia que Affonso Lourenço assim sahiu fóra sahiu com João Azedo, que tinha as chaves da porta que chamavam do postigo; dizendo que lhe rogava, por quanto elle assim andava só e queria trazer uma cuba em um carro, que lhe tivesse a porta aberta bem cedo, pelo nenhum não vêr.

O porteiro que d'esto não sabia porte, disse que lhe prazia, e Payo Rodrigues que o requereu pera ir vêr se vinha já seu irmão e elle que o tinha prometido abriu a porta mui cedo, e como foi aberta, Payo Rodrigues com os seus tomou o porteiro e esteve quedo, e poz homens que guardassem a porta, e outros no muro, por dar torva e embargo a alguns que se alli quizessem accorrer.

Em esto chegou Affonso Lourenço que não dormia, e tomou logo um grande canto que hi jazia junto de muito tempo, e encostou-o ao longo da porta, que se não podesse cerrar.

Começando já de alvorecer fez logo signal á atalaia, e a atalaia o fez a el-rei, e moveu logo á pressa a todo o correr. Ora um escudeiro de Ayres Gomes que se levantara cedo por ouvir missa, viu no muro homens desacostumados, e sentiu o tom do correr dos cavallos, e torvou-se todo e começou de bradar:

— «Castella, Castella.

Affonso Lourenço que andava aguardando el-rei, respondeu e disse:

— «Mas Portugal, Portugal».

Entonce se começaram de ferir ás espadas de von-

tade, e chegando os de cavallo já cerca, voltou o escudeiro o rosto por vêr quem eram, e Affonso Lourenço lhe deu um tal golpe que logo cahiu morto, e tambem foi morto o porteiro João Azedo, que tinha as chaves.

El-rei foi sempre com os dianteiros, e quando chegou á porta da villa, o primeiro que por ella entrou em cima do seu cavallo, foi aquelle ardido e famoso fidalgo de quem em cima é feito menção, que chamam João Rodrigues de Sá, o qual houve logo uma ferida pelo rosto d'alguns que já acudiam ao arruido, porém os da villa não tomaram armas, mas folgaram muito de assim ser feito, e Affonso Lourenço ia deante bradando altas vozes Portugal, Portugal, e nenhuns castellãos nem dos de Ayres Gomes haviam accordo senão de se porem em salvo, e João Rodrigues que bem sabia as ruas da villa e como o logar tinha outra cerca, encaminhou logo em cima do cavallo com sua lança na mão, chamando Portugal e S. Jorge, e esto por tomar a porta da segunda cerca, que se não acolhessem a ella os de Ayres Gomes que pouzavam pela villa, e ante que chegasse achou já ante si Alvaro de Tor de Fumos, aquelle bom homem d'armas que dissemos, com uns vinte escudeiros, entre homens d'armas e de pé, os quaes acaudelava e recolhia, e João Rodrigues vendo que lhe não cumpria metter-se só a cavallo entre elles, desceu-se logo a pé, e com a lança d'armas na mão os levava todos ante si, em guisa que se não ouzavam a ter com elle, e por se acolherem á villa iam-se retrahindo atraz, e nenhum portuguez acompanhava João Rodrigues, mas andavam pela villa roubando das cousas dos castellãos que achavam em casa dos hospedes, e quando João Rodri-

gues viu como se todos acolhiam pela porta e lhe não podia empecer como elle queria, com merencoria lançou a lança das mãos e arrebatou um castellão pelas pernas e assim o tomou e o trouxe preso perante el-rei, das quaes cousas foi mui louvado aquelle dia.

Em esto começou a gente de se alvoroçar pera combater a villa; el-rei os fez assocegar e aposentou-se a par da egreja de Santa Maria, nas casas do prior, e mandou que nenhum não roubasse nem tomasse nenhuma cousa aos moradores da villa, salvo aos que eram de Ayres Gomes, dos quaes (porque era hora que ainda todos jaziam quando el-rei entrou) muitos foram presos e roubados de cavallos, armas, e de quanto lhe achavam, e outros com pressa e torvação não acertavam a roupa de vestir, e d'elles fugiam em camisa, porém se lançavam no castello, e os da villa vieram beijar a mão a el-rei, recebendo-o por seu senhor.

CAPITULO XII

Como foi combatida a primeira cerca e Ayres Gomes preitejado.

EL-REI depois de assocegado teve conselho de mandar dizer a Ayres Gomes que lhe quizesse dar o castello, e esto por todas as razões que a tal concerto podiam de mover, dizendo que bem sabia como era lidimo portuguez, elle e todo seu linhagem, e que por honra e bem da terra de

onde era natural, devia de trabalhar de a defender, posto que em ello nenhuma couza tivesse, mórmente ser em ella criado, como bem sabia, que trabalhar de ser contra ella e ser em ajuda de sua distruição lhe parecia couza estranha; que porém lhe rogava que da tenção que tinha se quizesse partir, e se viesse pera elle com sua gente, e que lhe promettia de accrescentar tanto em ellé em honra e estado e accrescentamento de bens, que elle se houvesse por bem contente, ou que nomeasse logo quaes cousas praziam de lhe outhorgar, e que era ledo de o fazer. Mas não prestaram estas nem quantas razões lhe el-rei mandou dizer, porque outra resposta d'elle haver podesse, salvo que o não entendia de fazer, e isto fazia Ayres Gomes, porque entendia e cuidava de se defender, e quando se afincado visse, entendia de preitejar, e accorrendo-lhe el-rei de Castella, ou mandando-lhe accorrer, entendia que era muito sua honra e azo de seu grande accrescentamento, e por esto disse sua mulher e outros que o aconselhavam, estivessem em sua profia.

Entonce ordenou el-rei de combater a cerca velha, e fez vir do Porto engenhos e armas e gentes misteriaes, e todas as outras couza que pera combater faziam mister, e mandou fazer uma bastida sobre umas casas que eram ahi acerca, pera lhe tirarem d'alli ás béstas, e fizeram escadas de mão feitas de madeira pera poerem ao muro, e mandou fazer uma grande escala, que foi a primeira que el-rei fez, e ajuntaram muita lenha pera poerem fogo ás portas, e começando de arder, apagaram-n'o com agua de grandes cubas, que dentro tinham cheias, que por calles vinha alli sahir, e começou

castello d'Abrantes, e logo em outro dia mandou dar ás trombetas caminho de Santarem, e pouzou o arraial junto com a barca de Arrayolos, a fundo da Gollegã, e no dia-seguinte começaram d'andar, levando el-rei suas gentes ordenadas em batalha, e iam com elle de estrangeiros Bernaldim Menapor, e Vulcon e Benor e Lila, e outros, e dos do reino Vasco Martins de Mello, e Vasco Martins da Cunha, e Ruy Vasques de Castello Branco, e João Affonso d'Azambuja, que depois foi cardeal, e o doutor Gil Docem, e Fernão d'Alvares, e Antão Vasques, e assim d'outra boa gente até seiscentas lanças, e o condestabre levava a vanguarda e el-rei a reguarda, e indo o condestabre assim adeante, acerca das vinhas de Santarem, acharam Alvaro Gonçalves de Sandoval, com gentes dos castellãos, que alli andavam por guarda d'alguns, que eram fóra, e havendo já novas certas que el-rei havia por alli de passar, e começando de pelejar com elles, não os poderam os castellãos soffrer, mas antes que se fossem acolhendo caminho de Santarem, mataram primeiro dois escudeiros portuguezes, a um chamavam Fernão Paes, e a outro João Nogueira, creado do condestabre; mataram um cavallo a Martim Vasques e deram uma grão ferida com uma lança d'armas, por cima d'uma cota, a Vasco Lourenço Marinho, pelos peitos, que lhe durou grão tempo, e dos castellãos foram dois mortos, e esta trigosa esporada foi feita ante que o condestabre chegasse, e desahi chegaram a par de Santarem ao Tejo em direito de Santa Eyria, a pequena, onde havia um baixo vau porque bem podiam passar, e andavam já no campo muitos castellãos ajuntados, que de Santarem iam á herva, porque sabiam parte da vin-

da d'el-rei, e ao passar do rio, estando já ahi el-rei, se envolveu uma mui grande e mui pelejada escaramuça com aquelles que vinham com os da herva pera a villa, e com outros da villa, que sahiam aos receber.

E das cousas notaveis que se em ella fizeram, assim foi que Vasco Martins de Mello, o moço, foi dos primeiros que da vanguarda passaram agua do Tejo, como homem de grande esforço, a cavallo como ia, se lançou aos castellãos, que eram muitos, fazendo tanto por sua mão, quanto um valente e ardido cavalleiro podia fazer, até que foi derribado do cavallo, e ficou pé terra, e com um estoque d'armas se defendeu mui bem. Porém se não fôra bem armado, mataram-no ás lançadas, des-ahi Martim Affonso, seu irmão, se poz pé terra com dois escudeiros por o ajudar a defender, e assim um como outro houveram mal de passar, mas o condestabre lhe accorreu trigosamente, e deram com os castellãos por força dentro no rio, onde foram mortos e feridos parte d'elles, e foi n'esta peleja mui louvádo Vasco Martins de Mello.

CAPITULO XXIV

Como el-rei e o condestabre se foram a Alemquer e partiu o conde pera Alemtejo.

PARTIU el-rei d'alli e foi dormir á Lezíria da Condessa, que é a fundo de Santarem, onde acharam muitos gados, que foi grande refresco aos do arraial, que vinham minguados de mantimentos, e por acerca de Muja passou em outro dia o Tejo contra a

estrada que vae pera Lisboa, e foi poer o arraial junto com a ponte que está além do Cartaxo, e era grão mingua de mantimentos em todo o arraial, em tanto que se deu um cavallo por cinco pães, e sendo o condestabre comendo, tendo cinco pães na mesa que não havia mais na sua saquetaria, chegaram cinco cavalleiros inglezes, queixando se muito que morriam de fome e que queriam beber com elle. Elle disse que lhe prazia muito e mandou-lhe trazer agua ás mãos e que se assentassem, e elles não quizeram ser, senão beber assim de pé, cada um tomou seu pão e o comeu, e beberam duas vezes e foram-se, e ficou o condestabre sem pão, e não comeu áquella hora senão carne sem elle com grande rizo e sabor.

Entonce foi el-rei a Alemquer onde estava Vasco Pires de Camões, que fôra seu vassallo, como dissemos, e pozeram seu arraial em fundo nas hortas da ribeira, bom espaço da villa, d'onde se faziam ás vezes boas escaramuças entre os da villa e os do arraial, e d'alli iam á forragem a termo de Alemquer e de Torres Vedras buscar mantimentos; estando assim houveram seu conselho que el-rei ficasse alli recolhendo as gentes que havíam de vir de Lisboa, e depois que as tivese comsigo, que se tornasse pera acerca de Santarem com ellas, e des-ahi a Abrantes, e que o condestabre se fosse pera Alemtejo juntar gentes as mais que podesse, e des-ahi que se tornasse a aquelle logar d'Abrantes, onde el-rei o havia de aguardar.

Ora sabei que n'esta sezão que el-rei alli chegou, aconteceu em Alemtejo que a villa d'Arronches que tinha voz por Portugal, era mui minguada de mantimentos, e Vasco Gil de Carvalho com outros bons

escudeiros d'Evora, trabalharam de lhe levar mantimentos, e não se contentaram de ir com sua recova, mas afastaram-se parte d'elles e foram correr Campo Maior. D. Affonso de Monte Mór, senhor de Alcandete, e D. Garcia Fernandes de Villa Garcia, commendador mór de Santiago, souberam d'esto parte em Badalhuce, onde estavam, e ajuntaram suas gentes com os moradores da cidade, vieram dar nos que levavam a recova, e pelejando com esses poucos que acharam, desbarataram-nos e mataram-nos e prenderam parte d'elles, e tomaram-lhe quanto levavam, e os outros fugiram. E o conde partiu com suas gentes, como era ordenado, pera Riba d'Odiana, e passou o Tejo ao vau de Muja, e aqui escrevem alguns em suas erradas historias que o conde partiu d'Alemquer com aquellas trezentas lanças que comsigo de continuo trazia, e passado o porto de Muja que por temor dos castellãos que estavam em Santarem, que o leixaram logo a mór parte d'elles, de guisa que não ficaram com elle mais d'uns trinta e cinco, e quem tal cousa poz em escripto mal proveu a certidão d'este feito, ca os seus não eram taes gentes que o leixassem nem passassem tal vergonha e mingua, antes eram tão leaes e tão fieis, e assim aprovados por bons e ardidos homens d'armas, que ainda que viera todo o poderio de Castella, antes se leixariam todos morrer ante seu senhor, que o desamparar por nenhuma guisa, e se dizem que o leixaram porque não conta por onde se foram e que se fez d'elles ou se tornaram pera el-rei, que os receberia mui bem por tal cousa? Porém tão má e tão errada opinião, difamadora dos seus bons vassallos, com os giolhos em terra peçam perdão á verdade, a qual se passou d'esta guisa.

O nobre rei D. João, assim entonce como depois, não amava menos a vida e honra do condestabre que a sua mesma, e quando se o conde houve de partir, disse el-rei que por mais sua guarda e segurança, por azo das gentes que estavam em Santarem, lhe parecia rèzoada cousa que álem das gentes que comsigo trazia, que haviam d'ir com elle, que das suas levasse mais aquellas que lhe prouvesse.

O conde lh'o teve em grande mercê, e se escusava de as levar, e el-rei todavia o forçou que o fizesse, e levou entonce álem das suas, umas dozentas lanças, as quaes el-rei mandou que o acompanhassem até onde elle quizesse, e elle não quiz que fossem com elle mais que até áquelle logar de Muja; estes são os que o leixaram e se tornaram pera o arraial, mas não os seus bons e leaes servidores.

O conde mandou de noite poer suas gentes e escuitas, como havia em costume, e no seguinte dia foi dormir álem de Salvaterra, e no outro á noite a Monte Mor-o-Novo, e des-ahi a Evora, onde achou alguns dos que foram no desbarato da recova dos que iam pera Arronches, e contando-lhe como fôra, e o azo de sua perda, o conde os confortou por suas doces palavras, dizendo-lhe, «que o mau regimento era grande azo das perdas da guerra».

Entonces trabalhou o conde de ajuntar suas gentes e escreveu a todos os homens d'armas e peões e besteiros, que cumpria de levar comsigo, que se viessem logo pera elle, elles assim o fizeram, e desahi foi-se a Estremoz, tendo esta mesma maneira por se ajuntarem o mais á pressa que podessem.

CAPITULO XXV

Gomo el-rei partiu de Alemquer pera Abrantes e mandou chamar o condestabre.

ESTANDO el-rei assim em Alemquer, ordenou de mandar chamar os fidalgos da Beira, que venceram a batalha de Trancoso; enviou a lá Diogo Machado, dizendo que todavia trabalhassem de vir, ca cumpria muito a seu serviço e honra e defenssão do reino. E em esto chegou Fernão Rodrigues de Sequeira, fronteiro-mór de Lisboa, com as gentes que ahi tinha e mais as da cidade, que eram cem lanças, contando vinte e uma de inglezes que vinham com elles, e chegaram aos dez dias d'aquelle mez de julho, e como foram com el-rei partiu logo com sua hoste, e foi aquelle dia pouzar a Vallada, que é muito perto de Santarem, onde os seus inimigos estavam, e por boa segurança e percebimento, mandou lançar pregão pelo arraial, que todos aquella noite jouvessem armados, e depois de somno primeiro foi el-rei andar pelo arraial, e aquelles que achava desarmados reprehendia-os com asperas palavras, segundo que cada um era, e em outro dia passou o vau e foi por onde viera á primeira, e em direito de Santarem aguardou um pedaço se sahiriam alguns castellãos a elle, e vendo que não curavam de mais arruido, foi-se seu caminho pousar seu arraial onde chamam a de Ruy Pereira, e no seguinte dia foi á torre da Cardiga, e no outro chegou a Abrantes, e estando alli

per dias, dizem alguns que fizeram livros de patranhas que por quanto o conde não vinha com gentes de Alemtejo, que entrou el-rei um domingo em conselho, e que acordavam alguns que sem elle pozesse a batalha a el-rei de Castella que já diziam que era no reino, e não aguardasse mais por elle.

Ora vêde que escriptura pera nenhum entendimento d'homem arrezoado haver de crêr, e indo depois o conde com as gentes de Alemtejo, que eram boa ajuda pera tal feito, e não podia com esses mais ardidos consentirem pelejar com el-rei de Castella, pois como seriam ouzados dizer que pelejassem com elle?

Certo o tal sermão não é pera ouvir, porém desprezando taes errores, lêde o certo de como se passou.

O conde não havia tanto que se fôra pera ajuntar suas gentes que sua tardada fosse pera prasmar, mas el-rei trigava-se por tres razões. A primeira porque lhe diziam que el-rei de Castella entrava já no reino. A segunda por ser o conde a principal pessoa do conselho, e que com elle havia d'ir. A outra por vêr que gentes trazeria, pera saber quantas teria por todas, e acordado por elles que o mandasse entonce chamar, disse Martim Affonso de Mello a el-rei, que elle iria a lá se sua mercê fosse.

El-rei disse que lh'o agradecia muito e que se fizesse logo prestes, e n'esse dia á tarde o mandou chamar e lhe disse estas razões:

— «Dizei ao conde que bem sabe como me sempre serviu lealmente e que elle é bem certo como eu, com ajuda de Deus, entendo d'haver batalha com el-rei de Castella, que me dizem que entra já

no reino, e estou aguardando por elle dias ha, e pois é forçado de eu haver batalha, e sendo d'ella vencedor como em Deus espero, e não vindo elle a ella, que perderá muito de sua honra, que porém lhe rogo que com essas suas gentes que tiver juntas, quantas quer que sejam, se faça logo prestes, e se venha sem mais tardança.»

Porém el-rei não dizia esto por cuidar do conde cousa que seu desserviço fosse, mas pois havia de mandar recado com risonho gesto, fez embaixada d'estas palavras poucas, dizendo-as a Martim Affonso, o qual se partiu um domingo á tarde, e á segunda feira alçando-se o conde de comer, chegou a Estremoz, e apartando-se com elle, contou-lhe o recado que levava, assim rindo e com aquelle prazer como el-rei havia dito. O conde fez logo chamar esses do seu conselho e fallou com elles, e tanto que fallaram mandou dar ás trombetas e partiu, e foi dormir a Aviz, e em outro dia a Ponte de Sôr, e d'ahi se foi apozentar e comer, duas leguas áquem de Abrantes, e de seu alojamento se partiu depois de comer, com sessenta lanças, e foi vêr el-rei a Abrantes, ficando todos outros onde estavam apozentados, e sabendo el-rei que o condestabre ia pera elle, sahiu ao receber ao rio, onde houve grão prazer quando o viu, e tornou-se pera onde pouzava, e o conde com elle, e depois que fallaram no que lhes aprouve, tornou-se o conde pera d'onde partira. E no seguinte dia se veiu com suas gentes apozentar acerca d'Abrantes, em umas hortas, os quaes eram seiscentos homens d'armas e dois mil de pé e trezentos bésteiros, e o dia que assentou seu arraial aforrado de bestas, foi fallar a el-rei, onde fiquem e fallem, ca bem tem que fallar, e nós ir-nos-

hemos em tanto pera el-rei de Castella e andaremos com elle até que chegue a Leiria, por vos contarmos em certo quanto lhe até alli haveiu.

CAPITULO XXVI

Como el-rei de Castella chegou a Elvas, cuidando de a tomar, e se alçou de sobre ella e foi á cidad Rodrigo.

EL-REI de Castella estando em Cordova, como ouvistes, fez começo de entrada em Portugal, com grande sanha e poder de gentes, ca elle trazia em vontade de fazer grão mortandade nos portuguezes, de guisa que por justiça e quaesquer outros modos porque se vingar podesse, não havia de cessar nem sahir do reino até que o por força todo tomasse, e entrou pela parte de Badalhuce, e poz seu arraial sobre uma villa que chamam Elvas, que é perto do Estremo, porque lhe fizeram entender que o logar era minguado de mantimentos, em tanto que comiam pão de bagaço e de outras aborreciveis cousas, que se jouvesse sobre ella quinze dias, que a tomaria por fome, e porque ella é uma das boas villas do reino, prouve a el-rei muito d'esto e poz seu cerco sobre ella, e por saber se era tamanha a fome e sede como lhe disseram, jouve sobre ella mais de dez dias, de guisa que foram por todos vinte e cinco dias, e os da villa tinham as portas abertas, e cada dia escaramuçavam com os do arraial quando lhe prazia de o fazer. E um dia sou-

beram os d'Elvas que ao arraial haviam de vir azemulas d'el-rei, com mantimentos e outras cousas, e tiveram enculcas com elles e sahiram fóra e foramnos tomar no caminho que vem de Badalhuce pera a villa, e metteram-nas dentro no logar com quanto traziam, e em outro dia pela manhã, apartou Gil Fernandes trinta escudeiros que fossem com elle escaramuçar, e tinha os homens de pé junto com a villa por sua guarda, e á vista d'el-rei de Castella que pouzava d'alli mui perto, escaramuçaram, andando com os inimigos uma formosa e boa escaramuça, da qual Gil Fernandes sahiu com sua honra, por umà lançada que lhe deram ao cavallo por uma mão, e dos seus morreu um de uma setada, e dos castellãos morreram seis, e el-rei de Castella vendo como perdia seu tempo sobre aquelle logar, estando alli mais do que lhe disseram, e emfim não se seguia como elle cuidava, des-ahi novas que lhe vieram d'aquelle desbarato de Trancoso, em que morrera tanta de sua gente, de que lhe muito pezou, como era razão, mudou seu proposito da entrada que fazer quizera por aquella parte, e foi-se pera cidad Rodrigo, logar de seu reino acerca do Estremo, e se má vontade trazia contra os portuguezes, como dissemos, entonee se lhe fez muito peor por azo d'aquella batalha que os seus perderam, isso mesmo estando n'aquelle logar chegou-lhe recado como os seus tomaram a recova que ia pera Arronches, e desbarataram os que a levavam, e por lhe fazerem prazer os que lh'o contavam, disseram que muitas gentes de Portugal foram alli mortas e desbaratadas, mas não achavam capitão que lhe nomear, e elles foram todos dez almocreves com uma pouca de gente que ia por guarda d'elles; outrosim lhe

vieram novas como vinte e seis naus suas, que mandára vir de Biscaia e das Esturias, jaziam já ante Lisboa, as quaes traziam mantimentos pera bastecer as villas e castellos que sua voz tinham na comarca de Lisboa, e muita madeira pera fazer artificios de tomar villas, e muita forragem de bestas e outras muitas cousas á guerra pertencentes, e tão bem as galés e naus que mandára vir de Sevilha, com outros provimentos, todo era já em Lisboa, e houve el-rei mui grão prazer porque os d'aquella cidade não se podiam já prestar do mar, e ante que d'alli partisse mandou decepar um homem dos da villa, que tinha preso, e mandou outro decepado a Gil Fernandes com um escripto ao pescoço, em que dizia que el-rei jurava que quantos tomasse da villa d'Elvas, que assim faria a todos. Gil Fernandes quando isto viu, pezou-lhe muito d'aquella crueza e mandou logo decepar dois bons escudeiros que tinha presos, e um d'elles que havia nome Pedro Fernandes Biscainho, bradava que era mui mau feito que por um villão havia de decepar dois homens fidalgos, Gil Fernandes respondeu a esto, que se não podia estar detendo em pezar os dividos da fidalguia, nem podia dar tal por tal, mas como foram decepados mandou-os logo ao arraial com senhos alvaras ao pescoço, em que Gil Fernandes prometia e jurava a Deus que se lhe el-rei de Castella mais decepasse algum homem, que elle tinha oitenta homens do arraial presos que todos lh'os mandaria decepados. El-rei não quiz fazer alli mais justiça e partiu-se outro dia pela manhã, e do caminho mandou tornar um homem com dinheiros pera comprar as azemulas que tomaram; e d'ellas lhe venderam algumas, as que os tinham, outros guardaram as

suas e não as quizeram vender, e ante que chegasse a Arronches tomou hi dezesete homens da villa e todos mandou decepar e uzando de taes cruezas, continuou seu caminho até que chegou a Cidad Rodrigo.

CAPITULO XXVII

Do conselho que el-rei houve com os seus antes que entrasse no reino.

ESTANDO assim el-rei em Cidad Rodrigo, com determinada tenção de entrar em Portugal, soube como el-rei partira de Guimarães e passára o Douro, e se viera caminho de Coimbra, e quando d'estas novas foi certificado, não embargando a vontade que trazia, quiz primeiro haver conselho com os seus se era bem vir por seu corpo e entrar em Portugal, ou se era melhor pôr fronteiros no estremo e fazer outra maneira de guerra, e sobre isto foi um grande e mui notavel conselho, no qual se fallaram muitas e boas razões. Mas de todas ellas estas em breve abastem das que alli foram propostas. Uns diziam que seu conselho era que el-rei devia entrar com todo seu poder em Portugal, e trabalhar por cobrar o reino que lhe per direito pertencia, pois tão grande parte tinha já d'elle cobrado, e tantos bons azos pera haver a outra que ficava, ca elles nem homem nenhum que sezudo fosse podia cuidar, nem entender porque guisa o Mestre d'Aviz já se chamava rei, podesse ser ouzado de o attender

CAPITULO XXVIII

Como houve outras razões em contrario das que ouvistes, que el-rei por entonce não devia entrar em Portugal.

ACABANDO de fallar os que eram em este conselho, responderam outros muito em contrario, dizendo que el-rei por nenhuma guisa não devia entonce entrar em Portugal, e davam estas razões, s. a primeira era que el-rei ás vezes adoecia de suas dôres, que havia mui a meude, e que pouco havia que fôra mui mal doente de uma de que não era ainda bem são, e que se adoecesse entrando em Portugal, que era cousa mui contraria a sua entrada, porque em sua hoste havia já poucos ou nenhuns capitães que ordenar soubessem os feitos da guerra, como cumpria, porquanto aquelles que o bem sabiam eram todos mortos, assim na pestilencia quando el-rei jouve sobre Lisboa, como na batalha de Trancoso que pouco havia que fôra perdida, de guisa que n'estas duas cousas e outros aquecimentos contrarios, que lhe a el-rei havieram, havia perdido os mais e melhores capitães e homens d'armas que em seu reino havia, em tanto que faziam conta que perdera bem tres mil homens, e que os capitães que alli eram com elle, eram homens mancebos que nunca se viram em guerras e batalhas, e que lhe era grande perigo provar logo com elles tal batalha como esta, ca sabido era que o Mestre d'Aviz que se chamava rei, era em accordo

tes, que não era de leixar tal entrada por cousa que havir podesse, porque a todos arrefeceriam as vontades e os corações, quando vissem tal tornada, cuidando d'elle que o fazia com covardice, e se o por melhor havia, que este accordo devera de haver primeiro ante que juntasse tal poderio, e sem duvida quanto á mingua que Lisboa padecia, elles diziam mui grão verdade, porque tanta foi a fome no anno seguinte, depois que el-rei de Castella descercou, que aquelles que os lazerar vissem, da guisa que eram apressados, chorariam com elles ainda que fossem seus inimigos; além d'esto davam uma boa e forte razão, dizendo que elle era muito certo como os portuguezes tinham mandado a Inglaterra por uma grossa ajuda de gentes, a qual era certo que lhe havia de vir, e vindo primeiro, ante que elle entrasse, juntando-se todos e poendo-lhe a praça, que podia a seu feito dar mui grande torva, e porém ante que elles viessem lhe pozesse batalha e trabalhasse de acabar o que começado tinha, affastando de si todos azos e contrarios, e certamente tal conselho como este, segundo os bons fundamentos que tinha, bem azado era pera ser crido, mas muitos porém houve hi d'outro que se não outhorgaram n'elle, conselhando muito el-rei pelo contrario, como por seus ditos logo podereis vêr.

Lisboa trouveram pera bastecer a villa de Santarem e os outros logares que por elle estavam, que os repartissem por elles em paga do soldo que lhes era devido, os quaes elles tomariam de grado e ficariam bastecidos pera fazer guerra a Lisboa, na qual já não havia viandas com que se muito supportar podesse, e que el-rei se tornasse emtanto a seu reino, e juntasse dinheiro o mais que podesse pera enviar aquelles que ficassem por fronteiros e pera pago dos que em Portugal estavam por seu serviço, e fazendo guerra seguindo esta ordenança, que o Mestre d'Aviz, que se chamava rei, se veria em tão grão pressa, que não saberia em ello que conselho poer, porque accorrendo contra a parte de Badalhuce, os que estivessem em Galliza e d'Alcantara até Cidad Rodrigo entrariam pelas comarcas de onde estavam por fronteiros e destruiriam toda a terra, e querendo accorrer a cada uma d'estas partes, isso mesmo fariam os que estivessem nas outras fronteiras, e com tal ordenança de guerra, pois elle tinha o mar por seu e Lisboa afincada por fome, que em mui pouco tempo cobraria Portugal todo, e mais lhe aconselhavam os que esta parte tinham que por nenhuma guisa não quizesse pôr este feito em ventura de batalha, porque lhes parecia que seus feitos não se davam assim a bem, como era razão de se darem, assim como fôra o cerco de Lisboa, onde Deus dera tão grão pestelença e mortandades, e outras cousas mui contrarias em que perderam muitas gentes, depois que esta guerra começaram, e que portanto a devia de tomar na melhor e mais segura maneira que podesse, e ainda enadiam outra razão, que se por ventura alguma boa preitezia podesse haver de Portugal, que seriam em conselho que o fizesse.

Mas se algum escrevesse aqui que lh'o el-rei de Portugal commetteu, dizendo que lhe daria uma boa parte do reino, e que lhe não fizesse guerra, tal escrever engeitae-o por falso, ca elle nunca commetteu nem consentiu em avença commettida.

E el-rei ouvindo todas estas razões d'ambas as partes, vendo como se até alli as cousas não guisavam e como elle desejava, porém não embargando esto as razões d'estes que aconselhavam que não pozesse seu feito em aventura de batalha, lhe começaram de desprazer muito, e com larga esperança de cobrar o reino, em breve tempo mui desfigurado de nenhum caso contrario nas primeiras consentiu em seu desejo, porém respondeu a estes por os contentar, que seu talante era entrar pela comarca da Beira, e fazer todo o damno e destruição que podesse, não passando os portos contra Coimbra, e entonce se tornaria pera sua terra, e d'alli poeria suas fronteiras, como lhe aconselhavam, e elles disseram que tal cavalgada como aquella era a elle muito de escusar, porque era modo de almogavaria, que não pertencia a seu real estado.

Porém elle d'estas duas cousas não quiz poer em obra uma nem outra, mas seguiu sua vontade e teve-se no conselho dos que lhe aconselhavam que entrasse, e accordou de enviar por o infante D. João, que tinha preso, segundo que ouvistes, pera entrar em Portugal com elle e poer desvairo nas gentes do reino, e se virem alguns pera elle, e posto que por elle enviasse, não quiz entonce esperar, e sem elle entrou esta vez.

CAPITULO XXIX

Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e d'algumas cousas que se aqueceram antes da batalha.

El-rei de Castella com tal proposito como dizemos, entrou em Portugal pela comarca da Beira, e não se deteve em nenhum logar, mas cada dia andava com sua hoste certas jornadas, que não podiam ser longas, por a grande carriagem e muitas gentes que trazia, e tomou logo um castello que chamam Celorico da Beira, e leixou ahi gentes que o guardassem, e assim se veiu não mui devagar até que chegou a Coimbra, e da parte áquem do rio, em direito de S. Jorge, se aposentaram todas suas companhas, as quaes eram tantas, que era espanto d'olhar, de guisa que não havia homem que as visse, e segundo os logares que já por elle estavam, que não julgasse em breves dias todo Portugal por perdido, e porquanto era no mez d'Agosto, e o Mondego levava pouca agua, passou a mais da carriagem por sob os arcos da ponte e com alguns dos que passavam rua direita ante a porta que chamam d'Almedina, foi envolta uma escaramuça com os da villa, em que d'uma parte e da outra houve poucos mortos e feridos, e as gentes começaram de se estender a roubar a toda a parte, uns por beira do rio a fundo contra Montemór-o-Velho, e des-ahi a Aveiro, e d'elles a Soure, e trouveram grande roubo, e com elle uns poucos de lavradores, e mandou-os el-rei decepar todos, onde sabei que segundo põem

aquelle doutor Christoforus no capitulo — Postquã verô es. no § pre. notat,—que depois que el-rei de Castella d'esta vez entrou no reino, até que chegou a Leiria não cessou de uzar de toda a crueldade, assim em homens como mulheres e moços pequenos, mandou-lhes decepar as mãos e cortar as linguas, e outras similhantes crueldades, e isso mesmo poer fogo ás egrejas, especialmente á de S. Marcos, onde foi a batalha de Trancoso, que já ouvistes, poendo grandes ameaças de prisões e desterramentos, e esto como alguns affirmam era por duas razões, a primeira por vingança do grão queixume que dos portuguezes levara quando partira de sobre Lisboa, por lhe todos não obedecerem como elle quizera, a segunda porque d'esta vinda nenhum tomava sua voz, nem se chegavam a elle pera o servir, e por tanto uzava de sobeja crueldade, que pouco em sua honra accrescentava.

D'alli partiu el-rei e veiu-se a Leiria, uma boa villa e castello forte, no qual estava por alcaide Garcia Rodrigues Taborda, já nomeado em cima, e posto que elle não recolhesse el-rei na villa nem no castello, pero deu-lhe viandas por seus dinheiros e offereceu-lhe seu serviço, e depois foi com elle na batalha, e não sómente este, mas a trigosa vinda d'el-rei de Castella e o grão poder que trouve comsigo fez a muitos mostrar claramente a vontade enferma, que d'antes tinham ser muito sã pera ter com elle. E sabendo os capitães que el-rei leixára nos logares da Estremadura, assim como em Santarem e Obidos e Alemquer, isso mesmo em todos outros logares, como elle já era em Leiria e que el-rei de Portugal se fazia prestes pera lhe poer batalha, a qual se escusar não podia, partiu-se cada

um de seu logar com as mais das gentes que se escusar pôde, e vinham-se pera elle por ser com elle na batalha, isso mesmo fizeram os capitães das galés e das naus que sobre Lisboa jaziam, que se juntaram os mais d'elles, assim homens d'armas como de pé e bésteiros, e foram-se todos pera el-rei, alli onde estava.

Os portuguezes sabendo como tantas gentes se chegavam a elle pera o ajudarem na batalha, por cujo azo sua multidão seria muito maior e peor de resistir, diziam a el-rei que faria bem de lhe sahir ao caminho e lhe embargar tal ida como aquella, por se não acrescentar mais gente da que era; ouvindo el-rei estas razões, conhecendo porque o diziam, respondeu entonce e disse:

— «Não cureis d'esso, leixai-os ir, ca posto que se agora todos assim ajuntem e se vão pera seu senhor, não cuido que os acheis tão junto com elle, quando houverem de morrer ás vossas mãos».

E esto lhe dizia elle pelos animar e esforçar, posto que as razões d'elles lhe parecessem leaes, onde sabei que assim em Leiria soube el-rei de Castella em certo que el-rei de Portugal se fazia prestes com suas gentes pera o aguardar em campo, e lhe poer batalha, onde fique correndo seus feitos como lhe prouguer e nós tornemos vêr que conselho houve el-rei com o condestabre, depois que partiu d'Abrantes e passaram estes poucos dias.

CAPITULO XXX

Do conselho que el-rei teve com os seus sobre o poer da batalha, e das razões que hi foram falladas.

ESTANDO el-rei em Abrantes da guisa que o leixamos, entrou em conselho elle e o condestabre e os outros com que tinha costume de fallar seus segredos, esto sobre duas razões, a primeira se poeria batalha aos inimigos ou uzaria de guerra guerreada, pois que o poer da praça era cousa mui duvidosa, e se dissemos que el-rei de Castella, ante que de todo entrasse no reino, teve um grande e notavel conselho, se era bem entrar ou poer gentes pelas comarcas, não foram em esto menos de palavras nem mais pouco disputadas as de seus contrarios, mas por abreviar o que ahi foi fallado, diremos estas poucas cousas, porque comprehender podeis as mais que se dizer podiam.

A divisão de uma parte era mui pouca, ca os mais d'elles outhorgavam não haver hi batalha, e davam estas razões: diziam que pois el-rei de Castella entrava no reino, que se fosse el-rei a Alemtejo, e que entrasse pela comarca d'Andaluzia, e quando el-rei de Castella esto soubesse, que encaminharia pera o ir buscar, por accorrer a sua terra, e por esta guisa o desviaria de não chegar a Lisboa pera lhe fazer damno, e indo-o buscar d'esta maneira, que se tornaria el-rei ao reino por outra parte, e d'este geito escusaria a batalha que era cousa mui duvidosa e de grão perigo, porque el-rei de Castella vi-

nha mui orgulhoso com poderio de muitas gentes, e elle em companhas e nas outras cousas estava muito pelo contrario, e que em se fazendo a guerra por esta guisa, espaçar-se-hia o tempo e poderiam em tanto vir algumas gentes de Inglaterra em sua ajuda, pois era certo que haviam de vir, e aguardavam cada dia por elles, ou haveriam algumas avenças de que se depois poderia seguir paz e bom assocego, e n'este accordo eram todos os do conselho, ante que o condestabre viesse, e isso mesmo depois.

O conde quando aquello ouviu desprougue-lhe muito do tal accordo, como aquelle que nenhuma cousa mais desejava que vêr-se com el-rei de Castella em campo, e el-rei outrosim posto que este desejo tivesse, eram tantas as razões que os do conselho davam a se haver de escusar, que o faziam poer em duvida e inclinar da sua parte, e não sem razão, ca seu vencimento era mui duvidoso, porque os mais dos portuguezes eram em ajuda dos inimigos; porém o conde pera os demover disse muitas e boas razões, mostrando quanto era proveito do reino e honra d'el-rei de poer batalha a el-rei de Castella, pois que o tinha comsigo no reino, d'outra guisa não o fazendo que mostrariam grande mingua e covardice, a qual quebraria a muitos os corações dos portuguezes, que esperavam sua defensão, e daria grande esforço a seus inimigos, e que leixando-os chegar a Lisboa, que podia ser que se lhe daria, vendo-se posta em aficamento, e perdida Lisboa, perdido era todo o reino.

—«Demais, senhor, disse elle contra el-rei, que vós sabeis bem quando escrevestes a Lisboa que vos mandassem as gentes que vos havia de enviar, que logo lhe fizestes saber que vós havieis novas

certas que el-rei de Castella vinha com grande poder pera ir sobre ella, mas que elles fossem bem fortes que com a ajuda de Deus elle acharia o caminho assim embargado, que não haveria vontade de lá chegar, e mais mandastes uma carta d'avisamento a Alvaro Paes, como sabem estes que aqui estão, sobre feito de Fernando Annes, almoxarife que foi do conde D. Alvaro Pires de Castro, em como vos era dito que elle tinha falla feita que dessem entrada por um postigo da cidade aos castellãos, e a maneira que tivessem em fazer d'elle justiça e dos que achassem que eram culpados, e ora por mais avundamento foram tomadas as cartas que bem vistes, que el-rei de Castella mandava a Diogo Gomes Sarmento, em que faz menção que lhe envia uma carta a Pero Affonso da Ribeira, capitão da sua frota, que fosse com algum seu amigo, de guisa que a carta entre em Lisboa e entendam o que n'ella é conteudo, pois quando na carta que se lêr póde, disse elle, vae tal cousa como esta, que fará nas outras, que com ella iam, que se lêr não pódem? Em que parece que alguma má semente jaz n'aquella cidade, entre trigo limpo, em que el-rei tem sua esperança, a qual seria muito acrescentada em elle e reinaria mais nos corações d'aquelles que alguma traição tem cuidado de fazer, quando vissem que el-rei nosso senhor não ouzava de lhe poer a praça e se ia andar a Sevilha, por cortar duas oliveiras podres, o que em verdade sem esto por nenhuma guisa não era de fazer, vistas as pressas e tribulações que Lisboa padeceu e padece por levar este feito a deante por honra do reino e serviço d'el-rei nosso senhor, e ora em galardão de tão bom serviço dizeis que se vá a Sevilha gastar gentes e tempo sem cousa que

lhe aproveitar possa, e que leixe Lisboa em poder de seus inimigos, sem capitão e gentes que a defendam, morrendo de fome como cães, como morrem cada dia, que maior é agora a fome em ella, que quando a el-rei de Castella teve cercada e tomada Lisboa, metel-a-ha el-rei a roubo, como de infieis, matando e roubando e deshonrando quantos bons em ella achar, e dos outros uzará como servos e captivos, como aquelle que é bem certo que ella foi e é cabeça de quantos no reino rebelam contra elle, e el-rei nosso senhor é mister que se faça entonce seu vassalo, e nós outros todos com elle, e este ha-de ser a fim da guerra que havemos de ir fazer a Sevilha, se nol-a lá leixarem fazer, ca Sevilha não é aldeia de dez fogos, que não torne sobre si, ella e os da comarca de redor, quando tal cousa virem. Certamente eu vos digo, se meu conselho em esto fosse creudo, que não digo eu com estes poucos que vós dizeis que nós somos, como é verdade, mas ainda que nós fossemos mais poucos do que aqui estamos, que eu nunca o leixaria chegar a Lisboa, mas ao caminho lhe iria sahir, e poer a praça á ventura que me Deus dar quizesse, havendo firme esperança n'Elle que m'a daria boa, quando cuidasse que pelejava com um homem que contra verdade e juramento dos tratos que prometido tinha, queria tomar por força um reino de que tem perdido direito algum, se o n'elle havia. A ajuda de Inglaterra que dizeis que esperamos, digo que era mui bem se sua vinda fosse a tempo que podesse aproveitar, mas entendo que já não póde vir senão ao atar das feridas».

«Os fidalgos da Beira que el-rei tem mandado chamar, é mui grão razão que os attendamos, com-

tanto que sua vinda seja antes que el-rei de Castella passe de todo, e se vá lançar sobre Lisboa, ca depois que elle jouver sobre ella e se apalancar e correger com o poderio que leva, mui mal lhe poderemos depois accorrer, mórmente cidade esfaimada e sem capitão, e ainda má semente n'ella, segundo por estas cartas parece, e pois elle tem esperança de a cobrar por taes cartas como manda, vêde que fará jazendo sobre ella e fallando á sua vontade com aquelles a que tal segredo escreve? Assim que vistas estas couses e cuidando mui bem, todo meu concelho não é, nem será, salvo poer-lhe batalha e attendel-o no campo e tomar tão grave honra e boa ventura, como nos Deus traz á mão, e esta foi sempre a minha tenção, e assim o disse a el-rei meu senhor, que aqui está, quando lhe em Guimarães primeiramente veiu recado que el-rei de Castella queria entrar no reino, e n'este accordo ficamos entonce, e sempre lhe tal desejo senti.

Mas se o vós agora mudaes de seu bom proposito e vos elle quer seguir a vontade, pode fazer o que sua mercê fôr, mas eu nunca me entendo mudar do meu, e d'aqui em deante farei como quizerdes, ca eu não cuido em ello mais fallar.»

Entonce se sahiu do conselho e se foi pera seu alojamento, e os outros ficaram em grandes debates fallando assaz de muitas razões, as quaes todas serviam e eram fundadas em toda a guisa batalha não ser.

CAPITULO XXXI

Das razões que el-rei disse aos do conselho e como mandou chamar o condestabre.

FICANDO este concelho não determinado n'aquelle dia, no outro seguinte, bem cedo pela manhã, ouvidas primeiro missas segundo costume, mandou o conde dar ás trombetas, e com coração bem menencorio, cheio porém de virtuosa ardideza, sem mais fallar a el-rei nem a outro nenhum, se partiu com suas gentes caminho de Thomar, pera onde el-rei de Castella vinha, e el-rei quando soube que o conde assim se partia de seu alojamento e se fôra, maravilhou-se muito, tendo como era verdade que elle ia muito annojado, porque todos tinham tenção de não ser batalha, e os do concelho começaram de dizer que o conde errara mui muito em se partir d'aquella guisa, e que bem mostrava sua partida por este modo grão desprazimento d'el-rei e d'elles todos, dizendo estas e outras razões por o omiziar com elle por não curar de seu conselho, mas el-rei que d'elle muito fiava, por sua grão bondade e leal serviço, não se curou de quanto diziam, conhecendo do conde quem era e a todas aquellas razões, segundo diz aquelle doutor, deu esta resposta e disse:

Pratica d'el-rei D. João

—«Amigos, esta noite eu cuidei muito acerca do nosso feito, e do conselho que hontem houvemos, e

vistas as razões todas que aqui foram falladas, e quantas eu mais poude cuidar, as do condestabre em toda guisa me parecem que devemos seguir, ca segundo dizem e eu hei por novas certas, el-rei de Castella leva seu caminho direito pera Santarem, onde por alguns mezes quer estar d'assocego, e d'alli mandar certas gentes a Cintra e a Alemquer, e aos outros logares que sua voz mantem, e que assim de Santarem como de todos elles cada edoma vão correr até os muros de Lisboa, e que quantas pessoas percalçar poderem, que todos matem e captivem, e que queimem e roubem quaesquer mantimentos e cousas que achar poderem, até que elle vá sobre a cidade e por força e fome e taes padecimentos, se lhe haja de dar, e por ella entende de tomar o reino todo, como é verdade, sem mais batalha nem outra ordenança de guerra, e nós que lhe accorrer queiramos, depois que fôr cercada, podel-o-hemos mui mal fazer, segundo a multidão das gentes que el-rei sobre ella terá, assim por mar como por terra, e ainda vos digo mais, e que lhe occorrer queiramos por ventura depois que el-rei passar e jouver sobre ella, muitos dos que ora aqui são commigo poderia ser que iriam lá de má mente, ou se tornariam pera suas casas; outrosim que queiramos ir a Castella, como alguns de vós outros dizem, entendo que de tal ida não se nos póde seguir proveito nem honra, assim que se nós a este feito não aventuramos pôr batalha, como o conde diz, o reino é de todo perdido, e quanto até aqui fizemos foi em vão todo, e muito melhor fôra não o começarmos, e quanto é o que mais duvidamos por serem elles muitos e nós muito poucos, a esto digamos o que dizem que disse Judas Machabeu a suas gentes,

quando o principe das hostes de Siria ajuntou grão batalha contra elle, e os de Judas porque eram poucos, receavam a multidão dos inimigos, e duvidando disseram a Judas — como poderemos nós tão poucos como somos lidar com tanta gente e tão forte? Elle dizem que respondeu e disse:

— «Ligeira cousa é ao Senhor Deus dar aos muitos nas mãos dos poucos, porque a victoria da batalha não é na multidão da hoste, mas do ceu vem o vencimento. Entonce os foi commetter primeiro, e foi aquelle principe desbaratado, e toda sua hoste, por Judas e por aquelles poucos que comsigo tinha, e eu assim digo a vós outros, disse el-rei, que por nós sermos pouca gente e elles muitos mais que nós, que não havemos por isso porque nos espantar, já que muitas vezes aconteceu, e cada dia vemos aquecer, que os poucos ás vezes venceram os muitos, de mais que nós temos justiça em defender nossa terra e nossos bens, de quem nol-a quer tomar por força contra Deus e contra direito, britando os tratos e juramentos que sobre esto fez, mórmente que eu entendo de lhe mandar dizer primeiro que eu lhe requeiro da parte de Deus e do martyr S. Jorge que se torne pera sua terra com seu poderio, e não queira damnar este reino em que não tem direito, senão que seja certo que eu porei este feito em juizo de Deus, que o livre por batalha como sua mercê fôr, e Deus que sabe todas estas cousas e todo o mal que elle contra nós cuida, elle seja o nosso capitão em aquelle dia, e nos dará d'elle vencimento de que todos cobraremos grande honra e boa fama, e prazerá a Deus que elles que me agora chamam por escarnecer rei d'Aviz, que elles me chamarão cedo rei de Portu-

gal, com que lhes muito pezará, e que d'outra guisa fosse, que Deus não mande, todo o mundo diria que fizeramos o que deviamos, e sempre de nós ficaria bom preço e nomeada, e eu espero em Deus e na sua preciosa Madre, que seja nossa advogada que nós teremos a victoria d'este feito melhor e mais prestes do que cuidamos, e porém com esforço de Deus e da Virgem Maria, e do precioso martyr S. Jorge, todos de boa vontade mandemos chamar o condestabre, que bem sei que vae annojado, e ordenemos a batalha como se haja de poer, e movamos logo juntamente e vamos buscar nossos inimigos.»

Estas e outras boas razões, segundo escreve aquelle doutor, fallou el-rei aos seus pelos esforçar, de guisa que como o temperado formento leveda a massa que aproveite, assim as boas razões d'el-rei levedaram todos, vendo seu afincado desejo a outhorgarem que fosse a batalha, dos quaes o doutor Gil Docem ante os outros que fallaram disse por esta guisa:

— «Senhores, tomae os dados na mão, cuidando que jugaes com el-rei de Castella, e lançando-os pelo tavoleiro, ponde este feito em sorte de batalha, e se vos vier de retorvo, lançaes o melhor encontro que nunca lançou rei que n'esta terra fosse, e posto que lançaes azar, não podeis sahir do jogo senão com vossa honra.»

El-rei começou logo de se sorrir, e os outros, e mandou logo chamar o conde, por João Affonso de Santarem, que era do seu concelho, o qual chegou ao arraial onde já o conde com os seus estava aposentado, e disse que el-rei lhe enviava rogar que tornasse a elle pera haverem seu conselho como se

este feito melhor podia fazer, e mais com sua honra, e o conde como ardido e valente cavalleiro respondeu de praça que o ouviram todos, e disse:

—«Dizei a el-rei meu senhor, que eu não sou homem de muitos conselhos, e pois já uma vez por elle foi determinado como elle bem sabe, de não leixar passar el-rei de Castella, todavia lhe poer batalha, que eu d'esta tenção não me entendo de mudar, nem tornarei um pé atraz, mas dizei-lhe que peço por mercê que me leixe ir meu caminho, ca eu com estes poucos e bons homens portuguezes que commigo vão, lh'a entendo de ir poer; se sua mercê fôr de ir lá, mande-m'o dizer, e aguardal-o-hei em Thomar.

O bemaventurado rei, e muito bemaventurado, que mereceu d'haver e possuir um tão leal e ardido vassallo, que com seus poucos e bons companheiros quizera escuzar seu senhor de tão grande e duvidosa contenda, se lhe prouvera de o consentir, mas o nobre rei quando viu sua notavel e tanto de louvar resposta, mandou a elle outra vez Fernão d'Alvares d'Almeida, que lhe rogava todavia que tornasse, e se tornar não quizesse, que se fosse aposentar em Thomar, e que elle partiria logo d'Abrantes e se iria apoz elle pera ordenar a batalha.

O condestabre foi d'esto mui ledo e partiu logo caminho de Thomar, que eram cinco leguas d'Abrantes, e el-rei isso mesmo no seguinte dia, e alli se ajuntaram entonces todos.

CAPITULO XXXII

Do recado que o condestabre enviou a el-rei de Castella, e das razões que mandou ao que prenderam que dissesse perante el-rei.

Elles assim juntos em Thomar, fez el-rei alardo e achou certas gentes que depois diremos, d'homens d'armas e de pé e besteiros, e logo el-rei e o condestabre concertaram suas batalhas, assim da vanguarda como da reguarda, e as alas esquerda e direita, e que gentes e capitães haviam de ir em cada uma, assim na vanguarda qne o conde havia de levar, como na reguarda, onde el-rei havia de ir, onde sabei que antigamente em Portugal, não nomeavam nas batalhas a vanguarda, nem reguarda, nem ala direita nem esquerda, mas chamavam á vanguarda dianteira, e á reguarda catua, e ás alas costaneiras, e depois que os inglezes vieram em tempo d'el-rei D. Fernando, como ouvistes, entonce lhe chamaram estes nomes.

Esto feito ordenou o conde logo de fazer duas cousas, uma foi mandar quatro ginetes que fossem tomar alguma da companha dos inimigos, por saber em certo que gentes trazia el-rei, e como assentava seu arraial, e que guardas punha de noite sobre si, a outra de mandar um regimento a el-rei de Castella por escripto, o qual lhe levou um escudeiro, e dizia d'esta guisa:

— «Direis a el-rei de Castella que meu senhor el-rei de Portugal, e todos seus naturaes que com

elle estão, lhe dizem de parte de Deus e do Martyr S. Jorge, que lhe não queira destruir sua terra, e que por serviço de Deus, sendo guardada a honra d'el-rei meu senhor, e ficando elle rei no reino de Portugal, que elle faria com elle boa avença, qual fôr rezoado e guisado, e não o querendo elle desembargar nem se partir de sua terra, que el-rei meu senhor o põem todo na mão de Deus, e o quer livrar por batalha e esperar sobre esto o seu juizo».

El-rei de Castella recebido o escripto e vistas suas razões, respondeu por outro tal que deu ao escudeiro, cuja resposta era esta:

—«Dizei vós a Nuno Alvares Pereira que elle sabe mui bem que eu casei com a rainha D. Beatriz minha mulher, filha d'el-rei D. Fernando, e fiz minhas bodas com ella na cidade de Badalhuce, e o Mestre d'Aviz que se chama rei de Portugal, e todos grandes do reino, vieram hi e lhe beijaram a mão por rainha e senhora do dito reino, e assim a mim como a seu marido, depois dos dias d'el-rei D. Fernando, e d'esto houve hi certos tratos jurados sobre o corpo de Deus consagrado, e que eu hei direito n'este reino, por bem da rainha minha mulher, e que se o Mestre d'Aviz e os que com elle estão se quizerem vir a minha mercê, não catando o muito desserviço que me hão feito, que eu partirei com elles em este reino, assim em terras como officios grandes e honrados, de guisa que elles sejam contentes, d'outra guisa não querendo, salvo porfiar em seu rebelamento e desobediencia, e o querem levar por batalha, que eu creio que Deus me ajudará com o bom direito que hei, e com tal intenção os irei buscar.»

Este recado vindo ao conde, chegam os quatro

ginetes que elle mandára, e a uma legua do arraial d'el-rei de Castella tomaram um escudeiro portuguez que andava de cavallo por esses casaes, buscando alguma cousa, como faziam outros, e trouveram aquelle escudeiro a Thomar, e os tres de cavallo ficaram com elle nos olivaes além da ponte, e um d'elles veiu fallar ao condestabre, dizendo como tinham alli aquelle prisioneiro, e era esto um dia que tornaram outra vez a prover o alardo e concertar toda sua batalha, como á primeira ordenaram, e o conde se foi só caladamente com aquelle que lhe trouvera o recado, e apartou aquelle homem a departe, e soube novas do arraial dos inimigos, que gentes eram e quantos, e toda sua maneira, e depois que todo soube disse ao escudeiro como el-rei com suas gentes estavam entonce provendo o alardo que fôra já feito, e consertando suas gentes como haviam de ir, que lhe rogava e mandava que presente el-rei e todos os homens d'armas que alli eram, dissesse que el-rei de Castella tinha gentes estrosas e pera pouco, e desacordados uns dos outros, e que aquellas gentes que el-rei alli tinha lhe pareciam taes e tão bons que melhores eram cem homens d'armas d'aquelles que mil dos outros, e que dizendo elle assim que lhe faria mercê, e se soubesse que o d'outra guisa dizia, que o mandaria matar, sem haver n'elle mais vida, e o escudeiro prometteu que assim o diria, e muito melhor, se o melhor podesse dizer. Entonce se foram onde os portuguezes estavam, e o condestabre chegou a el-rei e disse como cavalgadores traziam alli um escudeiro preso da companha d'el-rei de Castella. Entonce perguntou el-rei de praça por novas dos castellãos, e elle disse perante todos aquello que o con-

destabre lhe mandara dizer, desprezando muito a gente d'el-rei de Castella e louvando aquelles que alli estavam, dizendo que os outros logo eram gentes pera nada, e outras taes razões de desprezamento, com que muito folgaram os corações dos portuguezes, cobrando mór vontade e desejo pera irem á batalha.

CAPITULO XXXIII

Do recado que el-rei de Portugal enviou a el-rei de Castella, e como chegou ao campo e ordenou a batalha.

SIMILHAVELMENTE não embargando o que este escudeiro disse por mais avisamento e certidão das gentes que el-rei de Castella trazia, mandou el-rei a lá com recado por palavra um escudeiro chamado por nome Gonçalo Annes Peixoto, ao qual el-rei encomendou que esguardasse bem que gentes eram e como corregidas, e toda sua ordenança, e elle chegou ao arraial dos inimigos e apresentado ante el-rei propoz estas razões e disse:

Recado d'el-rei de Portugal a el-rei de Castella

«Senhor, el-rei de Portugal, meu senhor, vos envia dizer que bem sabeis como já por vezes entrastes em este reino damnando e destruindo e fazendo em elle quanto mal podestes fazer, trabalhando por o cobrar e haver pera vós, como se fossem bens de vossa herança, sabendo vós bem que não tendes em

elle direito nenhum, e que se algum direito já tivestes em outro tempo, que o perdestes todo, pelo britamento dos tratos que quebrastes, e que ora outra vez vindes por o damnar e destruir, que é cousa que esguardada bem por vós não vos deveis d'elle entremeter, porém que se vos prouguer, por se não damnar a terra, nem padecer tanta gente como em tal feito se pode perder, que guardada sua honra como deve, elle de boamente será vosso amigo e inimigo de inimigo, e isto não por receio e espanto que de vossas gentes haja, mas sómente por se não esparger tanto sangue d'ambas as partes como está prestes pera se esparger, de que elle não queria ser azo, e que vos requer da parte de Deus e do martyr S. Jorge, que não queiraes em ello ter outra maneira».

El-rei ouvindo estas razões, respondeu ao escudeiro e disse:

— «Dizei ao Mestre, que se chama rei do reino que seu não é, que eu me maravilho muito d'elle querer manter contra mi tal porfia como mantem, e dizei que o reino que é meu per casamento de minha mulher, que o quer elle haver pera si e trabalhar de o defender, que é cousa que elle nunca hade levar adeante, mas dizei-me ante que mais vos diga que vos valha Deus, que quer dizer guardada sua honra, como deve?

«Quer dizer que fique elle rei como é, respondeu o escudeiro, n'aquelle estado em que Deus e os povos o pozeram».

D'esto houve el-rei grão queixume e sanhudamente respondeu, dizendo:

— «Dizei ao Mestre que nunca em sua vida o tem de vêr, e que ante se Castella toda perdera em esta

demanda, que elle haver de ser rei do reino que a mim pertence, e que lhe requeiro da parte de Deus e do apostolo Santiago que me não queira em esto mais poer torva, e que todo o mal e damno que se d'esto seguir, que Deus o demande a elle, e a mim não».

— «Pois assim é, disse o escudeiro, que vós d'outra guisa, senhor, não praz, el-rei meu senhor vos manda dizer que elle quer esperar o juizo de Deus sobre esto, e o quer levar por batalha, a qual vos entende de poer no dia e logar que vós divisardes, ou no primeiro que pera ello achar mais azado».

El-rei respondeu que lhe prazia muito, e despedido d'elle tornou-se a Thomar onde el-rei de Portugal ainda estava. El-rei como o viu prouve-lhe muito com sua vinda, e fallando com elle a departe, depois que lhe contou a mensagem, perguntou-lhe que lhe dissesse a verdade, que gentes trazia el-rei de Castella, e como corregidas, e por toda sua ordenança, e elle lhe respondeu dizendo:

—«Digo-vos, senhor, que eu vos entendo em esto fallar tão certo que além do que vos eu disser nenhuma cousa achareis nem mais nem menos, porque n'aquelle dia que eu cheguei fazia el rei alardo, e a mim pareceu segundo eu vi e pude estimar, que elles são até sete mil lanças e dois mil ginetes; béstaria e homens de pé são tantos que não me atreverei a poer conto, pagens e d'outra gente de carriagem, é tanta a multidão que no mundo não ha homem que se não espante; capitães e d'outras pessoas honradas vi hi d'elles assaz muitos, assim como D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, condestabre de Castella, que dizem que traz a vanguarda, e com elle D. Pedro Alvares Pe-

reira, mestre que ora é de Calatrava, irmão do nosso condestabre; D. Gonçalo Nunes, mestre d'Alcantara, e D. Pedro Dias, priol de S. João, dizem que trazem uma ala; Pedro Gonçalves de Mendonça, seu mordomo mór traz muita gente comsigo, e assim outros, assim que sómente João de Valhasco, pagem mór d'el-rei, que lhe traz o bacinete, ha á sua quinhentas lanças. Outro sim vem hi João Furtado de Mendonça, alferes mór d'el-rei, Diogo Gomes Manrique, adeantado mór de Castella, D. João, filho de D. Telo, primo co irmão d'el-rei, e outros que não saberei nomear, capitães isso mesmo vem hi d'este mesmo reino assim como D. João Affonso Telo, que foi almirante, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e João Duque, e Garcia Rodrigues, e todos os alcaides dos logares que por elle estão na Estremadura, todos me pareceu que vi hi com muitas gentes comsigo, em tanto que sua multidão me pareceu tanta que é bastante pera poer batalha ao mór rei e senhor do mundo.»

El-rei ouvindo estas cousas que assim contava, deu a entender que não fazia d'esso conta, e disse ao escudeiro:

—«Sede avisado que por cousa do mundo não saiba eu que a ninguem dizeis nem migalha do que agora a mim dissestes, mas dizei a quem vos perguntar que são poucas gentes e mal corregidas, e que todas vos parecem gentes de conselhos, e os mais d'elles que foram confusos e poucos e maus peões, e peores bésteiros, e assim das outras cousas, far-me-heis em ello serviço, que vos cobrirei com mercês, e d'outra guisa a nenhum por muito vosso amigo que seja não digaes o contrario do que vos eu mando.»

O escudeiro respondeu que assim o faria e que a nenhum diria cousa porque se mudasse de seu bom proposito.

Partiu el-rei entonce de Thomar com aquella ordenança que alli fizera, o condestabre na vanguarda e alas, o pagem e balson tendido, e o alferes e a bandeira na funda, e el-rei na reguarda com aquelles que era ordenado, e com este regimento chegaram a Ourem, que eram d'alli tres leguas, onde o conde já tinha tomado alojamento pera a hoste ao pé da villa, contra Athouguia das Cabras, e como o arraial foi posto e a tenda d'el-rei àrmada, levantou-se um corço em meio do arraial, e correndo-o todo á redonda e muitos de cavallo em poz elle, nunca o poderam ferir nem matar, salvo na tenda d'el-rei onde se foi meter, o que todos houveram por bom signal, como se costuma fallar em taes feitos, dizendo todos com grão sabor, que assim como aquelle corço morrera, que assim esperavam em Deus que seria el-rei de Castella preso ou morto na tenda d'el-rei, e outras taes razões.

Ao sabbado seguinte partiu el-rei de Ourem e o condestabre ante elle com a vanguarda, e foi toda a hoste alojar a Porto de Mós, que eram d'alli cinco leguas, e ao domingo que alli folgaram, depois de missa, foi o conde por mandado d'el-rei contra Leiria, com cento de cavallo, com cotas e braçaes, e lanças compridas, e subiram por uns cabeços altos, por vêr se poderiam vêr a gente d'el-rei de Castella como vinha, e porque a vêr não poderam, tornou-se ao arraial e disse-o a el-rei. A' segunda feira, ante manhã, vespora da Virgem Maria, bem cedo de madrugada, mandou o conde dar ás trombetas, e de noite, ante que amanhecesse, começou ouvir suas

missas, e n'aquella tenda onde elle estava, davam o Santo Sacramento a quantos commungar queriam os clerigos que pera isto eram prestes, e logo como foi de dia, partiu d'alli toda a hoste e foram caminho d'aquelle campo, onde depois foi a batalha, que é d'ahi uma pequena legua, o condestabre deante por buscar logar convinhavel, el-rei detrás na reguarda, como tinham em costume; e assignado onde a batalha fosse e cada uma cousa devisada, chegou el-rei e prougue-lhe muito de como tudo estava ordenado, e desceu-se pé terra e começaram de ordenar sua batalha da vanguarda e reguarda, e alas e pagens e carriagem, todos detraz, cerca dos homens de pé e bésteiros, que não podessem receber damno.

CAPITULO XXXIV

Como os fidalgos da hoste d'el-rei de Castella vieram fallar ao condestabre, e das razões que com elles houve.

Tendo el-rei posta sua batalha com os rostos pera Leiria, d'onde os inimigos haviam de vir, que eram d'alli boas duas leguas, era já o dia em boa altura, acerca das dez horas, e el-rei fazia em tanto cavalleiros a quaesquer que o ser queriam, e fallava aos seus muitas razões d'esforço, dizendo que fossem fortes e ardidos, tendo grande esperança em Deus que os havia de ajudar, pois defendiam justa querella, e aguardando elles d'esta

guisa, começaram d'apparecer as gentes d'el-rei de Castella, as quaes eram tantas por toda a terra, que não havia homem que os visse que podesse cuidar que os portuguezes entre elles podessem guarecer; os apavesados e bésteiros vinham deante parecendo fatos de vaccas e grandes manadas de desvairados gados, assim que valles e outeiros se escondiam sob a grande multidão de uns e dos outros, e dando o sol em suas esplandecentes armas, faziam parecer muitos mais do que as gentes diziam, assim que se sua vista punha temor e espanto nos que os olhavam, escusado é perguntal-o, e vindo muito de seu vagar, chegaram acerca dos portuguezes, sendo já o sol no meio dia, e quando os viram estar na estrada, onde ora é feita a egreja de S. Jorge, não quizeram pelejar com elles de rosto, mas começaram-se de ir contra Aljubarrota da parte que é contra o mar, e os portuguezes cuidando que lhes não queriam dar batalha, diziam entre si uns aos outros:

—«O pezar do demo, já se vão e não querem pelejar?»

Em esto passando a hoste d'aquella guisa, começaram de se deter um bom espaço além d'elles, e alli seguraram e estiveram quedos, e por avizamento de vêr os portuguezes como estavam, chamou el-rei a Pero Lopes d'Ayala e Diogo Fernandes, marechal de Castella, e Diogo Alvares, irmão do condestabre, dizendo algumas cousas que fossem fallar com elle, mostrando que o haviam por proveito de uma e outra parte, e iam por todos cinco de cavallo com dois cavalleiros gascões, que vinham por vêr o condestabre que homem era, por sua grão fama, que todos d'elle diziam, e postos em logar d'onde podiam ser ouvidos com signal de seguros, como é de costume,

começou um de bradar que lhe chamassem Nuno Alvares Pereira, que o chamava seu irmão, e el-rei que era mais acerca d'aquella parte, como ouviu que o chamavam, fez chamar o conde e disse:

— «Colhei-vos a um cavallo, (porque elle andava de mulla) e hi vêr que vos quer vosso irmão, que me parece que vem alli».

O condestabre feze-o assim, e chamou um cavalleiro que levou comsigo, e não quiz mais levar, e quando se chegaram a fallar que Diogo Alvares o viu, mostrou grão lédice com sua vista, e abraçando o beijou na face e disse:

— «Oh! irmão, quanta saudade hei de vós, que ha tanto tempo que vos não vi, e quando me lembra nossa criação e vos não vejo da parte d'el-rei meu senhor, parece-me que quero morrer, e nosso irmão o mestre de Calatrava vos envia muito saudar e vos certifica que tamanha saudade ha de vós, como eu, e assim vos queria vêr com el-rei meu senhor».

E o conde respondeu dizendo:

— «Assim eu hei saudade de vós e d'elle, e aquello que vós pera mim desejaes, que é verdes-me comvosco, e da vossa parte, assim vos desejo eu vêr da nossa e da parte d'el-rei meu senhor, e se me outra cousa além d'esto quereis dizer, podel-o fazer sem nos mais deterdes».

Entonce fallou Pero Lopes e disse:

— «Nuno Alvares, bem sabeis como o Mestre d'Aviz que se chama rei de Portugal, e todos fidalgos que hi estão com elle, fizeram juramento a el-rei meu senhor sobre o corpo de Deus consagrado, de tomar e receber a rainha D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, depois da morte d'el-rei seu padre,

por sua rainha e senhora natural, e isso mesmo el rei de Castella meu senhor, por bem de ser seu marido, e diz que vós digaes ao Mestre que se chama rei, que elle lhe requer da parte de Deus e do Apostolo Santiago que se guarde este juramento, senão que Deus seja hoje juiz d'este feito».

A estas razões respondeu o conde e disse:

— «Verdade é que certos tratos foram feitos entre el-rei de Castella e el-rei D. Fernando quando se fez esse casamento que vós dizeis, os quaes foram já jurados sobre o corpo de Deus, de uma parte e da outra, e nós temos que el-rei de Castella os não guardou, segundo que os prometido havia, antes os passou e quebrou todos passando em este reino contra a ordenança dos tratos, tomando menagens e quitando outras que o não era razão de fazer, e mais tomou o regimento do reino que tinha a rainha D. Leonor, que era muito defeso nos tratos, e portanto os povos do reino proveram de haver rei e senhor que os defendesse, o qual está alli com elles, e crêem por sua parte que tem justiça e direito, o qual querem aventurar por batalha, esperando o juizo de Deus sobre ello, e d'esta tenção não se devem de mudar, e porém direis a el-rei de Castella que el-rei meu senhor lhe requer da parte de Deus e do martyr S. Jorge que se parta de sua terra e não queira mais entrar em seu reino, segundo lhe já mandou dizer.»

Respondeu entonce a esto Pero Lopes, dizendo:

— «A el-rei meu senhor não é defezo entrar n'este reino, o qual ha de haver por sua mulher. Preitos e mensagens elle as não quitou, pero que muitas villas e castellos estem por ella, e quanto é ao regimento que dizeis que el-rei tomou á rainh

D. Leonor que devera ter até certo tempo, digo-vos que el-rei não lh'o tomou, mas ella o leixou de sua vontade e o renunciou em poder d'elle, quando se primeiro viu com ella na villa de Santarem, e estas razõas são bem escusadas».

— «Certamente, disse o conde, a rainha não tinha poder de leixar o regimento que havia de ter até certo tempo, segundo a ordenança dos tratos, sem vontade e accordo de todos do reino, porque aquelle governamento lhe foi outhorgado e encommendado em favor e guarda do reino, por ser sempre reino sobre si e não se misclar, e não o haver el-rei de Castella, e portanto tinha ella o regimento até que elle houvesse filho da rainha D. Beatriz sua mulher, assim que em este passo e em outros muitos vemos que el-rei quebrantou os tratos, e porém todo o que faz é contra razão e direito.»

— «Ora, disse Pero Lopes, não curemos mais d'estas razões e venhamos a outra que vos hei de fallar. El-rei meu senhor vos manda dizer que por vós serdes tão bom como sois, discipulo de vosso irmão o mestre de Calatrava, que elle muito preza e ama, e isso mesmo por amor da rainha sua mulher, que por esto muito rogou que lhe peza muito de serdes aqui com estas gentes, em que bem vêdes que não ha defensão, e que porém vos roga que vos praza tirarde-vos de tal perigo, que vós passeis pera elle que mui bem o podeis fazer, e que elle vos accrescentará e fará tantas mercês de que vós sejaes contente.»

Isso mesmo lhe disse Diogo Alvares, da parte do mestre de Calatrava, seu irmão.

O condestabre respondeu a esto e disse.

— «Dizei a el-rei de Castella que não ha porque

em tal cousa me mandar fallar, ca onde elle cuida que nós havemos de ser vencidos, eu espero em Deus que elle seja hoie vencido e desbaratado e morto ou preso em poder d'el-rei meu senhor, e do que me dizeis da parte de meu irmão o mestre de Calatrava, dizei que não cure de mim, mas cure de si, que o ha hoje de passar mui mal, por me não querer crêr, segundo com elle fallei no começo d'estes feitos.»

— «Em verdade, disse Diogo Fernandes, tendes estranha tenção, verdes vós quão poucos vós sois e que nós somos dez tantos que vós, e que não havereis poder de vos defender, que vos não tomem todos ás mãos, e dizeis que quereis esperar batalha ao poderio d'el-rei meu senhor; parece-me que fareis melhor tornar-vos pera elle e dizer ao Mestre que se tire d'esta opinião que tem, e que elle perdoará todos do caso maior até ao menor, e os accrescentará em estado e honra, da guisa que elle e todos outros sejam contentes, e esto era bem pera ambas as partes, melhor ca se poerem em batalha nem á ventura de pelejar, ca bem vêdes vós que não lhe é são.

— «Disseste vós já? disse o condestabre.»

— «Já senhor Nuno Alvares, disse elle».

— «E eu, disse o condestabre, bem vos confesso que vós sois muitos mais e melhores corregidos, mas mór é Deus e o seu poderio, que todo esse que vós dizeis.»

— «Ao poder de Deus não fallo eu, disse Diogo Fernandes, mas el-rei meu senhor não é mais teudo que vos fazer tal requerimento, e se vos depois algum mal vier, Deus nem o mundo não lhe ponham culpa, porque sómente sua vanguarda é mui-

to maior que vós outros todos, com homens d'armas, peões e besteiros, e ainda mais vos digo, que sómente os estrangeiros que alli vem, homens bem sabedores de guerra, são bastantes de vos desbaratar sem mais outra gente que hi ponha mão.

— «Já vos disse outra vez, disse o condestabre, que quanto n'essa parte bem vos conheço quanto dizeis que sois muitos mais e melhor corregidos, mas mór é o poderio de Deus e a sua ajuda».

— «E demais, disse Diogo Fernandes, se vós cuidaes que nós outros somos herejes ou infieis, que haveis de vencer ou conquistar».

— Não sei eu, disse o conde, quanto vós sois herejes ou infieis, mas sei eu que temos nós razão e direito, e vós não, e sei que fará el-rei melhor tirar-se da excommunhão em que anda por quebrantar os tratos tantas vezes, como quebrantou, ca me mandar dizer que me torne pera elle e que me fará muitas mercês; as mercês e honra que me elle promette de fazer pelo eu haver de servir, dizei que as faça a meus irmãos, pois são em seu serviço e hão vontade de o ser, que eu mercês e honra tenho d'el-rei meu senhor, de Portugal, de que me contento, e d'outro nenhum rei nem senhor não as quero haver nem tomar».

— «Avonda, disse Diogo Fernandes, parece que vós e os outros da tenção que tendes não vos entendeis mudar, e pois assim é, vós d'este feito não podeis tirar senão honra, se se acertar de vencerdes, sois os mais honrados homens que nunca no mundo houve, se fordes desbaratados, sois os mais honrados vencidos que nunca no mundo foram».

Mas esto dizia elle com geito e som de escarneo, e não de vontade.

Entonce se partiram e foram-se, e o conde contou a el-rei em breve quantas razões com elles tivera.

CAPITULO XXXV

Do conselho que el-rei de Castella teve, se poeria batalha ou não.

EL-REI de Castella não era bem são, havendo já dias que tinha sazão, e dizem que aquelle era o dia que a havia de ter, e assim fraco como estava, tiraram-n'o das andas em que viera e jazia acostado a um cavalleiro; e quando Pero Lopes e os outros chegaram, estava fallando com os seus, que maneira teriam n'aquella batalha, uns diziam que os fossem logo commetter, outros todavia diziam que não, porém faziam-se prestes quanto podiam, e quando el-rei viu Pero Lopes e os outros, prougue-lhe com elles, e perguntou que lhes parecia da ordenança dos portuguezes?

— «Nós, senhor, disseram elles, fallámos com Nuno Alvares quanto nos mandastes dizer, e mais todo o que entendiamos por vosso serviço, e sua resposta em conclusão foi que as cousas não estavam já em tal termo, salvo de o poerem na mão de Deus, e o livrar todo por batalha; quanto é ao que perguntaes como vossas gentes devem de fazer, a nós parece, sob emenda de vossa mercê e de quantos senhores e fidalgos aqui estão, que vós deveis fazer d'esta guisa. O dia é já muito baixo, que é acerca de horas de vespora; e as mais de vossas gentes não hão

hoje comido nem bebido, e estão annojados da quentura do caminho, des-ahi muitos homens de pé e bésteiros não são ainda vindos, ca vão com as carretas e azemulas da hoste, porém segundo a nós parece, a vanguarda da vossa batalha está em boa e nobre maneira, mas as duas alas onde estão muitos e bons cavalleiros, segundo a ordenança que vemos, não nos pódem aproveitar, porque tem deante dois vales que passar não pódem pera empecer aos inimigos e accorrer aos da vanguarda».

Mas tal escrever foi bulha composta pera enganar os que não sabem, ca ahi não ha valles nem outeiros que nojo podessem fazer, mas todo é charneca raza, em que caberiam dez tamanhas batalhas; e se os ahi havia, culpa de quem no ordenava, mas disseram esto por encobrir sua má fortuna e mingua do aquécimento, ca este mesmo author no capitulo que se começa, o Mestre d'Aviz que se chama rei, diz que partindo el-rei de Castella de Soure, chegou a uma praça legua e meia dos inimigos, e no outro dia foi acerca d'elles, onde tinham sua batalha posta, e poz-se acerca de um campo chão, e alli ordenou suas batalhas. E pois que em um logar diz campo chão, e em outro vales tão esquivos que passar não podiam, tenhamos sua obra em pouca reputação, pois que fallou em certos passos, contrario da verdade, por abater na victoria de seus inimigos.

Ora leixando esto diz que disseram estes mais a el-rei:

— «Os portuguezes, senhor, tem sua vanguarda e duas alas juntas, em que ha gente de pé e bésteiros em abundancia, e pera quem tem tanta boa gente, como vós, deveil-a d'ordenar de tal guisa que

se ajudem uns aos outros, e pois que estaes em praça e tendes vossas batalhas bem ordenadas, a nós parece que os deveis de mandar estar quedos, e nossos inimigos de duas cousas farão uma, ou sahirão d'aquella ordenança e avantagem que tomaram pera pelejar, ou não se sahirem aproveitar-se-hão vossas gentes umas das outras, entonce Deus seja juiz; e se refuzarem de sahir d'aquella ordenança, não é duvida que mostrem em ello mui grão medo; des-ahi a noite vem-se chegando, de cuidar é de boa razão que muitos se partam e leixem a hoste, de mais que sabemos que elles não teem viandas, salvo pera hoje, e vós, senhor, aqui onde estaes, tendes viandas pera lhe manter profia ainda que fosse espaço de dias, e assim segundo estas cousas, nossa intenção é que vossas gentes estem quedas pera vêr que farão os inimigos».

Outros houve ahi, cavalleiros, que disseram a el-rei o contrario d'esto, dizendo que elle tinha muitas avantagens aos portuguezes, e eram estas. A primeira era ser elle um dos grandes principes e reis do mundo; a outra ser casado com a filha d'el-rei D. Fernando, por cujo azo havia direito no reino, des-ahi ter ahi comsigo tantas e boas gentes, com muitos e nobres fidalgos de linhagem, que porém lhes parecia razão que el-rei os devia mandar commetter, e que fiavam em Deus que elle seria aquelle dia de sua parte e lhe daria boa ventura, e que seus inimigos que contra elle rebelavam, e foram ouzados de se poer na praça, que elles fariam penitencia do erro que contra elle e contra a rainha D. Beatriz, sua mulher, commetteram. E dizendo cada um perante el-rei todo o que lhe sobre esto parecia, estava ahi um cavalleiro francez, que chamavam micer

João de La Ria, camareiro d'el-rei de França, homem de edade de sessenta annos, e viera em mensagem a el-rei de parte de seu senhor, e quando viu que el-rei queria entrar em Portugal, que diziam que se não escusava de haver batalha, não se quiz partir d'el-rei e veiu-se com elle, e era presente alli aquelle dia, e alli morreu, e ouvindo as razões d'um e dos outros, fallou a el-rei e disse assim:

— «Senhor, eu sou cavalleiro d'el-rei de França, vosso irmão e vosso amigo, e sou já na edade que vêdes, e hei já vistas muitas batalhas, assim de mouros como de christãos; emquanto estive além mar, pelas cousas que vi acontecer, tanto hei aprendido em ellas, que uma das cousas porque homem mór aventagem póde ter de seu inimigo, assim é o poer-se em boa ordenança, assim em guerra guerreada como em batalha, e em duas batalhas que eu fui com el-rei Philippe e rei João, meus senhores, contra el-rei d'Inglaterra, e contra o principe de Galles seu fillho, ambos se perderam por se não ter n'ellas boa ordenança, e porém me parece que a razão de Pero Lopes e d'aquelles fidalgos que tem aquella parte, deveis de mandar que se guarde».

El-rei disse que lhe prazia. Similhavelmente disseram outros que lhe parecia que por nenhuma guisa el-rei não devia de poer batalha, e davam em ello estas razões, dizendo:

— «Senhor, a nós parece que vós por o arrazoado não deveis pelejar com estas gentes, que são uns poucos de desesperados, que se pozeram n'aquelle campo por levar adeante a profia que começada tem, e mostram tal oufania segundo diz Pero Lopes, que não receiam a morte nem prezam a vida,

e fazem o siso, pois se por aqui livra todo seu feito, pois por mercê, senhor, esguardae e vêde que honra haveis de tirar em pelejar com taes homens como estes? vós que sejaes vencedor, não levaes nenhuma honra d'elles, antes vos prasmarão depois todos como se fosseis um grande lutador trabalhando vós por derribar um cachopo; se acontecesse de serdes vencido (o que Deus não mande) sereis o mais deshonrado rei que no mundo foi, contando-vos todos por homem de máu recato, que tão boa companha, como comvosco tinheis, fostes aventurar a uma pouca de pobre gente, de que nenhuma honra haveis de tirar, pois aventurar tão grande perda d'onde se não segue proveito nem honra, escusado deve ser tal trabalho, mas parece-nos muito melhor que passeis com vossa hoste como trazeis ordenada, e i-vos a Santarem, e des-ahi a Lisboa, e vós partido espalhar-se-hão logo todos, e é grão duvida se se mais ajuntarão como ora estão, e que se juntem, ante vós tereis acabado aquello porque viestes, que é tomardes Lisboa, porque cobrareis todo o reino, e porém, senhor, por mercê não aventureis a cousa ganhada por um pouco de vencimento, de que não tiraes louvor nem proveito.»

CAPITULO XXXVI

Do conselho que deu D. João Affonso Tello a el-rei de Castella, que todavia fosse á batalha, nas quaes razões el-rei outhorgou.

D. João Affonso Tello, que já nomeámos, era ahi a esto presente, e ouvindo as razões que todos disseram, começou de fallar muito pelo contrario, e disse em esta guisa:

Conselho de D. João Affonso Tello

— «Digo-vos, senhor, que eu sou muito contra este conselho, e contra as razões que estes dizem, e parece me que quem vos aconselha que vós não pelejeis com esta gente, nem ponhaes batalha a estes homens, que não hão a vossa honra nem serviço, e esto por duas razões. Elles dizem que, por cousa que seja não vos tremetaes a pelejar com esta gente, mostrando que de os vencerdes nenhuma honra tirareis, nem louvor, e sobre esto affirmam duas razões. A primeira tem nos já por vencidos, não sómente por armas, mas que ás mãos os hão de tomar. A outra que de os vencerdes como disse, nenhum proveito nem honra se nos sigue, e eu entendo-o muito pelo contrario, porque quanto é ao vencimento que elles hão já por feito, vista a pouquidade d'elles e a multidão da vossa hoste, esto não cuido que seja assim ligeiro como elles cuidam, ca aquelles homens que se alli pozeram bem

sabem quantos são de poucos, e nós quantos somos de muitos e melhores, e o que começado tem hão-n'o de seguir com toda a vontade, e pois nos elles vieram buscar e nos alli estão attendendo, não cuido que tão azinha d'alli os arranque como elles cuidem, e quem os houver d'arrancar, alguma cousa lhe custará primeiro.»

A esto respondeu D. Pero Diaz, priol de S. João, e disse:

— «Isso dizeis vós porque são portuguezes como vós».

— «Eu, disse o conde, não o digo por isso, mas digo-o porque conheço bem a mór parte d'elles, e não cuido que sejam assim ligeiros de tomar como alguns dizem, e porém de os el-rei vencer, não digo que não tirará honra nem proveito, ca vence um rei, ainda que lh'o vós não chameis, com todo seu poderio, que lhe embarga um reino que lhe pertence de direito, e lhe dá que fazer como vós bem vêdes, e o que dizeis de mim que sou portuguez, verdade é que o sou e não me peza de o ser, nem me tenho por esso por peor, nem cuido que sois vós aquelle que a este portuguez haveis de poer o pé deante nem me levar avantagem».

Entonce tornou a el-rei e disse:

— «Digo vos, senhor, que vencido este homem e desbaratado por vós, que não ha n'elle conselho nem nunca mais levantará a cabeça, e leixar-vos-ha o reino desembargado em que lhe não convém mais de viver, e ido fóra d'elle ficar-vos ha á vossa vontade todo como vós desejaes, e se vós esto fazer não quizerdes, parece-me que melhor fôra estardes em Castella, que virdes cá tão longe mostrar tal covardice, e se estes dizem, como é verdade, que vós

sois um dos altos reis e principes do mundo, que cuidaes que dirão os que ouvirem quando fôr sabido que com tantas gentes como comvosco tinheis, não ousastes pelejar com elle? Já vos a vós contarão por mingua os que o souberem, achardes a batalha posta e não pelejar com elles de rosto, e ainda este conselho em que vos detendes, mórmente dizer que passastes por elles e não ousastes de pelejar, e certamente esto é grão mingua se vós em ello bem quizerdes cuidar, ca se vós passareis por logar que os não vireis, posto que perto estivessem de vós, disseramos não ereis teudo de os ir buscar, nem souberamos se eram poucos se muitos. Mas tel-os ante os olhos, que vos aguardam com bailos e cantigas, e não ousar de os ir buscar e tomar ás mãos, como estes dizem, isso me parece escarneo e vergonha dizer. E se vós quereis sogigar um rei e reino e os vós tendes em curral como gado, pera quando aguardaes esta subjugação? Ante deveis de aguardecer muito a Deus que vol-os veiu meter nas mãos em poder, pera de todos tomardes vingança, assim dos grandes como dos pequenos, d'outra guisa se agora estão foutos contra vós, não temendo vossas ameaças, muito mais o serão depois vendo que lhe houvestes medo, não ousando pelejar com elles, e se nos ora arreceavamos muitos e bons pelejar com poucos e maus, ou por ventura mais se acontecer, e se vierem os fidalgos da Beira, por que cada dia esperam, e se ajuntarem com estes, quem agora ha receio d'aquestes poucos, mais o haverá depois com aquelles. Pois ainda nós não fallamos dos inglezes por quem aguardam, ca se elles vierem e todos forem juntos, alli ha mister dobrado conselho, quem vos ora d'esta guisa espera e não vos ha

medo, como bem vêdes, vêde que fará depois quando tiver taes duas ajudas. Mandastes-lhe poer medo por Pero Lopes, com tanta multidão de gentes que comvosco trazeis, afóra os estrangeiros que disseram que eram bastantes pera os destruir, e agora quantos somos dizemos que não é bem de pelejar com elles; e vós, senhor, de uma guisa ou d'outra he-vos por força pelejar com elles, ca posto que vós agora passeis não querendo com elles pelejar, não tenhaes que vos hão de leixar ir a Lisboa assim como alguns dizem, mas ir-se-hão despoz vós ladrando, até que torneis a elles e lhe deis batalha. Em verdade, senhor, bom seria o homem que uma tal cidade fez rei, e que tantas préssas suporta por elle e que perdendo-a de todo, perde o reinado, que vol-a leixasse assim tomar, que ante não soubesse sobre ello morrer elle e quantos comsigo tivesse, e assim vol-o ha depois de fazer, pois onde podeis vós melhor cumprir vossa vontade, nem ter mais azado o que desejaes, que aqui n'este campo, onde os tendes em um magote pequeno, e vós toda a vossa gente junta sobre elles? Vêdes o que entonce hade ser, depois vós haveis de desejar aqui n'este campo com elles, como ora estaes. Juro-vos em verdade, senhor, que sendo eu vós e não me entremetendo de mais fazer sobre esto do que me parece que vós quereis, que ante folgara em minha terra e nunca sahira de meu reino, como já disse, ca ajuntar tanto poderio como vós ajuntastes e vir com elle fazer de mim escarneos ante meus inimigos; e eu esto vos digo que é meu conselho, e vós d'aqui em deante podeis fazer o que vossa mercê fôr.»

E sem duvida fallando verdade, tal conselho era mui bom, mas a izenta fortuna que não obedece aos

conselhos, tinha já isto ordenado muito d'outra guisa.

E posto que aqui e em outros logares nós ás vezes digamos fortuna, sempre vós porém sómente entendei um divinal e profundo juizo, cuja causa e razão por nós não comprehendida ser não pode.

Com estas razões se tiveram alguns fidalgos, porém d'elles diziam que a espaçasse pera em outro dia. El-rei havendo-o por mui bom conselho, mandou que á pressa se fizessem todos prestes e acabassem de ordenar a batalha, e a seu mandado não foi posta tardança.

CAPITULO XXXVII

Das gentes que cada um rei tinha por sua parte.

Justa cousa é considerar ainda que mui pouco escrevamos comprido, pois ouvistes os conselhos que cada um rei teve, se era bem d'haver batalha ou não, e ambos determinaram que sim. Que gentes tinha cada um de seu bando e como foi posta e ordenada, visto sobre esto a composição de muitos, posto que d'elles rudemente fallassem, assignadamente, nos despraz d'aquelles que em favor d'alguma das partes andaram buscando fingidas razões, por dar escusa á sua contraria ventura. Mas nós como já tocamos em outro logar, não curando do desvairo dos authores, saibamos aquello que se deve de saber, s. com quantos foi posta e como se venceu, e quaes capitães foram em ella, e camanho espaço durou, e que gentes hi morreram, no qual

fallamento não cumpre acertar famosas razões, nem dizer algum afeitado, mas chãmente mostrar por ambos os reis a certa verdade como se passou.

Ora sabei que quantas batalhas historias copilaram, d'elles mais, d'elles menos, todos em seus livros fazem menção das gentes que cada um rei comsigo tinha, por se saber sua quantidade, e dar louvor a quem parecer que o merece, d'outra guisa os desbaratados e os vencedores não teriam gloria nem doesto, e assim fizeram muitos, na historia d'esta batalha, que uns disseram por o meudo que el-rei de Castella trazia oito mil lanças, e outros pozeram nove mil, e de ginetes tres mil, e quinze mil bésteiros, e homens de pé vinte mil, outros diziam em somma que eram sessenta mil por todos, outros que chegavam a cem mil, outros contavam que por uns e por outros era tanta multidão que havia ahi cem castellãos pera um portuguez, e assim outros mais e menos, segundo lhe pareceu ou lhe prougue de escrever. Porém não era assim, mas tal desaccordo de escrivães em parte não é de poer culpa, porque uns pozeram a fama das gentes que el-rei de Castella comsigo trouve, e mais não, outros enaderam as que se foram pera elle quando chegou a Leiria d'esta guisa, quando foi notorio a todos que el-rei de Portugal lhe ia sahir ao caminho, e que se não escusava entre elles a batalha, logo todos os alcaides que por elle ficaram nos logares da Estremadura, assim como Santarem, e Obidos, e Torres Vedras, e outros d'esta comarca, todos se foram á pressa pera elle com as de mais gentes que cada um levar pôde, assim de pé como de cavallo, pera serem com elle na batalha, e não sómente os d'estes logares mas Pero Afam, capitão das naus, e o almirante das ga-

lés que sobre Lisboa jaziam, com quantos escusar poderam da frota, todo levaram e se foram pera elle, que era uma boa somma de gente, não por entenderem que lhe sua ajuda fazia mingua, mas por verem como elle vencia e seram com seu senhor em tão honrada cousa como aquella, enadendo estes com os que elle trazia, accrescentam tanta multidão, que fazem duvidar quantos eram. Outros em favor dos castellãos, tiveram outro modo, e foi este: nomearam dos portuguezes muito mais conto dos que eram, e dos seus cessaram de todo, por sua mingua não ser ensemprada, de guisa que quantos mais portuguezes pozessem, tanto era mais por sua honra e menos prasmo de seus inimigos, e nomeando a multidão de Castella e a pouquidade d'el-rei de Portugal era-lhe muito mór vituperio, e aos portuguezes muito maior honra, assim que dos seus, que sabiam o certo, não quizeram escrever nenhuns, e aos que não eram em conhecimento pozeram numero por conto assignado, e esto não foi por abreviar leitura, nem fallar mais cerceado, mas por abater a honra alheia, dizendo que os portuguezes eram duas mil e duzentas lanças e de homens de pé e bésteiros dez mil, cujo desvairo d'arrazoar bem nos deu cuidado de saber como isto era, porque não cumpre affirmar a cousa duvidosa nem encobrir o que é muito certo, pera que digamos o mór numero dos inimigos por desfazer n'elles, nem menos conto dos portuguezes por serem por hi mais louvados certamente não é de fazer, ca o chronista hade ser muito certo em seu razoar, e porém antigamente nenhum era ouzado escrever historia, salvo aquelle que visse a cousa ou d'ella ouvesse cumprido conhecimento, porque a historia ha-de ser luz da verdade e teste-

munha dos antigos tempos, e nós posto que as não vissemos, de muito revolver de livros com grão trabalho e diligencia ajuntamos as mais chegadas á razão, e em que os mais dos auctores pela maior parte consentem, e porém damnamos e reprovamos, e havemos por nenhuma quaesquer chronicas, livros e tratados que com esta verdade não concordam, assim que leixando taes desvairos de historiar, por a verdade d'esta cousa melhor ficar em memoria, e a bondade dos portuguezes não haver de perecer por escriptura de seus invejosos inimigos, como se por alli tomassem vingança, sabei que as gentes de ambas as partes, eram estas e mais não:

El rei de Portugal havia por todas mil e setecentas lanças, d'ellas não bem corregidas, e de bésteiros oitocentos, e de homens de pé quatro mil, que eram por todos seis mil e quinhentos.

Os castellãos pero digam que se não podiam dar a conto, porém não era assim, ca elles não eram mais que cinco mil lanças por Francezes e Gascões e outros estrangeiros, com todos os que da frota e dos outros logares se foram pera elle, de ginetes eram dois mil, e bésteiros oito mil, e de homens de pé quinze mil, que seriam por todos pouco mais de trinta mil; a carriagem contam que eram tantas mil carretas, não eram mais que setecentas, e com ellas muitas azemulas em que traziam mantimentos e armas, e cousas pera vender d'alguns mercadores; gados passavam de oito mil cabeças, entre bois e vaccas e ovelhas, e todo o mais d'esto fôra tomado em Portugal; trons e bombardas que diziam que eram muitas, não eram mais que desaseis; pagens e azemeis e d'outra gente de serventia era tanta que a vista da hoste era espantosa cousa de vêr.

CAPITULO XXXVIII

Como os reis ordenaram suas batalhas e com quaes capitães.

D'ESTAS gentes que os reis comsigo tinham, ordenou cada um sua batalha, segundo costume de Hespanha, e sigamos logo el-rei de Portugal, que a poz primeiro e esperou a praça, o qual em um campo chão cuberto de verdes urzes, no meio da estrada por onde os castellãos haviam de vir, ordenou d'essa pouca gente que tinha duas pequenas azes, ca não havia ahi pera mais, e na primeira que se chama a vanguarda, era o condestabre com sua bandeira tendida e dobrados escudeiros comsigo, junto com elle, por guarda d'ella e do seu corpo, e n'esta az havia seiscentas lanças, e mais não.

Na ala direita que nascia da ponta d'esta az, ia Mem Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos, e d'outros bons fidalgos uma leda companhia, que por suas honras e defensão do reino entendiam defender o logar onde eram postos, e chamavam-lhe a ala dos namorados, e seriam por todos dozentas lanças, e haviam uma grande bandeira ordenada á vontade de todos. Na outra parte, na ala esquerda, eram de mistura com Antão Vasques e com outros portuguezes, alguns estrangeiros, assim como Micer João de Monferrara, e Martim Paulo, e Bernardom Sola, e d'outros inglezes frécheiros e outros homens d'armas, que eram por todos outros dozentos, assim que minguavam a estas alas da sua direita orde-

nança dozentos homens d'armas, porque tanto havia d'haver em ambas as alas, como na direita az da vanguarda, e estes tinham uma alta bandeira de S. Jorge, e outros balsões de mistura, assim que a az da vanguarda com suas alas era semeada de bandeiras e pendões, como a cada um prazia de ter, ca ahi não havia entonce rei d'armas nem outro arauto que a ninguem desdicesse, des-ahi trombetas em alguns logares, segundo se requeria; detrás os homens d'armas que eram em ambas as alas, havia béstaria e homens de pé postos em tal ordenança, que lhe podessem fazer ajuda e empecer a seus inimigos; em a az dianteira, não havia nenhuns, ca não cumpriam em tal logar, alli não havia cotas d'armas, porque o conde nem outros fidalgos fossem conhecidos, ca ainda entonce não era em uzo, mas o conde trazia uma jaqueta de lã verde toda bordada de rozeiras, des-ahi cota, peito e braçaes, e arnez de pernas e guantes, segundo de cote costumava, e sempre espada cinta e adaga, salvo quando ouvia missa.

D'esta vanguarda á outra az de detraz, que chamam reguarda, havia um rezoado espaço, segundo se fazer podia com tão pouca companha, de geito que á desaventura, se mister fizesse, trigosamente podessem soccorrer, e com esta az cujas pontas cerravam com a vanguarda forrada de homens de pé e bésteiros, em que havia setecentas lanças, estava el-rei com sua bandeira, a qual tinha Lopo Vasques da Cunha, em logar de seu irmão Gil Vasques, que era alferes mór, e estava na Beira com os outros fidalgos, e os que eram guardas d'el-rei juntos com elle, isso mesmo os que haviam de guardar a bandeira.

As armas defensaveis de todos eram bacinetes de canal, d'elles com caras, d'elles sem ellas, e folhas e loudeis, e cotas e faldões e panceiras, e de ferir lanças e fachas de ferro e de chumbo, e d'elles machados quem os podia haver.

El-rei era vestido d'armas, quaes cumpriam a sua defensão, e um loudel em cima semeado de rodas de ramos, e em meio outras rodas e escudos de S. Jorge. Traz esta reguarda havia um espaçoso curral onde estava a carriagem, s. pagens, cavallos, azemulas, mantimento, gente de serventia e todas outras cousas que mister fazem pera a ordenança de uma hoste, e estes eram todos cercados de homens de pé e bésteiros, de geito que nas espaldas da reguarda e em esta carriagem nenhum não podia topar pera fazer damno, que todo não achasse apercebido.

Tendo el-rei e o conde assim sua batalha concertada e o sol partido por meio, ás horas que se razoadamente devia fazer, pensando que os castellãos como houvessem d'elles vista, que logo se trabalhassem de os commetter, elles passaram da parte da ala esquerda, da guisa que dissemos, contra Aljubarrota, por a qual razão foi forçado a el-rei e ao conde mudarem suas batalhas de como as tinham ordenadas, com os rostos pera Leiria, e as tornarem contra onde estavam seus inimigos, e passou a vanguarda pela reguarda, dando-se logar uns aos outros, e poz-se deante contra onde os castellãos mostravam de vir. Alli não havia melhoria do campo que os portuguezes tivessem escolhido, nem montes nem valles que torvassem seus inimigos, como alguns mal escrevendo em seus livros querem contar, ca todo era campina egual, sem nenhum estor-

vo a ambas as partes, o qual o trilhamento das bestas e passar dos homens, tornou assim razo e tão chão como praino rocio, sem herva nenhuma, e a vantagem que os portuguezes tinham era esta.

Quando a alva do dia começou de crescer, já el-rei tinha a sua batalha ordenada de todo, e estiveram toda a sésta por bem quente sol, armados até tarde, e os mais d'elles sem comer nem beber, por ser vespora de tal festa, e ficou-lhe o sol com o pó e vento nos rostos, e com estas contrarias avantagens aguardavam estando ledamente, seus inimigos, e por tanto dizia Micer João de Monferrara a el-rei:

— «Senhor, sede muito certo e sem nenhuma duvida que vós haveis de vencer esta batalha, e vêdes senhores em que o entendo, eu fui já em sete batalhas campaes, e com esta são oito, e digo-vos, que nunca vi tão ledos vultos d'homens, sendo tão poucos combatentes, e haverem desperar tantos pera pelejar com elles.»

— «Essa fiuza, disse el-rei, tenho eu em Deus e na Virgem Maria, que assim será como vós dizeis, e eu vos prometo mui boa alviçara de vossa boa profecia.»

E porque em similhante feito alguns tem costume de fazer promessas por suas honras, que chamam denodamentos, nós não achamos escriptos das que em esta batalha foram feitas mais de tres, s. Vasco Martins de Mello, o moço, que prometeu de prender el-rei de Castella, ou poer as mãos em elle, e Gonçalo Annes de Castel de Vide que fez promessa de primeiro que outro nenhum ferir da lança, e Martim Affonso de Sousa, que prometeu se o Deus da batalha tirasse em salvo, ir ter uma quarentena com

D. Abadessa de Rio Tinto, que entonce tinha por amiga.

Isso mesmo el-rei de Castella, como mandou que fosse a batalha, logo trabalharam de a ordenar de todo, além do que já começado tinham, e foi posta em esta maneira:

Ordenaram suas azes dois grandes tiros de besta ante si e os portuguezes, e a az primeira da vanguarda fizeram dobrada, em que havia mil e seiscentas lanças, e em uma das alas em que ia o mestre d'Alcantara, eram gasções e d'outros estrangeiros setecentos homens d'armas, na outra, de que era capitão D. Pedro Alvares Pereira, mestre de Calatrava, outras setecentas, e na az deanteira vinha D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, condestabre de Castella, e Diogo Furtado, filho de Pero Gonçalves de Mendonça, alferes mór d'el-rei com a bandeira dos signaes de Castella e de Portugal misclados, e muitas outras bandeiras e pendões de muitos outros senhores e fidalgos, e D. Pedro Dias, priol de S. João, e D. João, filho de D. Tello, primo com-irmão d'el-rei, e João Fernandes de Toar, Almirante de Castella, e Alvaro Gonçalves de Sandoval, e outros muitos senhores e fidalgos que seria longo de escrever. Outrosim os portuguezes vinham todos n'esta az deanteira por se mostrarem por bons servidores e que lhe eram bem leaes vassallos, assim como o conde D. João Affonso Tello, que el-rei fizera conde de Maiorcas, e D. Pedro Alvares Pereira, e Diogo Alvares seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo, e Alvaro Gonçalves, seu filho, e Garcia Rodrigues Taborda, alcaide de Leiria, e Vasco Pires de Camões, e João Gonçalves, alcaide d'Obidos, e outros isso mesmo na reguarda, em que havia

tres mil lanças dobradas, s. mil em cada az, vinham grandes senhores e capitães, assim como D. Fernando, filho do conde D. Sancho, Diogo Gomes Manrique, adeantado mór de Castella, Pero Gonçalves de Mendonça, mordomo-mór d'el-rei, e Diogo Gomes Sarmento, marechal de Castella, e outros muitos senhores e fidalgos, armados em boas e esplandecentes armas, e todos plumões nos bacinetes, que lhe davam mui grande e formosa vista, bestaria, peões e d'outra gente, eram postos e ordenados onde bem podessem aproveitar, carretas, azemolas, pagens, e outra toda carriagem posta detraz, como cada um queria, ca ahi não andavam ginetes nem outros de cavallo da parte dos portuguezes de que houvessem d'haver receio, e se a elles mui mal ordenaram como alguns por sua escusa escrevem, culpa de quantos bons hi vinham e de todos os estrangeiros que Pero Lopes gabou ao conde, que tão sabedores eram de guerra.

CAPITULO XXXIX

Dos nomes d'alguns que com el-rei de Portugal estavam, e quaes d'elles fez cavalleiros.

Postas as batalhas como ouvistes, e nomeados alguns senhores que da parte d'el-rei de Castella estavam, cumpre rezoar e dizer n'este passo quaes eram os que el-rei de Portugal tinha comsigo, que é aguizado de se aqui poerem, posto que em outros logares sejam escriptos, certamente

eram mui poucos, ca pela maior parte quantos no reino havia, todos se lançaram com seu adversario, como tendes ouvido, no começo d'estes feitos, dos quaes alguns já morreram, assim como o almirante e o conde de Vianna, Ayres Gomes da Silva, e outros muitos fidalgos, outros ficaram em Castella, assim como Fernão Gonçalves, e Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Fernão Gomes da Silva, e Affonso Gomes, seu irmão, e outros mais, e d'elles estavam nos logares que tomaram sua voz, assim como Martim Gonçalves de Tayde, em Chaves, e João Affonso Pimentel em Bragança, e Alvaro Gonçalçes de Moura em Moura, e assim outros pelas comarcas do reino. Muitos, isso mesmo vinham com elle, que eram ahi presentes, assim como D. Pedro de Castto, filho do conde D. Alvaro Pires de Castro, D. Pedro Alvares Pereira, e Diogo Alvares, seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo e seu filho, e Garcia Rodrigues Taborda, e outros que já nomeamos, e pois que todos eram lançados em Castella, quaes seriam com el-rei, pera o ajudar?

Estavam com elle estes bons e leaes portuguezes, posto que alguns de tamanho estado e condição não fossem, s. o muito de louvar Nuno Alvares Pereira, e Alvaro Pereira, marechal da hoste, e João Rodrigues Pereira, e Diogo Lopes Pacheco, e João Fernandes, que depois veiu, e Lopo Fernandes, seus filhos, e Mem Rodrigues de Vasconcellos, e Ruy Mendes seu irmão, meirinho da comarca d'entre Douro e Minho, e Lopo Vasques da Cunha, Martim, Affonso de Sousa, Vasco Martins de Mello, o velho, Vasco Martins de Mello o moço, e Martim Affonso, seus filhos, e João Gomes da Silva, e o arcebisqo D. Lourenço e o doutor Gil Do-

cem, e o doutor Martim Affonso de Lisboa, o doutor João das Regras, o commendador mór de Christus, Fernão Roiz de Sequeira, commendador mór de Aviz, João Roiz de Sá, João Affonso de Santarem, Affonso Annes das Leis, e outros muitos que aqui não dizemos, dos quaes fez cavalleiros João Vasques d'Almeida, Affonso Pires da Charneca, irmão do doutor Martim Affonso, Lopo Dias d'Azevedo, Gonçalo Annes de Castel de Vide, Antão Vasques de Lisboa, Pedro Annes Lobato, João Lobato, Lopo Affonso de Agua, Alvaro do Rego, Gonçalo Pires Rodrigo, Affonso d'Aragon, Pedro Affonso d'Ancora, João Gonçalves Vieira, Diogo Lopes Lobo, João Fernandes d'Arca, Martim Gonçalves da Repreza, tio do conde, Nuno Fernandes de Moraes, Vasco Leitão, Martim Gonçalves de Faria, Vasco Lobeira, Lourenço Mendes de Carvalho, Pero Lourenço de Tavora, Lopo Soares de Mourão, Estevão Vaz de Goes, Estevão Vasques Philippe, Vasco Martins da Agus, Estevão Fernandes Chamorro, Ruy Gonçalves Lobo, Nuno Viegas, o moço, Ruy Vasques de Castellobranco, Martim Ilhoa, Ruy da Cunha, commendador da ordem de Santiago, Martim Gomes, commendador de Aljustrel, Vasco Gonçalves Teixeira, Pero Botelho, Vasco Lourenço Marinho, James Lourenço Cabeça, Alvaro Gonçalves de Faria, Estevão Lourenço Gaio, Estevão Fernandes Lobo, Fernão Lopes Lobo, e Diogo Lopes Lobo.

D'estes e d'outros que aqui não são escriptos, foi el-rei mui bem servido, e ajudou-o Deus n'aquelle dia, e depois ao deante, como em seus logares podeis vêr.

CAPITULO X

Como João Fernandes e Egas Coelho vieram da Beira pera serem com el-rei na batalha.

Já tocamos em seu logar como el-rei, quando mandou o conde a Alemtejo e ordenou de partir de Alemquer, enviou chamar os fidalgos da Beira, s. Gonçalo Vasques Coutinho e Martim Vasques da Cunha, e Vasco Martins, e Gil Vasques, seu irmão, alferes mór, e João Farnandes Pacheco, e Egas Coelho e outros.

Assignadamente escreveu a João Fernandes, que por a grão fiuza que em elle havia, que lhe rogava que elle os requeresse e encaminhasse sua vinda, que tão necessaria era, e assim como elle ordenára tão honrosa cousa como fôra a batalha que n'aquelle logar com os castellãos houveram, que assim azasse sua vinda, que tanto era honra de todos e serviço do reino.

Escrevendo el-rei muito a meude e mandando la alguns escudeiros, sua resposta por palavra e escripto, sempre era que em tal trabalho sempre eram deteudos, por se fazerem prestes pera logo vir, e porém que os mais recados que el-rei d'elles havia de João Fernandes, eram todos que muito por esto trabalhava, assim que cada dia fallavam em elles.

El-rei continuadamente havia novas pelos que mandava e por suas cartas, que já eram prestes pera partir. Outros que traziam recado, por fazer prazer a el-rei os faziam já partidos, e por sua grão tarda-

da e duvidosa certidão que viessem, dizia el-rei por vezes fallando em elles, que duvidava muito sua vinda, e que de todo entendia que não haviam de vir, pois havia já mais de um mez que os mandára chamar, e Diogo Lopes quando era presente, respondia logo dizendo:

— «Eu dos outros não fallo, mas se João Fernandes é meu filho, eu sou certo que elle virá».

João Fernandes trabalhava de os requerer quanto podia, e elles davam em resposta que queriam vir juntos e não espalhados, segundo o tempo que era, e que pera virem como cumpria, que se não podia fazer assim de pressa, mórmente pera tal batalha, mas esto era escusa e nenhuma vontade de vir, ca elles haviam por estranho aventurar-se el-rei com tão poucos como tinha, a pelejar com el-rei de Castella com todo o seu poderio. E porque a cousa era muito duvidosa, faziam conta que se el-rei de Castella vencesse, o que todos cuidavam que havia de ser, que melhor preitejariam dos logares em que estavam, que d'outra nenhuma parte, e se el-rei de Portugal vencesse que seus eram todos, e não lhe fazia mingua sua vinda, e assim o deu a entender Martim Vasques quando el-rei de Castella por ahi veiu que lhe mandou pedir á Guarda, de que era alcaide, que respondeu ao mensageiro, dizendo:

— «Dizei a el-rei que vá embora fallar a seu feito, ca por quem Deus der a sentença sua será a Guarda e todos os outros logares».

D'el-rei desejar que viessem, era mui grande razão, ca eram bons fidalgos e pera muito, e podiam trazer ao mais pouco quatrocentas lanças e dois mil homens de pé, afóra bésteiros, que era boa ajuda pera tão pouca gente como elle tinha. João Fernan-

des por as aficadas cartas que lhe el-rei a meude mandava, sentiu que o tempo da batalha era muito acerca, e que as razões de Martim Vasques e dos outros todos eram fingidas, e azo de longa detença, e entonce partiu elle e Egas Coelho, com sessenta lanças e cem homens de pé escudados, e vieram-se seu caminho. D'esta não vinda que elles assim fizeram, foram mui desfeitos alguns bons, especialmente Gil Vasques da Cunha, porque em tão assignada e honrosa cousa, não veiu servir seu officio, sendo alferes mór d'el-rei, e de o assim fazerem, desfizeram assaz em si e acrescentavam muito na honra d'el-rei e do condestabre, porque se elles vieram com suas gentes, certo é que os portuguezes e os castellãos todos disseram e affirmaram que se elles não foram, que a batalha não fôra vencida, e que seu era o louvor todo, por a fama que entonce tinham da outra, que venceram em Trancoso, e elles se souberam que havia de ser da guisa que a Deus aprougue que fosse não quizeram leixar de ser em ella, por cousa que havir podesse.

Ora estando as azes postas e a batalha prestes, como dissémos, descuidado já el-rei muito da vinda de nenhum d'elles, e o bom e muito de louvar João Fernandes, diziam que andara o dia passado e aquella noite vinte leguas por chegar á batalha, de guisa que nenhum dos seus, não podendo aturar com elle ficavam arramados por essas estradas, e elle continuando seu caminho por ser em ella, passou Porto de Moz, e subindo por uma ladeira que se alli faz, subitamente assomou em cima no campo, acerca da ponta da ala direita da batalha dos castellãos, os quaes por logo não serem em conhecimento que gentes eram, nem sabiam qual capi-

tão fosse, ca se o souberam poderam-lhe dar grão torva.

Os portuguezes cuidaram que eram os fidalgos da Beira, e prazia-lhes muito com elles, e João Fernandes vendo a pouca gente dos portuguezes, que bem conheceu, dando ás trombetas com sua bandeira tendida, se lançou com elles, de cuja vinda elrei houve grão prazer, e todos da hoste mais; e como viu Diogo Lopes seu padre, por que os annos da velhice negam o trabalho de pelejar, abraçou-o e disse:

—«O' padre, senhor, aqui estaes vós?»

E elle respondeu asperamente dizendo:

—«Venhaes ora em forte ponto, e pois onde hei logo de estar? ou que havemos nós outros de fazer senão ajudar este homem a defender este reino».

Entonce João Fernandes começou de fallar a elrei pelo esforçar, dizendo:

—«Senhor, sêde mui forte, e nenhuma cousa receeis a multidão d'esta gente, como eu sei que não receais, como eu digo a estes vossos que se não espantem por serem tantos como vêdes, ca se os conheceis, como eu conheço, que pouco ha que lavei as mãos no sangue d'elles, mui pouco prezarieis o espanto que põem, sómente uma cousa deveis muito recear, s. o grão trabalho que haveis d'haver em matar tantos como são, porque se o Deus quiz matar com seu poder, quantos morreram no cerco de Lisboa, e agora manda-vos que estes outros que ficaram que os mateis á vossa vontade e que venham tomar a morte com suas mãos».

Esto dizia elle assim soltamente, e com tal sembrante, como se a batalha já fosse vencida, de guisa assaz de louvar, deu muito mór esforço a todos, que

o temor da muita gente podia ante poer medo, entonce se ordenou elle e Egas Coelho na reguarda com el-rei, e seus homens de pé com os outros.

CAPITULO XLI

Quaes pessoas tinham cuidado de rogar a Deus pelo estado d'estes reis.

Estas gentes que se ajuntaram de uma parte e d'outra pera haverem d'haver batalha, razoadamente é cuidar que cada uns teriam quem por elles fizesse preces e orações que fosse Deus da sua parte, e ajudasse os do seu bando, e quem por os muitos tivesse cuidado de rogar, bem entenderia que sua oração seria mais totemente ouvida, e a Deus mais ligeira de cumprir, e assim era de feito que a rainha D. Beatriz, mulher d'el rei de Castella, depois que seu marido partiu do reino pera entrar em Portugal, sabendo ella que lhe tinham prestes a batalha, que se não escusava de haver, da qual lhe muito prazia, entendendo que havia de vencer e que por alli cobraria o reino todo, e era sua demanda acabada, estando em um logar que chamam Avila, e o arcebispo de Toledo em sua guarda, ordenou com certas donas e donzellas, quaes ella quiz escolher, que tivessem cuidado de rezar continuadamente, assignado espaço, de guisa que de dia e de noite nunca cessassem de orar, e como alguma era achada menos, logo lhe mandava tolher a ração e se queixava muito contra ella, e ella as vi-

sitava muito a meude, que não desfallecessem d'esto que lhe encommendado tinha.

El-rei de Portugal não era casado, nem tinha parenta nem irmã tal que por elle fizesse oração, nem de seus feitos tivesse sentido, salvo a sua mui leal e fiel servidora cidade de Lisboa, que por sua saude e estado do reino era mui sollicita e cuidadosa, e assim como a madre ha dó do filho, e a ama que o cria sente mór pena que outro nenhum, assim ella que era madre e creadora d'estes feitos, sentia o carrego de tão grão negocio, mais que outro logar que no reino houvesse; e afóra as prezes e orações que por esto tinham cada dia ordenado de fazer, ajuntaram-se todos na camara da cidade, onde tinham costume de fallar seus feitos, e mandaram chamar honestas pessoas, religiosos, doutores e mestres em theologia, pera haverem com elles conselho como haveriam Deus em sua ajuda, e amansado de alguma sanha que contra elles por seus pecados tinha. E falladas sobre esto muitas razões, foi respondido pelos letrados que armas de perdição toma o povo e mui grande ajuda faz a seus inimigos, quando persevera em suas maldades, porque durando em ellas, priva-se da misericordia de Deus, e chama a sanha d'elle contra si, mórmente quando é tangido da sua parte que se correja, e bem assim armas de segura defensão toma pera seus contrarios, vivendo em temor do Senhor segundo aquelles que bem obram, especialmente se é posto em grande cajão e perigo, que entonce amansa Deus e recebe d'elle misericordia e ajuda, e por tanto os officiaes e homens bons dos misteres, ouvindo as palavras d'aquelles frades prégadores, e querendo seguir seu conselho, vendo como por muitos annos o povo da

cidade fôra amoestado em prégações que se apartasse d'alguns peccados e damnados costumes dos gentios, que se em ella de longo tempo uzava, mórmente erros de idolatria, por os quaes segundo o texto da Santa Escriptura, Deus mais gravemente atormenta o povo; e vendo as muitas pessoas que á dita cidade vieram, vendo isso mesmo como entonces estava cercada por mar e por terra, e el-rei de Castella dentro no reino pera haver batalha com el-rei de Portugal, a qual cada dia esperavam que fosse, e que de tamanho perigo sómente Deus a cidade e o reino podia livrar; porém estabeleceram e ordenaram, promettendo a Deus guardar por sempre por si e por seus successores, que d'ahi em deante na cidade, nem em seu termo, nenhum não uzasse de feitiços, nem ligamentos, nem de chamar diabos, nem de encantações, nem de obra de benzedeira, nem caratolas, nem sonhos, nem lançar rodas, nem sortes, nem nenhuma outra cousa que a arte de physica não consente; e mais que nenhum não cantasse janeiras, nem maias, nem outro nenhum mez do anno, nem furtassem aguas, nem lançassem sortes nem outra observança que a tal feito pertença. E porque o carpir sobre os finados é costume deshonesto e descende dos gentios, sendo especie de idolatria defesa por Deus em seus mandamentos, porém ordenaram que homem nem mulher não se carpisse, nem depenasse, nem bradasse sobre algum finado, posto que fosse padre ou madre, nem filho nem irmão, ou marido ou mulher, nem por outra nenhuma perda nem nojo, mas trouvessem seu dó e chorassem honestamente, e quem o contrario fizesse que pagasse certa pena de dinheiro, ou tivesse o finado oito dias em sua casa.

E porque os costumes dos gentios se uzavam em certos dias do anno, assim como em dia de Janeiro, dia de Maio, dia de Santa Cruz, estabeleceram que cada anno por sempre fizessem tres procissões por estes dias, a primeira na sé cathedral, em louvor da circumsição de Jesus Christo, a segunda a Santa Maria da Escada, por devoção da Madre de Deus, a terceira que fosse a Santa Cruz, por seu serviço e honra. Assim que estes eram os especiaes oradores que cada um dos reis por sua parte tinha, e a Deus ficava outhorgar victoria, a qual d'elles sua mercê fosse.

CAPITULO XLII

Como se fez a batalha entre os dois reis e foram vencidos os castellãos.

Nas fallas que ouvistes e conselhos que el-rei teve, se gastou tanto do dia, que já era horas de vespora quando os castellãos foram prestes de todo e sua batalha ordenada, a qual era tão grande e assim formosa de vêr, que os portuguezes não pareciam mais ante elles que o lume de uma pobre estrella ante a claridade da lua, em seus perfeitos dias.

O condestabre de Portugal andava em cima d'um cavallo por entre sua vanguarda e alas, de uma parte pera a outra, com um escudo no braço, da parte dos inimigos, por receio dos virotões que d'alguns logares vinham, e não sómente lhe chegavam alli, mas d'elles passavam ás azes e feriam na ca -

riagem homens e moços e bestas, e isto por vêr se cada um estava corregido n'aquella boa e sagaz ordenança em que os elle primeiro puzera, dizendo que todos andassem muito passo quando os castellãos movessem, e ao juntar estivessem quedos e firmassem bem os pés, tendo as lanças direitas e apertadas sob o braço o mais prelongadas que podessem, e quando os inimigos chegassem, pozessem as lanças em elles de guisa que pendessem, e entonce botassem quanto podessem, e os que estivessem detraz que chegar não podessem com lanças, que botassem os outros ante si, louvando-os com bom e ledo semblante, esforçando-os que não temessem sua multidão nem suas ameaças, que mostravam com seus apupos e alaridos, ca todo era um pouco de vento que d'ahi a breve espaço havia de cessar, e que fossem fortes e esforçados, havendo grão fé em Deus, por cujo serviço alli eram vindos, defendendo justa querella por seu reino e sua Santa Egreja, e que a Madre de Deus, cuja vespora entonces era, seria avogada por elles, e o precioso martyr S. Jorge, seu capitão e ajudador, dizendo que aquelle era o bom dia que todos desejavam por alcançar muita honra, em que seus grandes trabalhos haviam de cessar por victoria, e com suas doces palavras compridas de grande esforço, não cessava de os visitar, emquanto as batalhas estavam quedas, andando em este cuidado ante que se a batalha começasse.

O conde D. João Affonso Tello, que era na vanguarda dos castellãos, lhe mandou de gages por um escudeiro, em desafiação, uma espada d'armas guarnecida, e o conde a recebeu ledamente e lhe mandou de retorno uma boa facha de chumbo.

El-rei isso mesmo na reguarda onde estava, segundo põe aquelle doutor no capitulo — *Posthac Rex Portugalia*, depois de sua confissão muito cedo feita, e recebido o Santo Sacrameuto e a benção do arcebispo, tomou devotamento o signal da cruz, poendo-o em seu peito, de côr vermelha, e aos seus mandou que assim o fizessem; entonce uzando do costume de Judas Machabeu como diz aquelle doutor, começou de esforçar aos seus, dizendo a todos:

— « Amigos, não embargando que nossos inimigos venham a nós com grande multidão, como vêdes, não queiraes temer o espanto que põem, como vos já dissemos, mas sêde fortes e não temaes nada, pois que ligeira cousa é o Senhor Deus subjugar muitos nas mãos dos poucos, e pois elles vem a nós com grande soberba e desprezamento por nos destruir e roubar, e tomar mulheres e filhos e quanto nos acharem, e nós por nossa defensão e do reino, e da nossa Madre Santa Egreja, pelejamos com elles, vós vereis hoje como todos serão vencidos e desbaratados ante nós; e porém em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia de manhã é, sejamos todos fortes e prestes pera tomar d'elles vingança, a qual temos tanto á mão como todos bem vêdes. »

O arcebispo de Braga outrosim sendo bem armado, havendo ante si a cruz de prata levantada, com que costuma visitar as egrejas, e não quedava de prover, andando de uns em outros esforçando-os e absolvendo-os todos, confirmando-lhes as perdoanças que o Papa Urbano Sexto outhorgava contra os scismaticos, increos, reveis contra a Santa Egreja, dizendo a todos que tanto que começassem a ferir nos inimigos, que fossem lembrados de dizer a meude — *Et Verbum caro factum est;* e alguns

simpres e ignorantes que esto não entendiam, perguntavam que queria dizer aquillo?

E os outros por sabor, respondiam que queria dizer, muito caro feito é este, verdade é (diziam elles), mas prazera a Deus que o tornara hoje de bom mercado.

Na hoste d'el-rei de Castella era muito por contrario, ca alli não havia mister dar esforço a nenhuma gente, nem outra fouteza pera pelejar, ca todos haviam a batalha por vencida, e por sandeos e desesperados os portuguezes que a esperavam, sómente tinham sentido como os haviam de matar, e cuidar do que fariam dos que tomassem captivos, e dois bispos que hi vinham, e alguns frades prégadores, outhorgavam indulgencias da parte do antipapa, a todos os que contra os portuguezes tomassem armas ou dessem ajuda d'aquello que tivessem pera lhe fazerem guerra; e antes que as batalhas começassem d'ajuntar, alguns homens de pé, portuguezes, até trinta, com medo e fraqueza de coração, sahiram-se d'entre a carriagem onde foram postos com outros por guarda d'ella, pera fugir pera Porto de Mós, e os ginetes de Castella que andavam arredor da carriagem viram-nos sahir e seguiram-nos, e elles cuidando de escapar acolhiam-se a uns vallados cobertos de silva, e alli os mataram como porcos á calcada, que não ficou nenhum; a qual cousa constrangeu os d'aquella parte a cobrar esforço e não fugir, dizendo que ante queriam morrer como homens, que os matarem como aquelles que fugiam.

Em esto a vanguarda dos inimigos, de gente muito guarnecida e de fouteza mais abastante, começou de se fazer prestes pera mover sua batalha, e

sendo já dia tão derribado, que passavam de horas de vespora, e pero tantos fossem e bem corregidos, ainda se não atreveram de os cometer com armas, sem primeiro tirar com um az de tiros que ordenada tinham deante, por os espantar e fazer fugir, nos quaes posto o fogo e disparando algumas pedras d'elles, não fizeram nojo, e outras empeçaram de má maneira, ca uma deu na vanguarda do condestabre e matou dois escudeiros, ambos irmãos, juntamente, e outra deu a um estrangeiro, e estes tres foram mortos d'ellas, a qual cousa foi aos portuguezes grande espanto e havido por esquivo começo; e um escudeiro da companhia dos portuguezes, vendo o temor que d'esto tomavam, disse que não havia porque se espantar, ante o deviam ter por signal que Deus lhe queria dar a victoria da batalha, porque elle lhe afirmava certamente que não havia oito dias passados que elle vira aquelles dois homens entrar em uma egreja e matar um clerigo que em ella estava revestido dizendo missa, e pois que elles a Dèus não cataram reverencia, elle obrando de seu direito juizo, não queria que tão maus christãos houvessem de ser quinhoeiros na victoria e honra que a elles o dito Senhor tinha outhorgada; e quando todos os que alli eram presentes esto ouviram, sendo em certo conhecimento por aquelle escudeiro da maldade que aquelles mortos haviam feito, houveram este juizo do Senhor Deus por grande esforço e filharam grande ardimento pera proseguirem contra seus inimigos a tenção que começado tinham.

Entonce dando ás trombetas mui rijamente com grandes apupos e alaridos, bradando todos a ellos a ellos, começou de desapparecer o campo sob a

grande espessura d'elles, e abalando com orgulhosos passos e trigoso desprezamento, vinham os portuguezes todos deante e o conde D. João Affonso Tello ante elles, com uma lança d'armas d'aventagem e outra nas mãos, como ardido cavalleiro, e em passando começaram de se fazer ficadiços uns traz outros, assim das azes como das alas, de guisa que a sua vanguarda que era muito mais comprida e as alas tão grandes que bem podiam abraçar a batalha dos portuguezes, ficou tão curta d'aquella guisa que a de Portugal tinha já vantagem d'ella, e ficou assim grossa e ancha em espessura de gentes, que havia um lanço de pedra dos primeiros aos deanteiros. Esto foi especialmente em direito da estrada por onde costumavam caminhar, em tanto que a vanguarda e reguarda se fez toda uma.

Os portuguezes como os viram abalar, começaram avivar os corações, pera os receber com bom esforço, dando ás trombetas, moveram passo e passo em sua boa ordenança, o condestabre ante sua bandeira, e assim cada um como lhe fôra mandado; seu appellido a altas vozes era Portugal e S. Jorge, e dos inimigos Castella e Santiago.

Avantajou-se Gonçalo Annes de Castel de Vide, que prometteu primeiro ferir de lança, e foi derribado e accorrido, e levantou-se, e ao ajuntar das azes pozeram as lanças uns nos outros, ferindo e puxando quanto podiam, e os peões e bésteiros lançando em tanto muitas pedras e virotões d'uma parte á outra.

Em esto os ginetes dos inimigos provavam a meude d'entrar na carriagem dos portuguezes, mas tudo achavam apercebido, de guisa que lhe não podiam empecer. E se em este passo achardes escripto que

[illegible] as lanças e as fizeram mais [illegible] havei que é certo e não du-[illegible] de pelejar a cavallo, [illegible] pé terra, por se desem-[illegible] os talharam, o que [illegible] que aproveitou, e leixa-[illegible] que a uns e outros pouco [illegible] um grande valle d'ellas ante [illegible] fachas e espadas d'armas, [illegible] do tempo d'agora, mas tama-[illegible] grossas e estreitas, e [illegible] estoques, e o primeiro logar onde [illegible] de pelejar, foi junto com a bandeira do [illegible] onde ora está uma pequena egreja de S. Jorge, que elle depois mandou fazer. Alli se ac-[illegible] forte e crua peleja, ferida de golpes, [illegible] os homens teem em costume de dar, e não [illegible] alguns escrevem.

Pera que fizemos golpes nem forças nem outras [illegible] compostas por louvor d'alguns, nem afermo-[illegible] historia que os sezudos não hão de crêr, de [illegible] que de historias verdadeiras façamos fabulo-[illegible] patranhas, basta que d'uma parte e d'outra eram [illegible] e tamanhos golpes dados como cada um podia [illegible] apresentar a aquelle que lhe cahia em sorte, de [illegible] que os muitos por subjugar os poucos, e os [illegible] por se verem isentos de seus inimigos, [illegible] toda sua força; sendo a sua az grossa [illegible] maneira e a dos portuguezes [illegible] não a podendo soffrer, foi rota [illegible] guarda e entrada poderos[illegible] aquelle magote de [illegible] um grande e [illegible] parte d'elles [illegible]

acerca da do condestabre, onde foi a mór força da peleja.

As alas d'onde era Mem Rodrigues e a outra de Antão Vasques, quando esto viram dobraram sobre elles e ficaram entonce entre a vanguarda e a reguarda, onde uns e os outros pelejaram mui de vontade, de guisa que o som dos golpes era ouvido mui grande espaço a redor, e a ala dos namorados que elles cuidaram desbaratar primeiro de todo, aqui foi havido dobrado afan e peleja, onde Mem Rodrigues foi muito ferido, e seu irmão, e outros fidalgos d'aquella parte, mais que em outro logar.

El-rei quando viu a vanguarda rota e o conde em tamanha pressa, com grande cuidado e todos com elle, abalou rijamente com sua bandeira, dizendo alta voz com grande esforço: ávante, ávante, S. Jorge, Portugal, S. Jorge Portugal, que eu sou el-rei, e tanto que chegou onde era aquelle aspero e duro trabalho, leixadas as lanças de que se pouco serviram, por azo da mistura da gente, começou de ferir de facha, e assim desenvolto e com tal vontade, como se fosse um simples cavalleiro, desejoso de ganhar honra e fama, e veiu a elle por aquecimento Alvaro Gonçalves do Sandoval, bem mancebo e de bom corpo, ardido cavalleiro, casado d'aquelle anno, e como el-rei alçou a facha descendo pera lhe dar, elle recebeu o golpe e travou por ella, e tirou tão rijo que lh'a levou das mãos e feze-o ajoelhar d'ambos os giolhos, e foi logo levantado muito azinho, pero sobreveiu o nobre Martim Gonçalves de Macedo, homem fidalgo que bem servia el-rei em estes trabalhos, e quando Alvaro Gonçalves alçou a facha pera lhe dar, el-rei esperou o golpe e tornou-lh'a a tomar por aquella guisa, e quando lh'a quizera ou-

tra vez dar, jazia já morto pelos que eram presentes, que o mais á pressa fazer não poderam, porque cada um tinha assaz que vêr em si, e sendo a batalha cada vez maior e mui ferida d'ambas as partes, prougue a Deus que a bandeira de Castella foi derribada, e o pendão da divisa com ella, e alguns castellãos começaram de voltar atraz, e os moços portuguezes que tinham as béstas e muitos dos outros que eram com elles, começaram altas vozes a bradar e dizer, já fogem, já fogem, e os castellãos por não fazer d'elles mentirosos, começaram cada vez de fugir mais.

CAPITULO XLIII

Como fugiu el-rei de Castella do campo e chegou a Santarem.

El-rei de Castella olhando a batalha e vendo que a fortuna de todo em todo era favoravel aos portuguezes, de guisa que sua bandeira era já abatida e muitos dos seus voltavam atraz e se acolhiam ás bestas que achavam, por haverem mais toste de fugir, trigou-se como quem não sente dôr por logo partir ante que mais visse como se perdia a batalha de todo, e desceu da mula em que estava, e puzeram-n'o em um cavallo em que á pressa começou d'andar, não bem acompanhado e cheio de temor, e levou direita estrada caminho de Santarem.

O bom de Vasco Martins de Mello que devotara prender el-rei de Castella, ou lhe poer as mãos, seguiu o alcanço ácerca de legua, por sua promessa fazer verdadeira, e só sem outrem, em cima d'um cavallo por chegar a elle, meteu-se entre as gentes que o acompanhavam, e sendo conhecido pela cruz de S. Jorge, que era portuguez, foi logo morto por sua não sagaz ardideza. El-rei continuou seu caminho sem fazer detença, e cançou aquelle cavallo, e deram-lhe outro, e tendo andadas onze leguas e meia, que havia d'onde partiu a Santarem, chegou ao logar á meia noite sobre aquelle cavallo em que em Santarem entrara quando a primeiramente cobrou, e poucos com elle por lhe cançarem as bestas, e batendo os seus á porta do castello, que viessem abrir a el-rei, Rodrigo Alvares de Santoio, sobrinho de Diogo Gomes, que em elle ficara por seu tio, não crendo que era assim e duvidando-o muito não queria vir abrir, até que el-rei disse que viesse abrir que elle era el-rei,

Rodrigo Alvares quando na falla o conheceu veiu á pressa abrir a porta; el-rei entrou com o rosto encuberto como vinha, e assentou-se em um banco muito cançado, com gesto fóra de toda lédice, e porque elle era doente de tremor e aquelle dia fôra o da sazão, enadia a dôr a sua tristeza muito mais nojoso semblante, e estando assim um pouco não lhe ousando nenhum de fallar, alçou-se rijo e começou de andar rezoando comsigo, amazelando-se muito e dizendo:

— «Oh! Deus, que máu rei e sem ventura! Oh! Senhor, dá-me morte aqui onde estou, pois não houve ventura de morrer com os meus!»

E movendo tezo contra uma parede, deu com as

mãos nas faces e quedas as palmas no rosto poz a cabeça na parede, e chorando dizia:

—«Oh! bons vassalos e amigos, que mau rei e mau parceiro tivestes em mim que vos trouve todos a matar e não vos pude accorrer nem ser bom? Oh! Deus, porque te aprougue leixar um rei tão só e tão desamparado de tantos e bons como hei perdidos? Viverei lastimado em todos meus dias e mais me valia a morte que a vida. Oh! Senhor, porque me leixaste vencer, e de quem? e serem mortos tantos e tão bons fidalgos, e em mãos de quem? Bem posso dizer que em má hora vim a Portugal, pois que fiquei rei sem gente.»

E em dizendo esto virou o rosto pera os outros, e pareceu que esmorecia, e elles chegaram-se a elle e disseram:

— «Oh! senhor, que esforço é este, que vós daes aos vossos que ficaram? pensaes vós que não ha ainda fidalgos e gente em Castella que com ajuda de Deus e vossa podereis cobrar a honra que perdestes?»

Elle cuidando que todos seus eram mortos, respondeu e disse:

— «Se Castella fôra perdida e o meus vassalos ficaram, eu entendera cobrar com elles toda Castella e Portugal, mas pois que todos meus fidalgos são mortos, eu hei perdido de todo Portugal, e Castella posta em ventura, assim que tão avergonhado rei como eu, mais lhe valera a morte que a vida.»

Em dizendo esto tornou-se a assentar e pediu que lhe torrassem uma sopa pera comer, e Gomes Peres de Val de Ravanos, que tinha carrego d'outra fortaleza que chamam Alcaçova, que logo hi chegou, como esto soube, quando viu el-rei assim

cuidoso, que adur podia comer aquella sopa, começou a fallar e disse:

— «Oh! senhor, que desesperação é essa que assim tomaes? Porque estaes assim triste e tão nojosa continencia mostraes aos vossos?

«Pensaes vós que esto que agora vos haveiu não aconteceu já a outros reis e senhores no mundo? Certamente não sois vós só ao que primeito esto aconteceu. Pois pera que é tomar sobeja tristeza que vos não póde dar nenhuma vingança. E um tão alto rei como vós, desejar assim a morte, é quebrardes os corações de quantos vos ouvirem? melhor esforço queria eu que vós tivesseis. Tomae exemplo del-rei vosso padre, que pero foi desbaratado, como sabeis, nunca por isso perdeu coração, ante mostrava que não dava nada por ello, e encaminhou como podesse vingar sua deshonra e pelejou com as gentes d'el-rei seu irmão, de que já era vencido, sendo elle presente, e desbaratou-os e fugiu el-rei e tomou-lhe o reino de que vós ora sois rei e senhor, e vós este exemplo tomae, e se hora fostes vencido não vos morra por isso a vontade, mas trabalhae como vingueis vossa deshonra, como já fizeram outros a que aconteceu similhavel desaventura».

El-rei quando esto ouviu, a modo de escarneo começou de dizer contra elle:

— «E vós cuidaes ora de me confortar por esso que me dizeis? E vós não haveis poder de me dar conforto, vós nem quantos aqui estaes, por muitas razões que possaes dizer, porque umas cousas não são similhantes ás outras, e pensaes vós que não sei eu que a muitos reis e senhores aconteceu já esto que ora a mim haveiu? Não sou tão simpres

que esto não entenda, e se vós dizeis que outro tal aconteceu a meu padre, verdade é que assim foi, mas rogo-vos que me digaes de que homens e gentes foi meu padre vencido? Foi-o do principe de Galles, que era um mui grande senhor, e tão bemaventurado que pelejou com el-rei de França e o venceu e levou preso a Inglaterra, e de que gentes foi meu padre vencido? Fui-o dos Inglezes, que são prol da cavallaria do mundo, emtanto que vencido por elles não leixava de ficar honrado, e de quem fui eu vencido e desbaratado? Fui-o do Mestre de Aviz de Portugal, que nunca em sua vida fez cousa que montasse que pera dizer seja, e de que gentes fui eu vencido? Fui-o de chamorros que ainda que me Deos tanta mercê fizesse que todos tivesse em cordas e os degolasse por minha mão, minha deshonra não seria vingada, porém vos rogo que me não deis tal conforto, nem me ponhaes essa similhança d'uma cousa a outra, que ha muita diferença.»

E cessaram entonce de fallar em esto, e el-rei ordenou de se partir logo.

CAPITULO XLIV

Como partiu el-rei de Santarem pera seu reino.

Porque aos postos em desaventura persegue o medo, mais que aos outros homens, receiando-se el-rei do que porém era bem seguro, que estando alli mór espaço de noite, podia receber algum grande damno, mandou que fizessem lo-

go prestes uma barca, em que se á pressa fosse a Lisboa, e como foi, com alguns dos seus sem mais tardança entrou em ella, e levava o rosto cuberto, e quatro tochas ante elle muito baixas; e no seguinte dia, que era a festa de Santa Maria, a hora de terça chegou á cidade, e esteve aquelle dia e o seguinte na náu de Pero Afam, e á quinta feira, que eram dezesete dias d'agosto, partiu pera Sevilha em uma galé, e quatro em sua companhia; e toda a outra frota das náus e galés ficaram alli como quer que elle lhe mandou, que como vissem tempo azado que se fossem pera suas terras.

El-rei entrou em Sevilha de noite, receiando cramor e choro das gentes; mas sendo em o outro dia sabudo como chegara, e de que maneira, muitos dos honrados homens e donas da cidade faziam tal pranto por filhos, maridos, e parentes, e senhores, que era dorida cousa de vêr; em tanto que continuando cada dia a altas vozes, recebia el-rei tal nojo e tristeza, que assim como constrangido se partiu d'aquella cidade e se foi pera Carmona, que eram d'alli seis leguas; onde sabei que no dia que el-rei chegou a Sevilha, jaziam captivos portuguezes na taraçana, dos que foram tomados nas naus do Porto, quando foi a peleja da frota ante Lisboa; e aquelles que de tal cargo tinham cuidado, mandaram-n'os que fossem varrer e alimpar os paços oude el rei havia de pouzar, e andando varrendo uma sala, em que el rei era prezente, foi um seu escudeiro e deu um grande couce a um portuguez d'aquelles que varriam, e disse:

— « Varrei azinha, pera fideputas, cornudos».

El-rei vendo aquesto queixou-se muito contra elle, dizendo:

— «Leixae-os aramá, ca os portuguezes são bons e leaes, e não haveis porque lhe fazer mal, ca quantos foram em minha companhia, eu os vi todos morrer diante mi, e os meus me roubaram a corôa da minha cabeça».

E a esto não lhe respondeu ninguem, nem lhe fizeram outro mal, e em o outro dia mandou el-rei que os soltassem todos, e assim foi feito.

Elle era todo vestido de preto, e a cama, meza e emparamentos, como aquelle que ante os reis do mundo se tinha por mais desaventurado, e quaesquer pessoas que a elle chegavam, que houveram perda em esta batalha, assim homens como mulheres, recebiam d'elle mercê e gazalhado.

Ora assim aveiu que as más novas que trigosamente voam a toda a parte, tanto que a batalha foi vencida, chegaram á pressa áquelle logar onde a rainha D. Beatriz ficara, de que toda Castella ficou mui espantada, as quaes ouvidas por ella e pelas pessoas que carrego tinham de rezar, como dissemos, cessaram logo da oração e começaram de carpir e de penar, e a rainha cahiu em terra assim como morta, e foi mui grande o pranto que fizeram.

Os da villa como esto ouviram, similhavelmente fizeram seu dó, não sómente n'aquelle logar mas por toda Castella foi tão grande arruido e dó que não ficou homem nem mulher que d'elle não tivesse parte, assim por os mortos como por os vivos, ca não sabiam quaes morreram em ella nem quaes escaparam, e feito dó onde a rainha estava, alvoroçaram-se as gentes de má maneira com pouca discrissão e impeto sanhoso, e porque muitos affirmavam que el-rei era morto, disseram que fossem logo ma-

tar a rainha e todos os portuguezes que com ella eram, e firmando-se muito em esto e sendo já o alvoroço grande, as muitas lagrimas do povo por a perda da batalha, moviam alguns a lhe parecer esto bem feito. Outros duvidavam não sabendo que fazer.

Em esto chegou o arcebispo e disse:

—«Amigos, pacificae-vos, por Deus, e não queiraes esta cousa fazer, porque estas novas que alguns aqui dizem não são bem certas se é assim ou não, e não sendo assim seguir-se-ia d'esto mui grão mal e perigo, e d'esta guisa se el-rei é vivo e preso, remedio póde haver a sua prisão, e melhor a haverá sendo sua mulher viva e os que são com ella, que os matardes sem em tal feito haver por queixume culpa; se morto é, como dizem, não ha mister de ser livre, e ahi vos fica tempo pera fazerdes o que quereis, e d'aqui se não seguirá este damno; e porém assocegae vossos corações, até que saibamos em certo como esto é, e entonce faremos o que nos melhor parecer por proveito e honra do reino.

E com estas palavras e outras boas razões que lhe o arcebispo entonce disse, assocegou o povo de seu alvoroço e não se fez aquella hora mais.

Os cavalleiros e outras pessoas que com el-rei não foram na batalha, e muitos dos que estiveram n'ella e escaparam, vieram-se todos pera Valhedolid, onde el-rei ordenou de fazer côrtes, e alli houve conselho de mandar catar gentes por todas as partes que se haver podessem, e de fazer saber a el-rei de França todo seu aquecimento, pedindo lhe accorro de gentes e ajuda de dinheiro pera defensão de seus reinos e pera outra vez entrar em Portugal.

E a esto se trigou el-rei de Castella á pressa,

porquanto soube que tanto que elle fôra desbatatado, que logo el-rei de Portugal enviara cartas a el-rei de Inglaterra, especialmente ao duque d'Alencastro, que era casado com D. Constança, filha que fôra d'el-rei D. Pedro, por cujo azo se o duque chamava rei de Castella, nas quaes lhe fazia saber como elle fôra vencido em campo, e que havia perdido as mais e melhores de todas suas gentes, e que agora tinha tempo de cobrar aquelle reino, pois que seu inimigo estava desbaratado e minguado de companhas, mórmente tendo a Portugal em sua ajuda com muitas gentes e boa vontade, e pois por esta guisa podia cedo acabar toda sua tenção, que não pozesse em ello nenhuma tardança.

E por esta razão, como dizemos, se trigou el-rei de mandar á pressa a França e ao Anti-papa, com que tinha recados, de todo seu aquecimento, onde fique esperando resposta e juntando suas gentes, até o acabamento d'este anno, e tornemos a el-rei de Portugal que leixamos pelejando, não sendo ainda a batalha de todo vencida.

CAPITULO XLV

Como se acabou a batalha de vencer de todo, e das pessoas que em ella morreram.

Ferindo-se a batalha e sendo a peleja mui grande, da guisa que dissémos, quando el-rei de Castella fugiu, começou-se mostrar claramente que a batalha de todo se vencia, sendo já a bandeira dos inimigos derribada, e mortos uma grão som-

ma de castellãos, e todos os mais dos maus portuguezes que na deanteira da vanguarda vinham, e sehuindo el-rei e o condestabre seu vencimento que já a todos era manifesto, disse el-rei ao conde que os homens de pé que eram na reguarda, estavam em grande perigo por as muitas gentes de castellãos que os afincavam, e que lhes fosse accorrer, e assim era de feito, porque D. Gonçalo Nunes, mestre d'Alcantara, estava de cavallo com certos ginetes nas espaldas dos portuguezes, e commettia rijamente de pelejar com os homens de pé e bésteiros que foram alli postos por guarda da carriagem, e elles defendiam-se com sétas e dardos, de guisa que os de cavallo não lhe podiam empecer, antes recebiam d'elles damno, morrendo alguns do tirar das béstas e remessar das lanças, e elles faziam aos portuguezes proveito, porque os peões d'aquella parte, ainda que fugir quizessem, não o podiam fazer, e assim forçadamente cumpria de se defenderem, a qual cousa depois os castellãos entenderam que lhe fôra mau avizamento, pois a seus inimigos não leixavam portal aberto por onde fugir podessem, e logo o condestabre por mandado d'el-rei se tornou contra a reguarda de pé como estava, e por o grão trabalho que houveram não pôde ir tão depressa como elle queria, nem tinha besta em que fosse, e Pero Botelho, commendador-mór de Christo, vinha em cima d'um bom cavallo, e como viu o conde assim ir a pé, desceu-se do cavallo e deu-lh'o, e o conde lh'o agradeceu muito por suas boas palavras, e cavalgou em elle e foi aos homens de pé que na reguarda estavam e achou-os em mui grande perigo por o forte afincamento que haviam dos castellãos, que eram muitos, de guisa que já queriam detra-

mar, quando elle foi acerca, e como elle chegou prougue a Deus de lhe poer tal esforço que os homens de pé se tiveram muito melhor com elles, e tanto que não ousaram mais de chegar á reguarda, e a pouco espaço João Rodrigues de Sá e outros se vieram pera o conde.

Em esto vendo os castellãos que seu senhor era fugido e que a batalha de cada parte se vencia, perdida toda esperança, sem vontade de mais ferir, começaram todos de voltar atraz e desamparar o campo, assim que em breve espaço concrudida a ardideza de tanta multidão de gentes, ca não durou a batalha espaço de meia pequena hora, até mostrarse de todo ser perdida. Alli vireis uns cavalgar nas bestas que percalçar podiam, sem perguntar cujas eram, por se trigosamente porem a cavallo e em salvo, outros se descarregavam das armas que vestidas tinham, por mais ligeiramente poder fugir, d'elles fugindo a pé iam-se desarmando por correr e mais breve poder escapar, muitos outros voltavam os jaquetes, o de dentro por de fóra por não serem conhecidos, mas depois o fallar da lingua, mostrando sua nação, era azo de seu acabamento.

Os que eram mal encavalgados e outros com muito cançasso não podiam fugir á sua vontade, e com grande medo sahiam-se das estradas e mettiamse por esses mattos, e porque não sabiam o caminho, andavam de uma parte pera a outra, e a gente da terra que em outro dia acudiu muita, faziam em elles grande matança, e se alguns se queriam defender sobrevinham outros de travez e acabavam de matar os que aquelles começado tinham, assim que de balde tomavam trabalho os que se escondiam, ca ahi não havia taes mattos nem logar em que o

fazer podessem, ca todo era campina raza, e porém encalçando-os e attendendo-os em certos passos, tanta mortandade faziam em elles os do termo de Alcobaça e dos logares d'arredor, especialmente nos que a pé fugiam, como os que morreram na batalha, privando-os da vida por desvairadas guisas, porque a nenhum perdoavam morte, mórmente cada um rustico aldeão prendia e matava sete e oito castellãos, e não tinham poder de lh'o contradizer, e se algum trabalhava de dar vida a algum que conhecesse, quer fosse castellão quer portuguez dos que contra o reino vinham, não o podia fazer, ca nas mãos lh'o matavam por força, ainda que não quizesse, não sómente a homens de pequena condição, mas a pessoas de boa conta, assim como fizeram a Diogo Alvares Pereira nas mãos d'Egas Coelho, que passando el-rei, vencida a batalha, viu ir ante si a Diogo Alvares Pereira, irmão do condestabre, e porque ia desarmado da cabeça o conheceu el-rei por detraz, e chamando duas vezes por seu nome, e elle quando se ouviu chamar voltou o rosto por vêr quem era, e el-rei trigou os passos contra elle e travou-lhe dos peitos e disse:

—«Oh! Diogo Alvares, aqui sois vós? Eu vos cuido hoje de ser melhor amigo do que vós a mim fostes servidor».

Em esto alçou-se voz que matavam o conde, e porém não era assim. El-rei movendo pera lá rijamente, deixou a Egas Coelho que o guardasse, e villãos alguns vendo-lhe as armas de Castella, sem lhe valer outra boa razão, foi logo alli morto por elles.

El-rei cançado de seu grande trabalho lançou-se por descançar sobre um refece acostamento, aguardando por alguma besta em que cavalgasse, tendo

presos a par de si D. Pedro de Castro e Vasco Pires de Camões, e jazendo assim d'esta guisa chegou Antão Vasques, cavalleiro, e vinha emburilhado na bandeira d'el-rei de Castella, e como foi ante el-rei, começou de bailhar por sabor ante elle, sem lhe fazer alguem som, e depois que se desenfadou d'aquello, desenburilhou-se d'ella e deitou-a no regaço a el-rei, e disse:

— «Tomae, senhor, essa bandeira do mór inimigo que no mundo tinheis».

E el-rei sorrindo mandou-a guardar, e ás palavras não respondeu nada. Lourenço Martins de Avelar, que presente era, dizia que elle a derrubara, e assim outros, cada um por si, mas nenhum de certo se soube quem fôra, e fallando em esto, chegou o pagem d'el-rei com um cavallo, e trazia um escudeiro castellão preso em cima d'uma mula, as esporas nos braços e um loudel vestido ás avessas por não ser conhecido e o matarem. El-rei quando o viu assim vir homem de prol e de bom corpo, perguntou-lhe porque se leixára prender assim d'aquelle modo? Elle respondeu e disse:

— «Melhor é que me prendesse este moço, que me matar o melhor homem d'armas que havia em vossa hoste».

— «Digo-vos, disse el-rei, que vós dizeis mui bem, e ora vos quero eu dar mór honra da que vos deu quem vos captivou.»

E entance o fez cavalgar na mula e o pagem traz elle, por lhe mostrar andando os mortos se conheceria algum d'elles, e quando os revolviam e conhecia d'esses senhores e fidalgos de Castella, quem eram, descia-se e fazia pranto sobre elles, e assim andou el-rei com elle um pedaço mostrando-

lhe aquelles de que havia algum conhecimento. E por esta guisa como dissemos prougue a Deus e a sua preciosa Madre, da batalha ser vencida e os portuguezes livres de seus inimigos, os quaes vendo como a carriagem de seu senhor estava desamparada e alguns começavam já de roubar, vieram sobre ella muitos de cavallo por tomar a prata da baixella e da capella, sobre o que foi grande arruido e mortos alguns portuguezes, entre os quaes foi ahi morto Mendo Affonso de Beja, e outros que da batalha vivos ficaram, e alli fizeram seu fim, e os castellãos levaram a mór parte d'ella, e a alguns ia cahindo pelo caminho, e os portuguezes começaram d'apanhar desvairadas cousas que lhe ninguem não tolhia, e d'elles se occupavam em revolver corpos sem almas, se lhe achavam algumas cousas de que se aproveitar podessem, e muitos dos que jaziam mortos não tinham nenhuma ferida.

Alli foi achada grão riqueza de prata e ouro e joias, e guarnimentos de desvairadas guisas, como bem podeis entender que traria tal rei e taes senhores como com elle vinham, não por se tornar da guerra começada, mas por continuar no reino até se cessegar, como em cousa que haviam já por sua, e isso mesmo cobraram cavallos e mulas e azemulas e armas e outras muitas e boas cousas que seria longo de nomear, de que el-rei nenhuma cousa tomava a qualquer que as em poder tinham.

E em esta batalha recebeu Castella mui grande perda, assim de condes e mestres e grandes senhores, como fidalgos e d'outra meã gente e d'outro commum povo em grande quantidade.

Mas porque desvairados authores desaccordam no conto dos que ahi morreram, poendo muitos

milhares de mortos e grão somma de capitães, não dizendo porém seus nomes, nós que desejamos escrever certo, sem favor d'alguma das partes, não curamos de sommas que pozeram, salvo da mais pequena, que el-rei escreveu á cidade de Lisboa, dizendo que seriam os que alli falleceram até duas mil e quinhentas lanças, e os mais dos capitães que alli vinham, assim como D. Pedro, filho do Marquez de Vilhena, bisneto lidimo d'el-rei d'Aragão, D. João, senhor de Galiza e de Castanheda, filho do conde D. Tello, D. Fernando, filho do conde D. Sancho, Peró Dias, priol de S. João, o conde de Vilhalpando, João Fernandes de Toar, almirante mór de Castella, Pero Gonçalves de Mendonça, mordomo mór d'el rei, Diogo Gonçalves Manrique, adiantado mór de Castella, D. Gonçalo Fernandes de Cordova, Pero Gonçalves Carrilho, marechal de Castella, João Peres de Godoy, filho do mestre de Calatrava, monseur João de Lara, cavalleiro d'el-rei de França, Fernão Rodrigues, Diogo Carrilho de Mançanela, João Alvares Maldonado, Diogo Gonçalves de Toledo, João Ramires de Arelhano, Alvaro Gonçalves de Sandoval, Fernão Gonçalves seu irmão, Fernão Carrilho de Priego, João Ortiz de las Cuervas, Ruy Fernandes de Tovar, Goterre Gil de Queirós, Gonçalo Affonso de Cervantes, Garcia Dias Carrilho, Pero de Velhasco, Gonçalo Gonçalves de Avila, Lopo Fernandes, e Christovão Fernandes de Sevilha, João Affonso d'Alcantara, Diogo Gomes Sarmento, João de Vallasco, Sancho Carrilho, Diogo de Toar, Ruy Barba, João Duque, Ayres Pires de Camões e Ruy Vasques de Cordova. Estes e outros foram ahi mortos, cujos nomes sendo sabidos, fariam longo razoado.

Outrosim morreram ahi dos fidalgos portuguezes que andavam em Castella, assim como o conde D. João Affonso Tello, que azou ser a batalha, e D. Pedro Alvares Pereira, irmão do condestabre, e Diogo Alvares seu irmão, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e Alvaro Gonçalves, seu filho, e mais Garcia Gonçalves Taborda, e João Gonçalves, alcaide mór d'Obidos e outros que não nomeamos, e da gente meuda não poderemos dizer o conto que certo fosse, é de prosumir, como já tocamos que havia de ser em grão multiplicação, porque elles tinham as villas onde se acolher podiam longe de onde foi a batalha, assim como Torres Novas e Santarem e outras taes, e haviam primeiro de passar por logares seus contrarios e passos perigosos d'elles não sabidos, como quer que os portuguezes d'antiguidade, e por natureza sejam entre si piedosos e por similhante os estrangeiros, pero esguardando os grandes damnos e muitas cruezas que dos castellãos haviam recebido, com seus corações não podiam postar que d'elles não tomassem dobrada vingança.

E dos portuguezes morreram em ella Vasco Martins de Mello, e Bernaldim Sola, Martim Gil de Correixas, e monsiur João de Monferrara e d'outras pessoas de pequena conta, e homens de pé por todos, assim dos que á primeira vez fugiram da reguarda, como no roubar da carriagem quando os castellãos deram volta por tomar a prata da baixella d'el-rei, até cento e cincoenta; e foi esta batalha segunda feira quartoze dias de Agosto da era de Cesar de mil quatro centos e vinte e tres.

CAPITULO XLVI

Como el-rei partiu do campo onde foi a batalha e se foi a Alcobaça.

A batalha feita da guisa que dizemos e fazendo-se bem tarde, foi o conde posto em grão cuidado de poer guarda no arraial de noite, de que nenhum tinha sentido, e andou n'aquello tanto occupado, que era já muito alto serão, quando foi vêr el-rei á tenda, e fallando muitas cousas os que presentes estavam nos feitos da batalha, e como se fizera, havendo-o todos por cousa milagrosa, e dando muitas graças ao Senhor Deus, cuja mercê fôra de o assim ordenar, o conde affirmou entonce e contou a el-rei d'esta guisa:

Que elle vira andar um homem da parte dos castellãos, bem armado em cima d'um cavallo, e que no trajo e geito que com elle tinham os que o acompanhavam, que lhe parecera que era e assim o tinha sem duvida, Pedro Alvares Pereira, mestre de Alcantara, seu irmão, e andando assim entre os outros, que elle vira ir uma lança pelo ar da parte dos portuguezes, não mui levantada da terra quanto podia ser um tiro de bésta de terreiro, e que fôra dar áquelle homem, que elle assim pensava que era seu irmão, e que logo cahira em terra, e não o vira mais.

A qual cousa el-rei houve por muito e quantos esto ouviram, e contavam-n'o depois por milagre, porque nunca mais fôra achado morto nem vivo no campo, nem em outro logar. O conde não comera ainda ne-

nhuma cousa, nem lhe achavam suas azemulas pera lh'o fazerem prestes, el-rei sabendo d'esto parte mandou-lhe mui bem de cear de grande prazer, e tal ceia podiam chamar saborosa e cheia de grande prazer.

Em outro dia se foi o conde em romaria a Santa Maria d'Ourem por devoção, e tomou logo posse do logar, de que lhe el-rei já lhe tinha feito mercê e promettido o condado, des-ahi tornou-se ao arraial, e as gentes diziam que elle fôra soterrar seu irmão, mas tal cousa não era verdade, ca elle nunca mais pareceu vivo nem morto.

El-rei esteve tres dias no campo, segundo costume de taes batalhas, e por o fedor dos mortos que era grande, e por não comprir estar alli mais, ordenou de se partir d'alli logo, e fez soterrar primeiro o conde D. João Affonso Tello, que foi o azador de ser a batalha, e mais não, e os outros jaziam por esse campo, e muitos d'elles nus, sem nenhuns vestidos, porque os villãos e gente da terra não lhe leixavam nenhuma cousa, e era muito que as aves nem lobos nem cães não se chegavam a elles pera os haver de comer.

Entonce el-rei partiu com sua hoste, a qual ia mui abastada de mantimentos, de cavallos e armas e bestas de serventia, e de muitas joias de prata e d'ouro do grande e mui rico esbulho que acharam de seus inimigos, assim na tenda d'el-rei de Castella e d'esses senhores e fidalgos que em sua companhia vinham, como pela grandeza do arraial, e esto como cada um acertava de achar, ca el rei e o conde a nenhum mandavam tomar nada, posto que a cousa de grande preço e valor fosse, nem pedida de grado nem contra vontade, salvo se foi o lenho da vera

Cruz, que tinha Alvaro Gonçalves de Alfena, escudeiro do condestabre, o qual achara um cofre com outras muitas joias, quando ajudou a roubar a capella d'el rei de Castella, em uma cruz d'ouro que tinha d'uma parte quatro pedras preciosas, e da outra uma cruz pequena, em meio d'aquella grande, e tanto que a abriu e levantou a cruz pequena, viu dentro na grande estar o lenho da vera Cruz, o qual logo conheceu, porque fama era no arraial dos portuguezes, ante que se começasse a batalha, que aquelle rei seu contrario trazia em sua capella a vera Cruz que sohia estar em Burgos; e assim como o conde trazia ante si por seu vencedor signal e sua mui prezada devisa a Christo Jesus em sua bandeira, posto na arvore de Santa Cruz, assim prougue a este senhor d'elle ser em conhecimento como a tinha aquelle escudeiro, e o conde que o muito desejou de haver, o mandou logo chamar, e com doces palavras e bom gasalhado, o rogou afincadamente que lhe desse aquelle santo relicario, promettendo de lhe fazer por ello muitas mercês, e o escudeiro lh'a offereceu de tão bom grado como por elle lhe foi requerido, e assim o houve em seu poder; e el-rei levou caminho de Alcobaça, que era d'alli tres leguas, e pouzou o arraial á ponte da Chaqueda, não longe do mosteiro, e alli acharam muitos castellãos mortos, dos que fugiam, por lhe terem o caminho n'aquelle passo aquelles que o abbade D. João mandára, porque alguns escudeiros e homens de pé da comarca do mosteiro, chegavam-se a elle, e do castello d'Alcobaça faziam guerra aos inimigos nos logares que mais a seu salvo podiam, e quando foi o dia da batalha, mandou o abbade um seu irmão com certos homens d'armas e de pé, e bésteiros e aze-

mulas carregadas de pão e vinho e d'outras cousas, ao campo onde el-rei estava, e como soube que era vencido, mandou aos que ficaram que o aguardassem alli, e estes eram os que faziam n'elles grande gasto, entre os quaes jazia morto e muito feio com feridas Ruy Dias de Rojas, um cavalleiro castellão, cuja mulher era cuvilheira d'el-rei de Castella, e ella e o marido haviam grande entrada em sua camara, e ella defumava el-rei com defumaduras de bons e nobres cheiros, e quando alguns senhores entravam na camara áquella hora que ella esto fazia, logo lhes ella alçava as faldas e defumava-os, e dizia-lhes:

— «Todos ireis defumados de bons odores d'el-rei meu senhor, pera perderdes os maus cheiros que sahem d'estes chamorros das casas onde vivem e aldeias onde moram».

Esta dona levava presa Diogo Lopes Lobo, e em querendo passar a ponte viu jazer seu marido defumado e bem acutilado, pero jouvesse mui desfeito e feio ella o conheceu logo e começou de chorar e fazer pranto por elle, e um homem de pé portuguez que a bem conhecia quando a viu chorar e jazer assim seu marido, começou a dizer contra ella:

— «Digo, boa dona, que são das vossas defumaduras que punheis sob as faldas aos cavalleiros? mister havia agora vosso marido umas poucas d'ellas, que tão mal cheira alli onde jaz».

E ella chorando não respondia nada, e outros não quedavam de escarnecer d'ella.

Em aquelle mosteiro mandou el-rei soterrar Vasco Martins de Mello, o moço, e Martim Gil de Correixas, e Bernaldim Sola, e Mem d'Affonso de Beja, e monseur João de Monferrara e outros por-

tuguezes que foram achados menos e conhecidos, jazendo mortos, e fez-lhe el-rei muita honra, como era razão.

CAPITULO XLVII

Como souberam em Lisboa que a batalha fôra vencida, e da maneira que em ello tiveram.

Pois que é já escripto em seu logar o geito que teve a rainha de Castella, quando soube que a batalha fôra vencida e seu marido desbaratado, ora digamos da leal cidade de Lisboa, que maneira teve quando ouviu similhantes novas, e foi assim que sendo ella em duvidosa esperança, sabendo que se não escusava a batalha entre os portuguezes e os castellãos, em que estava o ganho e a perda do reino, salvo se a el-rei de Castella não quizesse, o que não era de cuidar por a muita gente que trazia, faziam seus votos e procissões, rogando afincada e devotamente do mui alto Deus e a sua preciosa Madre que os quizesse ajudar contra seus inimigos, e assim como milagre não se sabe porque guisa a aquellas horas que a batalha foi feita, nasceram na cidade umas mui graciosas novas merecedoras d'alviçaras, as quaes nenhum soube como foram ditas, nem quem as alevantou primeiro, dizendo que el-rei de Portugal vencera a batalha.

As gentes ouvindo tão apraziveis novas, movidos por afincados desejos por saber a certidão d'esto, alçavam-se de seus officios e andando trigosos pela cidade em magotes, perguntavam uns aos outros quem fôra o que dissera aquello? e d'elles respon-

deram que o dissera um homem vestido em roupas vermelhas, que pousava em casa de foão, nomeando-o logo quem era, e indó-se á pressa a casa d'aquella pessoa não achavam novas de tal homem, outros tornavam a dizer, mas em casa de foão pousa elle, iam-se lá, e tão pouco o achavam em um logar como em outro, e assim andavam pelas ruas não se podendo fartar de perguntar uns aos outros a quem ouviram aquellas novas? e depois de grande espaço que em esto despenderam, assecegaram d'aquelle alevantamento, havendo-o por bom começo, e continuando suas preces e devotas orações pelo estado e defensão do reino, e cantando cada dia em todas as egrejas a devota oração de Salve Regina, em honra e louvor da Madre de Deus, e sendo á terça feira seu dia, e muita gente bem tarde na Sé desse logar pera entrarem á Salve Rainha, como haviam em costume, chegou um moço de João Martins, morador em Alemquer, pelo qual elle fez saber aos da cidade que tomassem mui grão prazer porque fossem certos que el-rei seu senhor houvera batalha com el-rei de Castella e que o desbaratara e vencera em campo.

As gentes quando esto ouviram, foi o prazer tão grande em elles, quanto se escrever não poderia, e por a grande ledice que haviam duvidavam muito de o crêr, á uma por ser d'alli vinte e duas leguas e vir tão azinha o recado, á outra com bem que lhes era assim, ainda pensavam que não fosse assim, e todos muito alegres, cessado o rumor do povo, que por grande espaço por esto durou, entraram áquello porque eram alli juntos, e de vontade com muitas lagrimas e preces o acabaram, e se foram pera as pousadas.

Em outro dia, á quarta feira pela manhã muito cedo, veiu um homem d'Oeiras, que são tres leguàs da cidade contra a foz do mar, que havia nome Martim Mealha, e trouve novas certas que el-rei de Castella chegara desbaratado á nau de Pero Afam aquella noite, e que elle o vira, por quanto jazia captivo em ella, e com o envorilho, quando el-rei chegou d'aquella guisa, tivera geito de poder fugir, e fugira.

Alli foi o prazer dobrado em elles, quando firmemente o que dante duvidavam souberam, e ordenaram em esse dia uma geral procissão em que foram todos descalços, homens e mulheres e clerigos e frades, e levaram em ella a imagem de S. Jorge, o mais honradamente que ser póde, e assim chegaram a Santa Maria da Escada, onde disseram missa solemne e prégação, e se tornaram muito ledos pera suas casas, assim que se em Sevilha e em todo Castella foram feitos grandes choros e prantos, em Lisboa e por todo o reino grandes prazeres e alegrias.

CAPITULO XLVIII

Como os da cidade de Lisboa foram receber as bandeiras que lhe el-rei enviou, e da pregação que um frade fez.

Entre as nobres cousas que se em esta batalha acharam, foram achadas outras de muita valia e muito de prazer; s. as bandeiras e pendões d'el-rei de Castella e dos senhores e capitães que em sua companhia vinham, das quaes trazia

el-rei quatro das suas direitas armas, que são castellos e leões, e as de Portugal miscladas com ellas por meio da bandeira contra o cabo, segundo já temos tocado, e esto porque se chamava rei d'ambos os reinos, e estas foram achadas na sua reposte, e estas quatro bandeiras com outra que foi tomada na batalha, mandou el-rei a Lisboa, e mais dois balsões d'el-rei, isso mesmo de sua devisa, cujo campo era verde, e em meio um falcão que nas mãos tinha um bom mote, que em lingua francez dizia: *em bom ponto*, e outro era todo cheio de barras d'ouro, e outro de prata, e diziam alguns que o haviam que aquillo queria significar que el-rei era senhor de dois reinos, e que pelo ouro se entendia Castella e pela prata Portugal.

Quando os da cidade souberam que lhe el-rei mandava aquellas tão prezadas joias, houveram mui grande prazer e sahiram fóra da cidade, todos armados em grão procissão pera as haverem de receber, levaram-nas por onde el-rei de Castella tivera posto seu arraial, quando da outra vez jouvera sobre ella, porque era em vista da frota dos inimigos, e uma bandeira das armas de Portugal ia adeante levantada e as outras e os pendões iam uma ante outra pelo chão arrastando, e quando foram em direito dos navios e galés, davam grandes apupos contra elles, mostrando grande prazer, e assim vieram com tal procissão até á egreja cathedral, onde haviam de ser postas, e alli prégou um frei Pedro, frade da ordem de S. Francisco, grande letrado em theologia, e mui afamado de bom prégador, tomou por thema em seu sermão. — *A Domino factum est istud e est mirabile in oculis nostris*, tornando-o a dizer por linguagem — *O mui*

alto Deus fez esta cousa e é maravilha ante nossos olhos, e feita primeiro uma protestação, que fôra percebido tarde do rezoar que n'ella levou, (leixados os textos por elle alegados) podemos dizer e mais não, e foi d'aqueste geito:

Depois que declarou sagazmente e por muitas razões e escripturas que cousa era maravilha e milagre e signal, e que aquello que os feiticeiros de Farão faziam não eram milagres mas maravilhas em vencer, entonce começou de contar das antigas maravilhas que Deus fizera pelos filhos de Israel, em muitos logares da Biblia, assim como quando houveram de passar o rio do Jordão, que lhes Josué seu guiador e caudilho disse: Santificade-vos, ca de manhã fará o Senhor maravilha ante nós, — e contou-lhe aquella historia como se passara, e disse mais de Josué, como dera de supito sobre cinco reis, que com suas gentes tinham cercada a cidade de Gabaon, e como Deus enviara pedrisco sobre elles, do que muitos mais morreram que á espada; contou do povo de Madiam e de Amalec, como passaram o Jordão contra os filhos de Israel, e como Gedeom com trezentos homens e mais não matára aquelle povo todo, que eram tantos como gafanhotos, e assim d'outras historias que a seu proposito na primeira parte trouxe.

Sermão de frei Pedro, da ordem de S. Francisco.

«Ora pois assim é, disse elle, que já temos vistas algumas maravilhas das que Deus fez nos tempos passados, com o povo dos judeus, ora vejamos n'estes presentes tempos se obrou algumas ácerca de nós que sejam maravilhas ante os nossos olhos,

como diz o nosso thema, e certamente achareis que si, e não sómente obrou maravilhas mas assim como prophecia as prognosticou primeiro por bocca d'alguns, sendo signal do que havia de vir, e vêde de que guisa, nós não curemos fallar d'algumas cousas que os homens tem em costume de chamar milagres, e porém não são assim, como da pestenença que andou entre os castellãos, quando esta cidade jazia cercada, e nunca porém dos muros a dentro tocou nenhum, sendo o arraial tão perto d'ella, e porque aqui fallemos das maravilhas, assaz em verdade era maravilha que no arraial nem na frota nenhuns portuguezes adoeceram de quantos ahi jaziam captivos, e nos castellãos dar tal mortindade; acintemente os deitavam entre os que eram pestenenciados, por morrerem assim como elles, porém a Deus graças, nenhum de tal cousa nunca foi tocado. Nem outrosim não curemos do campo que vistes, em que entrou Gomes Rodrigues, escudeiro portuguez, com outro d'el-rei de Castella, de prazimento d'ambos, quando tinha esta cidade cercada, sobre esta demanda em que somos postos, se era justa da nossa parte ou não, e como o escudeiro castellão foi morto e Gomes Rodrigues não houve ferida, nem el-rei, quando foi pera Coimbra, sendo entonce ainda Mestre, dizendo todos Portugal, Portugal, em boa hora venha o nosso rei.

Ca dirão que lhe podia ser ensinado, e não pondo n'este conto o moço que arrastou o cavallo pela estrebaria em presença d'el-rei de Castella, quando de Leiria partiu pera a batalha, e nunca o poderam frechar nem matar, até que o moço não foi morto de todo. Não curo das novas que aqui foram ditas ás horas que a batalha foi ven-

cida, com que esta cidade foi alvoraçada, nem dos fieis de Deus que alguns contam que jam ajudar aos portuguezes, nem isso mesmo das pombas alvas que o dia da batalha dizem que foram vistas sobre a bandeira d'el-rei nosso senhor, porque umas não tem certos authores, outras podem dizer que foram fingidas ou em costume tem de acontecer, e portanto não são maravilhas, mas contemos das que são bem certas e não tem contradição alguma, e vejamos logo quem mandou a frei João da Barroca, nosso visinho que morava alli, que dissesse a el rei quando lhe foi fallar, sendo Mestre, que se não partisse do reino, ca a Deus prazia d'elle ser rei e senhor d'elle? e d'onde veiu ao Alfageme de Santarem que corregeu a espada a Nuno Alvares, quando per hi foi no começo d'estes feitos, dizer que não queria pagamento por ella, mas que quando por alli tornasse conde d'Ourem, que entonce lhe pagaria seu trabalho? quem constrangeu a boca da filha de Esteveseanes, derreado, morador em Evora, moça pequena de oito mezes nada, que no berço onde jazia se levantou em cu tres vezes, dizendo com a mão alçada: Portugal, Portugal, por el-rei D. João? que diremos nós áquello que contou o nobre fidalgo condestabre Nuno Alvares Pereira, da lança que viu ir pelo ar o dia que a batalha foi vencida, e como deu a aquelle cavalleiro que lhe parecia ser seu irmão, o qual logo cahiu em terra e nunca mais foi visto nem achado no campo nem fóra d'elle, como todos já ouvistes? certamente podemos dizer o que diz o nosso thema, que todas estas cousas obrou o Senhor Deus, e são maravilhas ante os nossos olhos. E ainda vos digo mais, que se bem quizermos esguardar n'estes feitos, que vós achareis que el-rei

de Castella elegeu a el-rei nosso senhor, sendo Mestre, pera ser rei de Portugal, e lhe deu o direito que no reino havia, e Deus lh'o confirmou depois de todo, e vêde de que guisa.

O certo é que se el-rei de Castella guardara os tratos e condições em elles conteudas, que não se tremeteram os povos, nem lhe viera por cuido nem por penso de fazerem regedor nem rei, e elle podera depois mandar sua mulher a esta terra, e pouco e pouco fôra amolentando os corações das gentes, de guisa que por ventura o houvera mui cedo, segundo seu desejo queria, que elles dessegurados estavam de fazer rei nem senhor, mas mui cêdo ante do tempo que devera por se cumprir, como prophecia, o que disseram os concelhos a Vasco Martins de Mello quando a primeira vez el-rei de Castella entrou em este reino, pousando entonce na Guarda, que chegando hi alguns concelhos pera fallar a el-rei sobre sua vinda, era hi Vasco Martins de Mello, copeiro mór da rainha sua mulher, o qual pero fosse portuguez de nação, já era castellão no talante, segundo por obra mostrava, e por azo de lhe dizer á sua vontade cousa porque os demovesse ao desejo d'el-rei, mandou-os um dia convidar todos pera jantarem com elle, e em comendo, de quando em quando iam fallando na vinda d'el-rei, que entrava d'aquella guisa, o qual lhe parecia estranho quebrantar os tratos sem ter razão por que, e que el-rei faria bem de se tornar pera seu reino e não os quebrantar de tal geito, e outras taes razões em que despenderam toda a mesa. Em se acabando o comer disse Vasco Martins contra elles: «ora não curemos d'essas historias, mas perguntovos eu que me digaes quem lhe tolherá a el-rei

meu senhor que não seja rei de Portugal, e que não haja o reino que é seu de direito?» E elle cuidando que respondessem elles: «tolher-lh'o-ha o Mestre que tem carrego de reger e defender,» e elles sahiram-se com outras mansas palavras de que lhe pouco prazia, nas quaes sempre dava aquella resposta, tornando a dizer cada vez: «leixemos estas razões e venhamos a estas que vos digo, rogo-vos que me digaes quem tolherá a el-rei meu senhor que seja rei de Portugal, pois que é seu de direito?» E esto disse por tantas vezes e por tal som, até que um respondeu e disse: «quem lh'o tolherá? quem lh'o tolherá? Tolher-lh'o-ha Deus, que poderá mais que elle?» e assim foi de feito, que vendo o mui alto Deus sua ma vontade e perversa condição, n'aquelle dia de grão trabalho e batalha lhe tolheu a honra e o reino e o deu a el-rei nosso senhor, que o bem merecia por virtudes e cavalheiroso esforço, a qual cousa é maravilha ante os nossos olhos, e se quizermos bem cuidar como isto é maravilha, achareis que é por desvairadas guisas, assim da parte de Deus como da parte dos homens, e isto, em breve por nos espedir, da parte de Deus é n'este modo: cada dia vemos que como quer que os vencimeetos das batalhas sejam duvidosos e de receiar, posto que as gentes em egualdança sejam, pero onde melhor e mais gente ha, aquelles nos diz a razão que todavia devem de ser vencedores e quando se d'outra guisa acerta de ser, havemol-o por maravilha, e dizemos que é obra de Deus; pois que nós digamos que os portuguezes eram eguaes dos castellãos em numero e corregimento, esto seria similhante egualdando a treva á luz, cá os castellãos eram muitos e bem corregidos, assim d'armas e

cavallos como quaesquer outras cousas a taes feitos pertencentes. E os portuguezes muito por contrario, que além de serem assaz de poucos d'elles já velhos e de madura edade, eram provemente e mal amanhados, ca o que tinha cota não tinha loudel, e o que tinha panceira não tinha braçotes, e muitos d'elles com bacinetes sem caras, assim que todas suas armas sendo repartidas como compriam, não armavam o terço da gente, e em tanto que diz com aquelles que os viam, que não pareciam os nossos acerca d'elles senão um pouco de escarneo de vêr, e pois elles poucos e mal corregidos, o que os fez atrever de pelejar com tal multidão e assim guarnida? feze-o a firme esperança que em Deus e em sua preciosa Madre haviam, crendo, como é verdade, que tinham razão e direito em defender sua terra que lhe por força tomar queriam, e a honra da santa madre egreja, d'outra guisa vencer tamanhos arraiaes de gente, não digamos que foi por humanal força, mas por divinal juizo, a que prouve de ser assim, e é grão maravilha ante os nossos olhos. E se alguem disser o contrario por minguar n'esto que eu digo, mostrando que el-rei nosso senhor os não esperou aquella hora, salvo com medo, não podendo mais fazer, e porém não é de louvar, assim como perigo; esto foi mui por contrario, e seu louvor é porém muito mór, e por que assim como em outro tempo Moysés, guiador do povo dos judeus, mandou enculcas á terra de promissão por saber que gentes eram e toda a sua maneira, assim o nobre rei D. João guiador dos portuguezes, mandou primeiro avizar a hoste dos castellãos por saber que gente eram e como corregidos, e pero lhe contassem por certas novas a grão

multidão de seus inimigos, e sua fortaleza e grandes corregimentos, não se espantou porém d'esto, mas como senhor de grande esforço e fouteza, de alto coração, disse ao mensageiro que se calasse pera melhor poder esforçar os seus. E porém ouzadamente posso dizer d'elle e do condestabre, seu fiel companheiro, que d'esto parte sabia, o que encommenda a Santa Escriptura, fallando de similhantes homens, n'aquelle logar onde diz: «louvemos os varões gloriosos des o começo do mundo, grandes em verdade e prudentes em reger o povo, os quaes ganhando boa fama em seus dias mareceram de ser louvados, e a semente dos filhos d'elles durará de geração em geração,» assim o nosso rei e condestabre por louvores e grande fama entre os reis e principes do mundo, esplandecer devem por sempre, nem se poderá ainda dizer que por sageria fóra de costume os venceram e desbarataram, ca alli não houve da sua parte nenhuma arte de nova peleja que nos antigos tempos uzada não fosse, mas os castellãos pero fossem tantos, ainda ordenaram uma az de trons e bombardas com que cruelmente começaram de tirar, e o nobre e esforçado rei, pero d'esto parte soube, e como os fidalgos portuguezes vinham todos na deanteira com dura vontade por levar a honra, não cessou sua oufania e sobejo desprezamento, mas chamando todos a Madre de Deus e o precioso martyr S. Jorge, começaram todos de se offerecer áquella dura e cruel batalha que se a elles enviaram como bravos leões, uma dos portuguezes e outra dos castellãos, e pelejando os inimigos até mais não poder, em breve espaço deram logar á ventura mais poderosa que elles e começaram de fugir. O seu rei que olhando estava como pelejavam

os seus, quando os viu voltar, e sua bandeira abatida, houve grande espanto, com mistura de temor, vendo tanta multidão de gente em tão curta hora morrer ante si, entonce cavalgou e fugiu á pressa, seguindo direita estrada, dos seus mal acompanhado, e colheu-se a Santarem. Oh! que maravilha tão grande, oh! que juizo do mui alto Deus que aquelle que com infinita multidão de hoste cuidou de gastar a terra e tomar o reino que seu não era, fugiu assim d'elle deshonradamente que mais á pressa ser não podia. E os portuguezes cobraram de seus inimigos tão honrosa fama e boa nomeada, que a mui longa velhice não tirará já nunca da memoria, assim que esguardadas todas estas cousas com são e limpo entendimento, achareis que todas obrou Nosso Senhor Deus, e são maravilha ante os nossos olhos; e porém eu posso bem dizer a vós, concelho da cidade de Lisboa e reino de Portugal, que graças e louvores possas dar ao teu Deus, por taes maravilhas e beneficios como este, que por muitas que fossem e em ellas multiplicasses, não parecesses ser ingrato.

Certamente não somos bastantes pera ello por a multidão de nossos pecados, e pois quem lh'as dará por nós? Se os humanaes louvores d'esto não são abastantes, dem-lh'as os seus santos, louvem-no os seus amigos e sejam da ordem dos poderios, a quem esto mais pertence, dizendo em nome de nós todos: Oh! Christo Jesus, imagem de Deus Padre poderoso em virtude e forte nas batalhas, muitas graças e louvores te damos que por a tua infinita piedade quizeste olhar pelos portuguezes o dia de tão grão trabalho, por lhe dar honrado vencimento, contra a sanha dos seus crueis inimigos. A' tua ma-

gestade, humildosamente pedimos que esta tua devota cidade e o outro reino seu ajudador, hajas sempre em tua encommenda e guarda, sendo seu capitão e sua fortaleza, por cuja parte orando digamos aquello que temos em costume: gloria e louvor, benção e poderio, grandeza e exalçamento receba o cordeiro sem magoa, de toda lingua e nação das gentes, agora e sem fim pera todo sempre. Amen.

Ouvida esta prégação com muitas lagrimas e soluços, disseram missa solemnemente e puzeram as bandeiras em cordas atravessadas em meio da egreja.

CAPITULO XLIX

Dos votos que a cidade fez pera sempre por remembrança d'esta batalha.

O seguinte dia depois d'esta pregação, ajuntaram-se os honrados da cidade e muito do outro povo, na camara do concelho, onde tem em costume de fallar seus feitos, sendo presentes assaz letrados e outras religiosas pessoas dos mosteirós d'esse logar, e fallando nos grandes beneficios e muitas mercês que de Deus e da sua preciosa Madre por caminhos não cuidados, sem seus merecimentos, até entonce em suas pressas e tribulações haviam recebidos, e este novamente, que o Senhor Deus fez era sobre todos, julgaram por digno de mui notavel remembrança, e posto que em tal caso poucas alegações fossem compridoras, porém contaram dos antigos tempos os que lhe á memoria por entonce podiam vir, especialmente aquelle frei

Pedro, que o dia dante havia prégado, dizendo como os judeus e gentios em memoria das victorias que de seus inimigos cobravam, faziam festas e templos aos deuses em que criam, e que a memoria que se por tal maravilha devia fazer, cumpria de ser por tal modo feita que nunca o esquecimento a gastar podesse de todo, mórmente pois era tributo devido a Deus e por necessidade. E contou entre as outras cousas, como el-rei Ezechias, quando venceu el-rei Senacherib, pero afferecesse a Deus sacrificios, porque lhe não fez cantar novo, como era costume de se fazer em taes feitos, dera Deus n'elle tão grave doença, que sempre fôra infermo até hora de sua morte.

E por contrario Judas Machabeu, que vencendo a grande hoste da gente de Lisias, com muito poucos comsigo, que acabado aquelle vencimento benzeram e louvaram o Senhor Deus, que lhes dera tão boa andança, e fizeram festa por oito dias, ordenando que a fizessem de anno em anno em seus tempos, com grão prazer e ledice.

E nós, disse elle, seguindo tal exemplo e d'outros taes que é dito, cumpramos o dito do Propheta que nos conselha, dizendo no psalmo: «cantade ao Senhor Deus cantar novo, pois lhe prougue fazer comvosco tamanha maravilha;» d'outra guisa errariamos muito contra Deus, cahindo n'aquelle villão pecado e torpe, que se chama ingratidão, se de tão grão maravilha e beneficio como este não fizessemos uma solemne e nobre remembrança.

Entonce ordenaram que assim como ao Senhor Deus e a sua preciosa Madre prouguera de dar a el-rei tão grande e estremada victoria em vespora de sua mais solemne festa, a hora em que se por

todo o reino seus louvores cantavam, que assim des então pera todo sempre, n'aquella semana da Assumpção da Benta Virgem, fosse junta toda a cidade pera fazerem tres procissões seguintes: uma depoz a outra, e a primeira fosse ao mosteiro da Trindade s. todos descalços, e depois da procissão dizerem tres missas cantadas á hora da Santa Trindade, e que a segunda fosse ao altar do Salvador, no mosteiro de S. Francisco, isso mesmo descalços, e acabado o sermão dissessem cinco missas em louvor das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Em a terceira procissão se juntassem todos e fossem calçados a Santa Maria da Graça, do mosteiro de Santo Agostinho, com aquella solemnidade e festa que tinham costume de fazer por dia do corpo de Deus, e depois do sermão dizerem sete missas cantadas á honra dos sete gozos da Virgem Maria.

E ordenaram mais que por dia de S. Vicente, principal patrão da cidade, por cujos rogos ante Deus entendiam ser muito ajudados, fizesse procissão na egreja cathedral, e fosse onde jaz o seu corpo, e de cada mister lhe fosse offertado um cirio. Isso mesmo outra honrada procissão em dia do martyr S. Jorge, seu grande esforço e appellido nas pelejas, e fosse á sua egreja. As quaes devoções que em seu tempo se ordenaram de fazer, foram logo escriptas e postas em estatutos, que por sempre prometeram de guardar.

Esta foi a maneira que a mui nobre cidade de Lisboa, cuidadosa da saude do reino, ordenou por remembrança de tamanha mercê e beneficio como em aquella batalha todos de Deus haviam recebido.

CAPITULO L

Como Santarem foi desamparado dos castellãos, e os moradores d'elle alçaram voz por el-rei do Portugal.

Já ouvistes como o Mestre de Christo e o prior D. Alvaro Gonçalves, e Rodrigo Alvares, irmão do condestabre, foram presos na peleja de Torres Novas, e jaziam no castello de Santarem, e quando el-rei chegou á meia noite como dissemos, e ouviram o alvoroço como a batalha fôra vencida e que elle vinha fugido d'ella, foram postos em grandes pensamentos, não sabendo que maneira el-rei queria ter sobre a guarda do logar e sua prisão, porque elles bem sabiam que el-rei tinha esta villa em grande conta, como era razão, mais que outro logar que por elle estivesse, em tanto que indo-se Diogo Gomes Sarmento, que d'ella era alcaide, e fronteiro mór na Estremadura, pera el-rei a Leiria, onde entonce estava, pera ser com elle na batalha, não disse el-rei a nenhum de quantos lá foram, o que a elle fallou com gesto não ledo, dizendo perante todos.

—«Que é esto, Diogo Gomes? que viestes a cá fazer? ou como leixastes a Santarem?»

—«Senhor, disse elle, vim por vos servir e ser presente em qualquer cousa que vós fordes».

—«Tornae-vos, disse el-rei, que me não praz aquelle logar estar sem vós».

—«Não me mandeis tornar por mercê, respondeu elle, ca o logar em bom recado fica, e eu não me

El-rei disse que tal ficada lhe não cumpria de fazer, ca o não sentia por sua honra. E elle lhe pediu que pois assim era, que lhe quitasse a menagem que por o logar feito tinha, e el-rei vendo esto lh'a quitou entonce, dizendo que trouxesse, quando se partisse, o mestte de Christo, e o prior D. Alvaro Gonçalves, e Rodrigo Alvares, e Gonçalo Annes Vieira, e elle disse que taes pessoas não podia levar comsigo, por serem homens que por seu azo lhe podia vir damno d'alguns portuguezes, ou que elles por ventura o poderiam matar.

—«Pois assim é, disse el-rei, dae-os ao demo, leixae-os».

E entonce se partiu el-rei. Ora assim foi que D. Gonçalo Nunes de Gusmão, mestre d'Alcantara, que esteva na batalha com certos ginetes, pelejando com os da carriagem, como dissemos, depois que viu que era perdida e todos derramavam quem melhor podia, partiu á pressa por onde el-rei encaminhara, chegando-se a elle muitos de cavallo por irem com elle mais seguros, e por o grande e trigoso andar estorvaram muitos cavallos aos que assim fugiam, e elles decepavam-n'os por não prestarem aos portuguezes, e as armas que levar não podiam, levavam-nas ao collo, cuidando o que era razão de cuidar, que Santarem estava por Castella e que alli achariam acolhimento.

O Mestre chegou alta manhã a Santarem, e soube parte como el-rei se partira e porque guisa, e não se deteve mais nenhuma cousa, mas passou o Tejo e levou caminho de Castella.

Rodrigo Alvares Santoio, e Gomes Peres de Val de Ravanos, que tinham as fortalezas do logar ambos, quando viram que o mestre assim passava e

que todos os que fugiam da batalha se iam em sua companhia, por mais segurança, partiram-se do logar e foram-se em poz elle, e isso mesmo quantos no logar de cavallo havia, que d'esto parte souberam e o fazer podiam, de guisa que apodavam com os que iam com o mestre, até tres mil de cavallo, afóra muitos de pé, e não era maravilha serem tantos, ca em Santarem estavam de cavallo e homens d'armas tambem peões e bésteiros mais que em outro logar que no reino houvesse; e os castellãos que da batalha escaparam, cada uns fugiam por onde melhor podiam, e porém a mór parte de todos trouveram caminho de Santarem por duas razões. A uma cuidando que o logar estava por Castella, que era villa em que poderiam estar seguros e haver bom acolhimento pera si e pera as bestas. A outra pensavam como era verdade que el-rei de Castella por alli viera, que onde seu senhor estivesse deviam elles de ser, e por tanto foi muita gente que por ali fugio.

Quando o priol e o mestre viram como se Rodrigo Alvares e Gomes Peres partiam d'aquella guisa, trabalharam de quebrar os ferros que lhe ninguem tolhia. Outros dizem que elles mesmos os soltaram ante que se fossem, e que se prometeram de se fazer boas obras. Ora de qualquer guisa que fosse, o priol que era mais avisado em feito de guerra, disse logo ao mestre que era bem de poerem recado nas portas da villa, que os castellãos que da batalha fugiam, não se colhessem a ella, e foram-se trigosos pela manhã bem cedo ás portas com pendão alevantado e muitos portuguezes e judeus e mouros que no logar moravam, com elles de mistura, e começaram de bradar altas vozes ás portas e pelos muros:

«Portugal, Portugal, por el-rei D. João, morram os traidores scismaticos castellãos.»

E elles ouvindo tal appellido, que costumados não haviam, cuidando que el-rei ou Nuno Alvares entravam no logar, com temor da morte começaram de fugir, e não sabiam por onde, o alvoroço era mui grande, e com tal torvação de suspeita fugiam d'elles pelos muros e d'elles por desvairados logares, cada um como melhor podia, e os que não haviam vagar de se vestir mettiam-se nas egrejas por poderem alli escapar.

Esto se fez assim porque poucos souberam parte da vinda d'el-rei, e partida como fôra, e isso mesmo do alcaide, e jaziam todos desigurados nas camas.

Os portuguezes matavam alguns e prendiam d'elles quantos podiam, mas em roubar o que lhe achavam era mór occupação, e não sómente os homens mas as mulheres os ajudavam a roubar e prender; assim que dos que fugiam da batalha, como dos que estavam no logar, houveram grande roubo de muitas cousas, e esteve logo a villa por el-rei.

CAPITULO LI

Como el-rei chegou a Santarem e mandou pèra sua terra os castellãos que hi achou.

Partiu el-rei d'aquelle mosteiro e chegou a Santarem, que eram d'alli dez leguas, e achou a villa desempachada dos castellãos que lhe podiam dar estorvo, ca dos outros mui muita gente ficou hi d'elles, e sahiram-n'o a rece-

ber o mestre de Christus e o priol, e Rodrigo Alvares, e todos os outros do logar com grão prazer e alegria, dando todos muitas graças a Deus que lhe tão bemaventurado vencimento dera, porque os livrara do poder de seus inimigos.

El-rei, como chegou, pousou na Alcaçova, e soube que todos os mosteiros e egrejas jaziam cheios de gentes de Castella, que não ouzavam sahir por medo de os matarem, afóra muitos que tomaram presos, os quaes eram tantos que passavam de mil pessoas, e não os podiam vêr fartos d'agua, porque o logar tem longe e fragosa serventia d'ella, ante os levavam ao Tejo a beber presos em cadeias e cordas como bestas, e um dia vindo uma cadeia cheia d'elles pela rua, que traziam de beber, encontraram com Fernão d'Alvares, Veedor da casa d'el-rei, que já por vezes temos nomeado, e um d'elles que era cavalleiro, disse entonce a Fernão d'Alvares:

— «Senhor, disseram-n'os que sois homem honrado e que haveis bom logar em casa d'el-rei nosso senhor; pedimos-vos por mercê que lhe digaes que nos mande matar ou nos mande dar de comer, que perecemos todos á fome.»

El-rei como houve d'esto noticia, mandou chamar os officiaes da villa a que esto pertencia, e disse que ao menos se quer de pão os provessem, pois que d'outra cousa não podia ser, de guisa que não morressem de fome, e acharam que se não podia fazer por razão dos mantimentos que eram poucos, por azo da guerra que havia tempo durava.

— «Nem eu, disse el-rei, poderia postar com minha vontade de os vêr todos perecer á fome que os ante não mandasse pera sua terra».

Entonce posta de parte toda a vingança que d'elles tomar podera, mandou que nenhum não lhe fizesse mal, mas que os soltassem e se fossem pera suas terras, salvo se foi Pero Lopes d'Ayala, um bom cavalleiro e mui honrado fidalgo de Castella, que por geito mudado e com continencia de simples homem fugiu com outros pera aquelle logar onde cada dia recebia esmola com aquelles a que a condessa velha D. Guiomar mandava dar de comer, com piedade que havia d'elles, e um dos homens que levava a esmola o conheceu bem e o disse á condessa, e ella lhe mandou dizer que a fosse vêr, e elle se escusava muito de tal ida, mazelando-se quanto podia que não era pera ir ante ella, e quando viu que o forçavam de todo, indo pelo caminho, descobriu-se áquelles que o levavam, prometendo-lhes de os fazer ricos e bemaventurados, o que elle bem podia fazer, dizendo que se fossem com elle pera Castella e o não levassem ante a condessa, receando o que lhe depois aveiu, e rezoando muito sobre esto, não consentiram os que o levavam e apresentaram-n'o ante ella, e sendo conhecido folgou muito com elle por o grão proveito que se lhe de tal pessoa seguia, tendo-o bem guardado, soube-o el-rei e mandou-lh'o pedir, e ella lhe mandou pedir por mercê que lh'o desse pera phaver or elle entrega do damno que lhe fôra feito em seus bens pelos castellãos que na villa estavam, e el-rei disse que se não podia fazer, porque entendia por elle d'haver outros prisioneiros que tinha em Castella, e não lh'o quiz dar, de que á condessa pezou muito.

D. Pedro de Castro leixou el-rei aos gascões, que o tomaram, porque não tinham d'elle proveito ain-

da que lh'o comprar quizera, ca elle tomaram-lhe todos seus bens como sabeis e já disse e tendes ouvido, e, porém não havia que fazer d'elle, e dois d'elles fugiram com elle pera Castella, prometendo D. Pedro de lhe dar duas mil dobras a cada um, de que depois houveram má paga, por elle não ter prestes como lh'as dar.

Alguns foram entonce reteudos por certos portuguezes, mas estes foram tambem mui poucos, de que não ha de fazer conta, e toda a outra multidão disse el-rei que leixassem ir livremente, havendo por grão vingança poder-se vingar e não querer, e não sómente uzou d'esta bondade, mas ainda encommendou a alguns portuguezes que partir queriam pera as comarcas d'onde eram acerca do Estremo, assim como Gonçalo Eanes de Castel de Vide, e alguns outros, que os levassem comsigo e não consentissem de lhe ser feito damno.

Assim que bem podemos dizer n'este logar que se alguns antigos principes são louvados de não tomar vingança, como Honorio e Vespasiano e outros taes, contando-lh'o por grão virtude, grão parte de tal louvor este tem nobre rei D. João, ca elle bem se podera vingar sem prasmo de seus inimigos, que vinham por o destruir e matar se poderam, mas a nobreza de sua caridade uzou com elles de maviosa compaixão, não sómente de lhe escusar a morte, mas de os não metter a outra servidão ou haver d'elles muitas rendições que se entonce haver poderam. Outro sim mandou chamar algumas donas portuguezas que na villa estavam, cujos maridos tiveram com Castella, e d'elles morreram na batalha s. assim como Ignez Affonso, mulher de Gonçalo Vasques d'Azevedo, e D. Sancha,

filha do conde João Fernandes d'Andeiro, mulher d'Alvaro Gonçalves, filho d'este Gonçalo Vasques, e a condessa D. Maria, mulher que fôra do conde D. Alvaro Pires de Castro, e outras, e perguntou-lhes que tenção tinham ou que queriam de si fazer? ellas disseram que aquello que sua mercê fosse, e fallando sobre esto algumas razões disse el-rei contra a mulher de Gonçalo Vasques:

— «Dizei-me Ignez Affonso, de qual Burgos ou de qual Cordova era Gonçalo Vasques natural pera ter antes com os castellãos que com os portuguezes?»

— «Era natural, disse ella, de muita má ventura que tinha guardada, que o trouxe a morrer má morte.»

—«Má morte morraes vós, disse el-rei, que vós matastes vosso marido e vosso filho.»

Isto dizia elle porque sabia bem que por azo d'ella tiveram elles com el-rei de Castella.

—«Senhor, disse ella, nunca vi nem ouvi dizer de mulher que matasse o marido e o filho por sua vontade.»

—«Abasta, disse el-rei, não curemos mais d'essas razões, se vós quizerdes ir pera Castella hi-vos, se quizerdes ficar, ficae.»

E ellas responderam que se queriam ir; entonce lhes deu el-rei licença e mandou que lhe não fizessem nojo, e d'ellas se vieram metter na frota de Castella, que estava ante Lisboa, e em ella se foram, e outras partiram por terra, e isso mesmo fez a condessa D. Beatriz, que fôra mulher do conde de Barcellos, e D. Mayor Portocarreiro, que fôra mulher do conde de Vianna, que mataram a par de Penella, segundo é escripto em seu logar.

CAPITULO LII

Como el-rei deu ao condestabre o condado d'Ourem e os outros logares, e elle pagou ao alfageme a espada que lhe corregera.

EL-REI em Santarem como dissemos, com esta bem aventurança que lhe Deus havia dado, não teve geito de fazer em si mudança, mas se ante era companheiro e prestador aos seus, muito mais o foi depois, mostrando a todos mais amor e gasalhado que até alli em costume tivera fazer, em quaesquer cousas que lhe requeriam, e deu logo o castello a Vasco Martins de Mello, e foram-lhe entregues o conde D. Gonçalo e seu filho, e Ayres Gonçalves, e outras pessoas, e alli accrescentou e fez grandes mercês de terras e bens e aprestimos a muitos d'aquelles que com elle estavam, assim aos que novamente fizera cavalleiros, como a outros que nomear aqui escusamos, ca d'elles dava grandes dadivas de dinheiros que em sua camara trazia, assim a alguns que houveram feridas na batalha, como a outros que o não foram, com cartas e alvarás que os houvessem de receber, e se fazia mercê de taes bens que n'este reino tivesse algum mosteiro de Castella, assim como tinha Santo Espirito de Touro, ou outro similhante, mandava poer na carta que por quanto el-rei de Castella com todos seus naturaes andava em escomunhão maior, pronunciado pelo papa de Roma, cuja voz elle tinha, que porém perdiam de todo os bens que em seu

reino haviam, e elle os podia dar, e entre todos aquelles que el-rei tinha em vontade de accrescentar, assim era Nuno Alvares Pereira, seu honrado condestabre e muito fiel servidor, e fallando um dia com elle a de parte, disse que sua vontade e tenção era, esguardando os muitos e notaveis serviços que lhe feito tinha e esperava d'elle receber, de o accrescentar em nome e rendas e dignidade de honroso estado, e pois elle era seu condestabre, officio na guerra do reino, que d'ahi em deante lhe prazia que fosse mais conde de certo condado, o qual lhe logo queria dar, segundo já com elle fallara.

Nuno Alvares respondeu a esto com grande mesura e assecego, dizendo que lh'o tinha em grande mercê, mas que sua vontade não era acceitar tal honra e dignidade, salvo se lhe elle primeiro prometesse de em sua vida não fazer outro nenhum conde, mas d'outra guisa que o não queria ser. E el-rei disse que lhe prazia muito, e assim lh'o prometeu e authorgou.

Entonce o fez conde d'Ourem, como costumava de fazer, com todas as rendas e terras e villas que João Fernandes Andeiro, cujo fôra aquelle condado, havia ao tempo de sua morte. E mais lhe deu Borba, e Villa Viçosa, e Estremoz, e Evora-Monte, e Portel, e Monte-Mór-o-Novo, e Almada, e Sacavem, com seus Reguengos, e o serviço real das judeus de Lisboa, e Porto de Mós, e o Rabaçal, Bouças, e Alvaiazere, e terra de Pena, e terra de Basto, e o Arco da Baulhe, e terra de Barroso, e mais em aprestimo todas as rendas e direitos que el-rei havia na cidade de Silves e Villa de Loulé, e no reino do Algarve, e diziam os que esto viam

que esta fôra a mais formosa e rica doação que nenhum rei que na Hespanha fosse fizesse a algum seu vassalo com que devido não houvesse, e estimavam as villas e cercadas e terras chãs, que sua renda passava de dezeseis mil dobras.

Ora assim aveiu, segundo em seu logar dissemos, que Nuno Alvares quando chegou a Santarem em companhia do priol seu irmão, logo no começo d'estes feitos, ante que o conde João Fernandes fosse morto, mandara correger uma espada a um alfageme, e corregida á sua vontade não quiz por ella nenhum pagamento, posto que Nuno Alvares lh'a mandasse mui bem pagar, mas disse que quando elle por ahi tornasse conde d'Ourem que entonce lhe pagararia seu trabalho.

E assim sendo este alfageme homem de muito boa fazenda e havendo grande afeição com os castellãos que em Santarem estavam, como se portuguez não fosse, chamando-lhe por esto os do logar scismatico, como chamavam a quaesquer outros, e por este azo quando el-rei chegou a Santarem não minguaram razões a um escudeiro que lhe d'este alfageme fosse dizer, porque lhe el-rei deu seus bens todos e mais o corpo por seu prisioneiro.

A mulher como viu os bens tomados e o marido posto em prisão, foi-se ao condestabre onde pousava, fallou-lhe o que a seu marido com elle haviera quando lhe corregou a espada, da qual não fizera por entonce nenhum pagamento até que por alli tornasse conde d'Ourem, e que por quanto a Deus prouguera de o elle ser e seu marido era preso, e os bens tomados, que elle lhe enviara pedir por mercê que em pagamento da espada que lhe ante d'esto havia corregido, houvesse com el-rei que

lh'o mandasse soltar da prisão e entregar o seu que lhe tomado tinham por falsa informação; o conde foi bem lembrado como se todo assim passara, e logo cavalgou e se foi a el-rei contando-lhe como lhe com elle haviera, pedindo-lhe por mercê que por sahir de tal divida e obrigação o mandasse soltar e entregar seus bens, el-rei foi mui ledo de o assim fazer, e foi logo solto e entregue do seu, e assim foi comprida sua prophecia que haviam por muito quantos em esto fallavam.

CAPITULO LIII

Como se o conde fez prestes pera entrar em Castella, e da maneira que em ello teve.

ESTA ida que o conde fez a Castella, não ficou sem memoria de escrivães, mas que o demoveu logo a fazer tal entrada sendo ainda a victoria d'aquella poderosa batalha tão tenra e fresca na vista dos homens, n'isto desvairam em seu rezoar, e porque uns dizem que tendo el-rei que a frota de Castella seria já partida de sobre Lisboa, ordenou que o conde e Alvaro Gonçalves Camello, priol do Hospital, e outros cavalleiros com elles, até oitocentas lanças e seis mil homens de pé, fizessem entrada em Castella, mas tal opinião por nenhuma guisa devemos aprovar, porque não é de crêr que el-rei aquelle tempo enadesse trabalho sobre trabalho ao condestabre, em que longos dias havia que fôra assaz occupado.

Outros contam que por quanto elle era fronteiro mór d'aquella comarca, que el-rei lhe mandou que se fosse pera ella, e que estando o conde em Evora, soube parte como alguns castellãos entravam furtivelmente na terra á guisa d'almogavares, e poz em seu desejo de tomar d'elles emenda; e que este foi o azo de sua entrada. Mas nós havemos por mais verdadeira outra intenção que d'elle arrezoam, dizendo que o conde como era sagaz homem e mui percebido e avisado nos feitos da guerra, que vendo o desbarato e grão torvação em que el-rei de Castella e as gentes de seu reino por entonce eram postos, que em quanto lhe durava a dôr d'aquella grão perda, a uns por sentido e a outros por ouvida, e seus corações tristes, descuidados de tal cousa, que entonce podia fazer uma entrada com muita sua honra e serviço do reino, e ainda proveito dos seus, e que indo pera Evora, quando se despediu d'el-rei, que logo partiu com esta intenção.

Ora de qualquer guisa que fosse, passados não muitos dias depois d'aquella victoria, no começo do mez de Setembro, estando o conde em Evora, mandou chamar as gentes d'arredor que os não leixou mais assocegar, assim homens d'armas que com elle aguardavam continuadamente, como peões e bésteiros, que se fossem todos a uma villa que se chama Estremoz, que são d'alli seis leguas, onde foram juntas até mil lanças e dois mil homens de pé e besteiros com elle, e porque ao virtuoso coração praz muito de tomar conselho, fallou o conde com aquelles que tinha em costume de fallar, e a conclusão das palavras foi esta, dizendo que por serviço d'el-rei e do reino, sua vontade era de entrar em Castella, e todos outhorgaram que era bem

eramos tantos e elles tão poucos que em verdade a meu parecer havia cento de nós pera um d'elles, e nunca os poderam arrancar atraz, sómente uma passada».

—«Isso me praz a mim mais, disse entonce o conde, havel o eu ante com elle que com outro nenhum, e provesse ora a Deus que estivesse o mestre d'Aviz hi acerca d'elle pera se vingar a deshonra que el-rei nosso senhor e toda Castella ha d'elle recebida.

Assim que estes senhores aqui nomeados e outros grandes capitães e cavalleiros da fronteira, e dos logares d'aquellas comarcas, foram todos juntos pera esperar o conde e lhe vedar sua entrada.

CAPITULO LIV

Como o conde entrou por Castella e veiu a elle o mestre Martim Annes e não ouzou de pelejar.

O conde prestes pera entrar e os inimigos [illegible] ebidos de receber, partiu o conde de [illegible] noz pera villa Viçosa e des-ahi foi a [illegible] de Castella, e passou por Odiana [illegible] ce, cidade dos inimigos, uma le- [illegible] gunda feira que eram dois dias [illegible] e hi se alojou por aquelle dia, [illegible] quelle logar dar torvação em [illegible] do seu alojamento, levantou- [illegible] ito grande porco, o qual em [illegible] o, havendo-o por bom signal,

como é de costume, dizendo que algum grande senhor de Castella havia de morrer n'aquella entrada, e assim aconteceu depois.

E no seguinte dia partiu o conde d'alli e foi dormir ao Almendral, aldeia de Badalhuce, pobração de trezentos visinhos, seis leguas d'aquella cidade. E aquella noite foi grande revolta entre as gentes do arraial por os muitos vinhos que hi acharam, da qual cousa ao conde muito desprougue, e foi posto em grão cuidado.

Em outro dia ante que partisse, ordenou sua batalha da vanguarda e reguarda, e alas direita e esquerda, s. elle na vanguarda, que d'outra pessoa nunca fiava, com aquelles que lhe prougue, e o priol do Hospital na reguarda com certos cavalleiros e outras gentes, e Gonçalo Annes de Castel de Vide em uma das alas, e Martim Affonso de Mello na outra, e a carriagem em meio, e homens de pé e bésteiros em seus logares, regidos como cumpria, e assim andavam todos muito de seu vagar, por onde quer que o conde queria. E partindo do Almendral, chegou a outra aldeia onde chamam a Parra, que são onze leguas do Estremo, logar de quatrocentos visinhos, e jaz em uma ladeira bem formosa povoação, e como hi foi, logo hi chegou o mestre d'Alcantara Martim Annes da Barbuda, que estava de alli meia legua no castello da Feira, com trezentas lanças, mostrando que queria dar nas azemulas da hoste que iam á herva, e o conde sahiu logo do lugar fóra onde estava já aposentado, e pouca gente com elle, e foi contra o mestre e não o quiz aguardar, e colheu-se a uma serra mui alta que está a par d'aquelle castello da Parra; partiu o conde com sua hoste e chegou a Çafra, e o mestre D. Martim

Annes começou de decer mui rijo da serra d'onde estava com suas gentes e com outros muitos que lhe despois recresceram, mostrando de dar na hoste do conde, o qual quando o viu decer foi a elle pela serra por onde elle decia e feze-o voltar, e voltou tão rijo e mais do que começara a decer, e tornou-se á serra poendo-se no mais alto d'ella.

O conde partiu de Çafra e foi á Fonte do Mestre, que era d'alli duas leguas, logar cercado de boa pobração, e passou por elle e por outros, e foi-se a Villa Garcia, logar de D. Gonçalo Fernandes, que depois foi mestre de Santiago, e acharam o castello desamparado, porque as gentes do lugar com temor fugiram todos d'alli leixando em elle muito do que tinham, pero que o castello fosse assaz forte, receando de se tomar por força, e o condestabre o foi dentro vêr, e acharam uma grande e formosa caldeira, a qual o conde mandou levar pera sua cosinha, e andando em ella havia já dezaseis annos, soube como era d'uma confraria de S. Pedro, por a qual razão logo de Portel, onde entonce estava, a mandou tornar a aquelle lugar onde fôra filhada.

FIN DO QUARTO VOLUME.

INDEX

PAG.

CAPITULO I. — Dos officios que el-rei deu a certas pessoas, e d'algumas cousas que então foram determinadas em côrtes 10
CAPITULO II. — Da carta que el-rei deu á cidade de Lisboa por confirmação de seus priviiegios 16
CAPITULO III. — Dos logares que el-rei deu a Lisboa por termo 19
CAPITULO IV.—D'algumas cousas que n'esta sazão aconteceram 21
CAPITULO V. — Como o Condestabre partiu pera o Porto, e das razões que disse aos seus 27
CAPITULO VI. — Como o condestabre tomou o castello de Neiva 31
CAPITULO VII. — Como o Conde tomou Vianna 33
CAPITULO VIII. — Dos logares que se deram ao condestabre sem peleja e de seu grado 34
CAPITULO IX. — Como el-rei chegou á cidade do Porto, e foi recebido dos do logar 36
CAPITULO X. — Como el-rei ordenou de tomar Guimarães 40
CAPITULO XI. — Como el-rei tomou a villa de Guimarães 43
CAPITULO XII. — Como foi combatida a primeira cerca e Ayres Gomes preitejado 46
CAPITULO XIII. — Como se escusou el-rei de Castella de não accorrer Ayres Gomes e foi entregue a villa a el-rei de Portugal 51
CAPITULO XIV. — Como a cidade de Braga foi tomada . 54
CAPITULO XV. — Como se azou o começo pera Ponte de Lima se tomar 56
CAPITULO XVI. — Como el-rei partiu de Guimarães pera Ponte de Lima 59
CAPITULO XVII.—Como el-rei entrou na villa e a cobrou 61
CAPITULO XVIII. — Como Lopo Gomes foi combatido e entrado por força, e mandado preso ao Porto 65
CAPITULO XIX. — Dos fidalgos castellãos que entraram por Portugal e até onde fizeram sua entrada 70
CAPITULO XX. — Como foram concordados Martim Vasques e Gonçalo Vasques, por azo de João Fernandes Pacheco 74

PAG.

CAPITULO XXI. — Como pelejaram os capitães de Castella com os portuguezes, e foram vencidos os castellãos 77
CAPITULO XXII. — Como el-rei e o condestabre partiram de Guimarães 83
CAPITULO XXIII. — Como el-rei partiu de Torres Novas caminho de Santarem 85
CAPITULO XXIV. — Como el-rei e o condestabre se foram a Alemquer e partiu o conde pera Alemtejo 87
CAPITULO XXV. — Como el-rei partiu de Alemquer pera Abrantes e mandou chamar o condestabre 91
CAPITULO XXVI. — Como el-rei de Castella chegou a Elvas, cuidando de a tomar, e se alçou de sobre ella e foi á cidad Rodrigo 94
CAPITULO XXVII. — Do conselho que el-rei houve com os seus antes que entrasse no reino 97
CAPITULO XXVIII. — Como houve outras razões em contrario das que ouvistes, que el-rei por entonce não devia entrar em Portugal 100
CAPITULO XXIX. — Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e d'algumas cousas que se aqueceram antes da batalha 104
CAPITULO XXX. — Do conselho que el-rei teve com os seus sobre o poer da batalha, e das razões que hi foram falladas 107
CAPITULO XXXI. — Das razões que el-rei disse aos do conselho e como mandou chamar o condestabre 112
CAPITULO XXXII. — Do recado que o condestabre enviou a el-rei de Castella, e das razões que mandou ao que prenderam que dissesse perante el-rei 117
CAPITULO XXXIII. — Do recado que el-rei de Portugal enviou a el-rei de Castella, e como chegou ao campo e ordenou a batalha 120
CAPITULO XXXIV. — Como os fidalgos da hoste d'el-rei de Castella vieram fallar ao condestabre, e das razões que com elles houve 125
CAPITULO XXXV. — Do conselho que el-rei de Castella teve, se poeria batalha ou não 132
CAPITULO XXXVI. — Do conselho que deu D. João Affonso Tello a el-rei de Castella, que todavia fosse á batalha, nas quaes razões el-rei outhorgou 137